

Universidade de Évora

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E TERRITÓRIO

“OS ESPAÇOS ABERTOS NO SISTEMA URBANO DE BEJA”

Relatório de Estágio – Mestrado em Arquitectura Paisagista

Ana Paula Velhinho nº 6102

Orientadora: Professora Doutora Arqt.^a Paisagista Aurora Carapinha

Co-orientadora: Engenheira Agro-Pecuária Fátima Cruz

Agosto de 2011

Universidade de Évora

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E TERRITÓRIO

“OS ESPAÇOS ABERTOS NO SISTEMA URBANO DE BEJA”

Relatório de Estágio – Mestrado em Arquitectura Paisagista

Ana Paula Velhinho nº 6102

Orientadora: Professora Doutora Arqt.^a Paisagista Aurora Carapinha

Co-orientadora: Engenheira Agro-Pecuária Fátima Cruz

Agosto de 2011

ÍNDICE DE FIGURAS	5
ÍNDICE DE QUADROS	9
RESUMO	11
ABSTRACT	12
INTRODUÇÃO	13
1. CONCEITOS – ABORDAGEM TEÓRICA	15
1.1 Espaços Abertos	15
1.2 Estrutura Verde Urbana	17
1.3 Estrutura Ecológica Urbana	18
2. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE BEJA	20
2.1 Contextualização	20
2.2 Os principais instrumentos de gestão urbana da cidade	21
2.3 Evolução dos espaços abertos no desenho urbano de Beja	23
2.3.1 As características da cidade romana	24
2.3.2 As características da cidade medieval	25
2.3.3 Intervenções urbanísticas sob influência do renascimento	27
2.3.4 Intervenções urbanísticas do final do séc. XIX ao séc. XX	28
2.3.5 Intervenções do Programa Polis	32
3. CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS	37
3.1 Metodologia utilizada na caracterização	37
3.2 Conceitos e tipologias abordadas	38
3.3 Critérios definidos nas fichas de inventariação	41
3.4 Síntese da caracterização dos espaços abertos	43
3.4.1 Distribuição dos espaços abertos públicos no tecido urbano	43
3.4.2 Continuidade entre os espaços abertos	44
3.4.3 Conclusão	46
4. ACOMPANHAMENTO DA REQUALIFICAÇÃO DO JARDIM PÚBLICO	53
4.1 Contexto histórico	53

4.2 Situação actual	56
4.3 Acompanhamento das obras de requalificação do Jardim	58
4.4 Conclusão da requalificação do Jardim público	60
5. INTERVENÇÕES NO ESPAÇO ABERTO PÚBLICO	61
5.1 A vegetação na concepção dos espaços abertos	61
5.2 Intervenção no espaço exterior da Urbanização do Seminário	62
5.2.1 Localização	62
5.2.2 Caracterização do espaço de intervenção	63
5.2.3 Proposta para o plano de plantação	63
5.3 Intervenção na Rua Ramalho de Ortigão	65
5.3.1 Localização	65
5.3.2 Caracterização do espaço de intervenção	66
5.3.3 Proposta	66
5.4 Conclusão das intervenções no espaço aberto público	67
5.4.1 Espaço exterior da Urbanização do Seminário	67
5.4.2 Rua Ramalho de Ortigão	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
BIBLIOGRAFIA	71
ANEXOS	72

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Planta de Hyde Park, Londres séc. XIX. Fonte: www.royalparks.org.uk/parks/hyde_park/landscape_history.cfm (pág. 16).

Figura 2 – Topografia do sítio de Beja. Fonte: Centro Histórico – Plano de Salvaguarda e Recuperação, 1981 (pág. 20).

Figura 3 – Ante-projecto do Plano de Urbanização de Beja, Étienne de Gröer, 1944. Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel> (pág. 21).

Figura 4 – Planta de conjunto – Estado Actual, actualidade do tecido urbano em 1954. Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel> (pág. 22).

Figura 5 – Planta do Plano de Urbanização elaborado por Nikita de Gröer em 1954. Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel> (pág. 22).

Figura 6 – Planta de Zonamento Geral, Antepiano de Beja – Esboceto de Zonamento, 1962. Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel> (pág. 22).

Figura 7 – Plano geral de urbanização – Sector de Arq. Paisagista, Estudos Preliminares, Arqt.º Ruy de Athougia., 1975. Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel> (pág. 23).

Figura 8 – Planta da cidade romana de Beja, com a indicação das muralhas, do fórum e de alguns arruamentos. Fonte: Cidades e História, 1987 (pág. 24).

Figura 9 – Rua Aresta Branco, correspondente ao principal eixo viário da época romana. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 24).

Figura 10 – Largo do Lidador, outrora a praça medieval, enquadrada pelo Castelo e a Igreja Sé. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 25).

Figura 11 – Arco da Porta de Évora, na época medieval era a ligação do núcleo central à paisagem exterior. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 25).

Figuras 12 – Arruamentos estreitos do centro histórico que conservam a estrutura matriz medieval. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 26).

Figura 13 – Delimitação do perímetro da cidade na época medieval. Fonte: PU – Núcleo Central Histórico de Beja, alterada por Ana P. Velhinho (pág. 26).

Figura 14 – Intervenções introduzidas durante o séc. XV, sob influência do renascimento. Fonte: PU – Núcleo Central Histórico de Beja alterada por Ana P. Velhinho (pág. 27).

Figura 15 – Intervenções introduzidas durante o séc. XIX e a expansão urbana até à década de 1930. Fonte: Processo de Revisão do PDM de Beja; www.cm-beja.pt (pág. 28).

Figura 16 – Praça da República nos anos 30. Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB (pág. 29).

Figura 17 – Praça da República nos anos 40, após requalificação da época do Estado Novo. Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB (pág. 29).

Figura 18 – Evolução da actual Rua S. João Batista, em 1950 e 1962. Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB (pág. 29).

Figuras 19 – Prédios a expropriar localizados junto às muralhas, na zona envolvente ao Castelo. Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB (pág. 30).

Figuras 20 – Após a demolição das casas. Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB (pág. 30).

Figuras 21 – 1957, limite sul, o terreiro onde hoje se encontra a Casa da Cultura. Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB (pág. 30).

Figura 22 – Imagem satélite do Bairro dos Alemães e do Bairro do Ultramar. Fonte: Google earth (pág. 31).

Figura 23 – Intervenções introduzidas durante o séc. XX e a expansão urbana até à década de 1975. Fonte: Processo de Revisão do PDM de Beja; www.cm-beja.pt (pág. 31).

Figura 24 – Largo do Santo Amaro, “ajardinado”, 1947. Fonte: Arquivo fotográfico da CMB (pág. 33).

Figura 25 – O Largo de Santo Amaro em 1964 já desprovido de vegetação, com o fontanário implantado no centro. Fonte: Arquivo fotográfico da CMB (pág. 33).

Figura 26 – O Largo, antes da intervenção do Programa Polis. Fonte: Arquivo fotográfico da CMB (pág. 33).

Figura 27 – Após a intervenção do Programa Polis o Largo beneficiou com uma imagem clara e limpa. Fonte: Ana P. Velhinho, 2010 (pág. 33).

Figura 28 – Parque da Cidade, após a obra. Fonte: “Caminhos do Futuro”, 2005 (pág. 34).

Figura 29 – Evolução da Avenida Miguel Fernandes desde os anos 40 até ao início do século XXI. Fonte: Arquivo fotográfico, CMB; Ana P. Velhinho – a fotografia do canto inferior direito (pág. 35).

Figura 30 – Jardim da Muralha, parcialmente destruído, Junho de 2010. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 35).

Figura 31 – Evolução do perímetro urbano da cidade. Fonte: Revisão do PDM, www.cm-beja.pt (pág. 36).

Figura 32 – Esquema síntese da metodologia utilizada na caracterização dos espaços abertos (pág. 38).

Figura 33 – Marcação dos espaços abertos públicos de acordo com as referências estruturais definidas. Imagem satélite com a marcação elaborada por Ana P. Velhinho (pág. 44).

Figura 34 – Planta com um troço do Barranco do Poço dos Frangos, dentro do perímetro urbano (pág. 45).

Figura 35 – Troço do Barranco do Poço dos Frangos aquando da requalificação, em espaço urbano. Fonte: Ana P. Velhinho, 2010 (pág. 46).

Figura 36 – Marcação dos espaços abertos. Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho (pág. 47).

Figura 37 – Marcação dos espaços abertos de acordo com a sua permeabilidade. Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho (pág. 51).

Figura 38 – Marcação dos espaços abertos de acordo com a tipologia de Estrutura Verde a integrar. Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho (pág. 52).

Figura 39 – O lago do Jardim público na década de 1930. Fonte: Arquivo fotográfico, CMB (pág. 54).

Figura 40 – Parque infantil do Jardim público, em 1940. Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB (pág. 54).

Figura 41 – Jardim público na década de 1940. Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB (pág. 55).

Figura 42 – Entrada poente do Jardim público, em 1940. Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB (pág. 55).

Figura 43 – O Jardim coberto de neve no nevão de 1945. Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB (pág. 55).

Figura 44 – Conjunto de fotografia do Jardim Público em 1947. Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB (pág. 55).

Figura 45 – Ringue de patinagem construído em 1949. Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB (pág. 55).

Figura 46 – Planta geral do Jardim Público de Beja. (pág. 57).

Figura 47 – Implantação do sistema de rega automático. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 58).

Figura 48 – Conjunto de fotografias que mostra algumas operações efectuadas pela equipa da DZV. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 59).

Figura 49 – Imagem satélite com a localização da Urbanização relativamente ao espaço urbano, imagem orientada a Norte. (Google earth) (pág. 62).

Figura 50 – Urbanização do Seminário, a área de intervenção, Agosto de 2010. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 63).

Figura 51 – Urbanização do Seminário, marcação dos principais espaços abertos envolventes. Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho (pág. 65).

Figura 52 – Planta de localização do canteiro na Rua Ramalho de Ortigão. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 65).

Figura 53 – Área de intervenção, na Rua Ramalho de Ortigão, Maio de 2010. Fonte: Ana P. Velhinho (pág. 66).

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologias de espaço aberto público (pág. 43).

Quadro 2 – Quadro síntese da caracterização dos espaços abertos (pág. 49).

AGRADECIMENTOS

À Câmara Municipal de Beja pela oportunidade dada para a realização do Estágio.

Ao Arquivo Municipal e Fotográfico de Beja pela disponibilidade prestada.

À Divisão de Zonas Verdes pelo apoio prestado.

À Eng.^a Fátima Cruz, Co-Orientadora do Estágio, pelo acompanhamento à elaboração deste trabalho.

À Prof. Dra. Arquitecta Paisagista Aurora Carapinha, Orientadora do Estágio, pela atenção e tempo que lhe dedicou.

“OS ESPAÇOS ABERTOS NO SISTEMA URBANO DE BEJA”

RESUMO

O presente relatório surge na sequência do estágio efectuado na Divisão de Zonas Verdes, na Câmara Municipal de Beja, no âmbito do mestrado em Arquitectura Paisagista. O estágio teve como objecto de estudo a caracterização dos espaços abertos da cidade Beja e a sua relação com o sistema urbano. Neste relatório descrevem-se as actividades desenvolvidas ao longo do período de estágio, tais como: o levantamento, caracterização dos espaços abertos e a avaliação da sua organização na cidade através da Estrutura Verde; e a elaboração de dois planos de plantação. Conclui-se com um conjunto de reflexões sobre a aprendizagem e das dificuldades sentidas no decorrer do estágio, para além da apresentação de sugestões elaboradas sobre as actividades e temas abordados.

Palavras-chave:

Espaço aberto; Beja; Estrutura Ecológica Urbana; Estrutura Verde Urbana.

“THE OPEN SPACES IN BEJA’S URBAN SYSTEM”

ABSTRACT

This report is the result of the practice which took place in the Green Areas Department of Beja City Hall throughout of the master in Landscape Architecture. The study subject of this practice was Beja’s open spaces characterization and its relation to open urban system. This report intends to describe the work conducted throughout the practice period such as the data collection, the green zones characterization and the appreciation of their organization in the city through the Green Structure; and two planting plans were developed. In the end I conclude with a set of reflections on the learning and the difficulties experienced during the internship, in addition to the presentation of elaborate suggestions on the activities and themes.

Key – Words:

Open space; Urban Ecological Structure; Urban Green Structure.

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como principal objectivo relatar a experiência e o trabalho realizado durante o estágio curricular no âmbito do curso de Mestrado em Arquitectura Paisagista na Universidade de Évora.

O estágio foi desenvolvido, durante um período de seis meses (de Janeiro a Junho), na Câmara Municipal de Beja, na Divisão de Zonas Verdes (DZV), sob a orientação da Professora Doutora Arqt.^a Paisagista Aurora Carapinha e co-orientação da Eng.^a Fátima Cruz.

A Divisão opera sobretudo na manutenção dos espaços abertos denominados “espaços verdes”, uma vez que os projectos de concepção são efectuados no Departamento Técnico composto por uma equipa multidisciplinar, onde estão inseridos os Arquitectos Paisagistas.

Os funcionários/jardineiros ao serviço da DZV encontram-se distribuídos por equipas supervisionadas por um encarregado e coordenados pela técnica superior Eng.^a Fátima Cruz. As equipas de trabalho estão divididas pelo centro histórico, zona de expansão, viveiro e instalação e manutenção do sistema de rega. Segundo a DZV, o número de espaços abertos “ajardinados” na cidade de Beja tem vindo a aumentar consideravelmente nos últimos anos, e tem como principal objectivo a instalação do sistema de rega automática nos espaços abertos mais antigos, de modo a minimizar os gastos de manutenção, sobretudo na mão-de-obra.

A escolha do objecto de estudo vai ao encontro do meu interesse pelos espaços abertos e a sua importância no sistema urbano e quotidiano da população, e da inexistência de um trabalho desta natureza sobre a cidade de Beja.

O trabalho realizado durante o estágio na DZV teve como objecto de estudo os espaços abertos públicos, frequentemente designados por “espaços verdes”, da cidade de Beja. Neste sentido propõe-se desenvolver uma análise e um inventário dos espaços abertos públicos, instrumento que pode ser uma mais-valia para o desenvolvimento de uma política correcta de gestão dos espaços abertos da cidade de Beja. Este estudo será desenvolvido através de um método que descreve e avalia a relevância de um espaço aberto no contexto do tecido urbano. Teve como base de estudo 53 espaços abertos públicos. Paralelamente foi efectuado um acompanhamento das obras de requalificação do Jardim Público – Jardim Gago Coutinho e Sacadura Cabral, obras que devido a vários factores demoraram mais tempo do que o previsto (sensivelmente um ano). Ainda no decorrer do estágio foi-me atribuída a oportunidade de realizar dois planos de plantação em locais com tipologias diferentes, um para o espaço

exterior da urbanização do Seminário e o outro para o canteiro localizado no cruzamento da Avenida Fialho de Almeida com a Rua Ramalho de Ortigão, ambos na zona de expansão, a primeira numa zona urbana em consolidação, o segundo numa área consolidada.

De acordo com as actividades realizadas o conteúdo do relatório encontra-se dividido em seis capítulos. No primeiro far-se-á uma abordagem teórica aos conceitos: Espaço Aberto; Estrutura Verde Urbana; e Estrutura Ecológica Urbana. No segundo capítulo é realizada uma contextualização da dinâmica evolutiva dos espaços abertos no contexto urbano. O terceiro capítulo irá descrever a metodologia proposta para a caracterização dos espaços abertos com a abordagem aos conceitos e tipologias utilizadas, terminando com uma breve síntese desta análise.

A experiência adquirida no acompanhamento da requalificação do Jardim público será relatada no quinto capítulo. No sexto e último capítulo apresentar-se-á as propostas dos planos de plantação para dois espaços abertos da cidade de Beja.

Por último, nas considerações finais, serão expressas as reflexões pessoais relativamente à aprendizagem adquirida nesta pequena inclusão no “mundo” laboral.

1. CONCEITOS – ABORDAGEM TEÓRICA

1.1 Espaços abertos/Espaços verdes

“Foi a partir da era industrial, com o consequente êxodo da população rural para a cidade, que surgiu o conceito de espaço verde urbano como espaço que tinha por objectivo recriar a presença da natureza no meio urbano. Desde então as necessidades têm evoluído e, com elas, a concepção de espaço verde urbano.” (Magalhães, 1992)

À medida que a cidade e os aglomerados urbanos vão crescendo, o afastamento ao espaço rural e aos processos naturais que aí ocorrem vai sendo cada vez maior. Como tal, é fundamental a existência dos espaços abertos como componente indispensável à qualidade de vida urbana.

Tal como Gonçalo R. Telles¹ afirma, a existência de vegetação na cidade é de extrema importância para que exista um ambiente favorável e para que existam espaços indispensáveis ao passeio, recreio e desporto livre para todas as idades e situações físicas, refere ainda, que esta garante a presença da natureza num meio muito artificial que necessita de encontrar uma contrapartida biológica para permitir uma vida mais sadia e mais natural aos habitantes da urbe.

Até ao séc. XIX, os espaços verdes eram apenas locais de encontro e estadia constituídos pelos passeios públicos. É a partir da era industrial com a poluição que se fazia sentir nas cidades mais industrializadas e as péssimas condições de salubridade que surgem os espaços verdes de maiores dimensões, o denominado, então, “pulmão verde” (fig. 1). Cujo objectivo era purificar o ambiente urbano proporcionando melhores condições à sociedade industrial degradada.

¹ Artigo publicado no Jornal “A Capital” de 6 de Março de 1979 e reeditado no livro “A Utopia e os Pés na Terra” de G.R. Telles. Após 32 anos, as afirmações proferidas neste artigo continuam a fazer todo o sentido na actualidade.



Figura 1 – Planta de Hyde Park, Londres séc. XIX. (Fonte: www.royalparks.org.uk/parks/hyde_park/landscape_history.cfm). Londres era uma cidade muito industrializada marcada pelo ambiente poluído, o Hyde Park surge como “pulmão verde” da cidade, tal como, o St.James Park.

O conceito de “pulmão verde” evoluiu para o de “Green Belt”, cintura verde a rodear a cidade antiga, separando-a das zonas de expansão. (Magalhães, 1992)

A partir dos conceitos anteriores desenvolve-se a teoria do “continuum naturale”² partindo da premissa que seria necessário integrar as dinâmicas dos sistemas naturais, aproximando-se de uma visão de planeamento mais global. O *Continuum Naturale* que visa ligar o campo e a cidade, conferindo legibilidade e identidade à paisagem, assumiria diversas formas e funções como espaços de lazer, recreio, de enquadramento a infraestruturas e edifícios, espaços agrícolas, assim como, espaços de protecção e integração das linhas de água com os seus leitos de cheias e cabeceiras assegurando o equilíbrio dos sistemas ecológicos. De forma a constituir um contínuo, os diferentes espaços verdes individualizados deverão estar articulados e ligados entre si, através de Corredores Verdes, constituindo estruturas lineares. O conceito de Corredor Verde está associado à conservação da natureza e protecção de ocorrências naturais e culturais. Possuindo três tipos de funções essenciais: ecológica, recreativa e funcional.

Em suma, podemos agrupar os principais contributos dos espaços abertos no sistema urbano em três tipos ambientais/ecológicas, social e estéticas/funcional. Assim, de um modo geral, os espaços abertos contribuem para:

² O Conceito de “continuum naturale” foi introduzido e desenvolvido em Portugal pelo Prof. Caldeira Cabral, depois de regressar da Alemanha. O conceito é definido pela Lei de Bases do Ambiente (Decreto – Lei n.º11/87 de 7 de Abril – art.5.º d), como “ (...) sistema contínuo de ocorrências naturais que constituem o suporte de vida silvestre e da manutenção do potencial genético e que contribui para o equilíbrio e estabilidade do território”.

- minimização dos impactes decorrentes do crescimento urbano;
- amenização do microclima urbano;
- continuidade dos ciclos ecológicos, atribuindo maior biodiversidade do sistema urbano;
- controlo do ciclo hidrológico, da circulação do vento e erosão do solo;
- a criação de lugares de atracção e bem-estar, como espaço de estadia, recreio e na prática de exercício físico, contribuindo para a saúde física e mental da população da cidade;
- aproximar a população urbana dos processos naturais;
- estruturação do tecido urbano, conferindo legibilidade e referências da malha urbana, para além de contribuírem para a qualidade funcional e estética.

1.2 Estrutura Verde Urbana

Caldeira Cabral³ diz-nos no seu livro, *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, que os espaços abertos são pontos de encontro e acredita que dos mais importantes, porque permitem às pessoas encontrar um ambiente natural à escala do Homem. Acrescentando que os espaços abertos com a evolução das cidades e da volumetria dos edifícios, com ruas cada vez mais largas, vão ficando fora da escala humana, sendo por isso, necessário criar um sistema coerente e contínuo de espaços abertos na cidade. Esta afirmação leva-nos aos conceitos de “Continuum naturale” (abordado anteriormente) e Estrutura Verde Urbana.

Deste modo, na concepção da Estrutura Verde Urbana (EVU) está sempre implícito e de acordo com o conceito de “Continuum Naturale”, a presença de um sistema “arterial” na cidade que engloba todos os espaços com vegetação articulados desde o espaço rural até ao centro da cidade. Os espaços integrados na EVU assumem diferentes tipologias hierarquizadas de acordo com a sua situação ecológica e função a desempenhar.

³ CABRAL, Francisco Caldeira, 1993. *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, pág.63.

Deste modo, a Estrutura Verde Urbana é um instrumento de apoio à gestão e planeamento urbano, pela definição das áreas com maior aptidão para as funções, recreativa, biológica e estéticas, que lhe são próprias.

A Estrutura Verde Urbana divide-se em duas sub-estruturas⁴: Estrutura Verde Principal e Estrutura Verde Secundária, de acordo com a natureza e função dos espaços abertos.

“Com a Estrutura Verde Principal pretende-se assegurar a ligação da paisagem envolvente ao centro da cidade e o enquadramento das redes de circulação viária e pedonal, por integração dos espaços que constituem os equipamentos colectivos verdes de maior dimensão e de concepção naturalista.” (Magalhães, 1992)

As áreas de Reserva Agrícola Nacional⁵ e Reserva Ecológica Nacional⁶ que se encontrem na zona periférica ou mesmo no centro urbano são integradas na Estrutura Verde Principal.

Ou seja, a Estrutura Verde Secundária abrange os espaços verdes com um carácter mais urbano integrado no tecido edificado, adjacentes às áreas habitacionais.

1.3 Estrutura Ecológica Urbana

A Estrutura Ecológica Urbana (EEU) encontra-se integrada na Estrutura Verde Urbana, e por isso, também deverá atravessar a estrutura edificada, constituída através de um sistema contínuo de espaços de maior sensibilidade ecológica que assegurarão a sustentabilidade da paisagem tanto rural como urbana.⁷

A EEU constitui um instrumento de planeamento que regula, em delimitação espacial as ocorrências e os sistemas naturais que, pelas exigências decorrentes da sua resiliência ou

⁴ Foi nos anos 1920/30 que começaram a diferenciar-se os conceitos de Estrutura Verde Principal e Secundária.

⁵ Reserva Agrícola Nacional, segundo o Decreto-Lei n.º 73/2009 “(...)é o conjunto das áreas que em termos agro-climáticos, geomorfológicos e pedológicos apresentam maior aptidão para a actividade agrícola.”, e estabelece um conjunto de restrições à utilização não agrícola do solo.

⁶ Reserva Ecológica Nacional, segundo o Decreto-Lei n.º 166/2008 é uma estrutura biofísica que tem como objectivo salvaguardar as áreas indispensáveis à manutenção do equilíbrio ecológico da paisagem e estabelece um conjunto de condicionantes à ocupação, usos e transformações do solo que não sejam compatíveis com os objectivos deste regime.

⁷ E que no Ordenamento do Território interessa salvaguardar, condicionando a edificação nestes lugares por si só individualizados de elevado valor paisagístico e cultural, que asseguram as condições de diversidade, intensidade, continuidade e dimensão. Magalhães, Manuela, 2001. *Arquitectura Paisagista Morfologia e complexidade*.

raridade ecológicas, deverão ser objecto de normativa específica. Deste modo, esta estrutura permitirá a definição, delimitação e formalização das transformações que podem ocorrer nos sistemas ecológicos e culturais, segundo critérios de aptidão ecológica, contribuindo para a sustentabilidade do território.⁸

Diferença entre a Estrutura Verde Urbana e Estrutura Ecológica Urbana

A Estrutura Verde Urbana faz a união de todo o espaço revestido por vegetação, a estrutura ecológica integra as áreas mais sensíveis e representativas dos ecossistemas presentes. Se compararmos as duas e complementarmos a partir da hierarquização da EVU então a Estrutura Verde Principal corresponde à Estrutura Ecológica Urbana e a Estrutura Verde Secundária aos espaços verdes adjacentes aos edifícios. (Magalhães, 2001)

⁸ www.isa.utl.pt/ceap/ciclovias/almada/index1111111111.htm

2. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE BEJA

2.1 Contextualização

A cidade de Beja é capital de distrito, situa-se na Região do Baixo Alentejo, dividido em 18 freguesias, quatro das quais são urbanas e as restantes rurais. A cidade de Beja tem aproximadamente 35774⁹ habitantes.

Na vasta planície construída por solos com grande aptidão agrícola eleva-se a colina de 280 metros de altitude, onde está assente a cidade de Beja. Fisiograficamente corresponde à linha de festo que separa as bacias hidrográficas do Sado e Guadiana. Na Figura 2 pode perceber-se a morfologia do relevo da cidade, que se apresenta mais acidentado na direcção Norte - Este e com declive mais suave na direcção Sul. Esta posição geográfica de dominância relativamente à envolvente, oferece um sistema de vistas de grande amplitude.

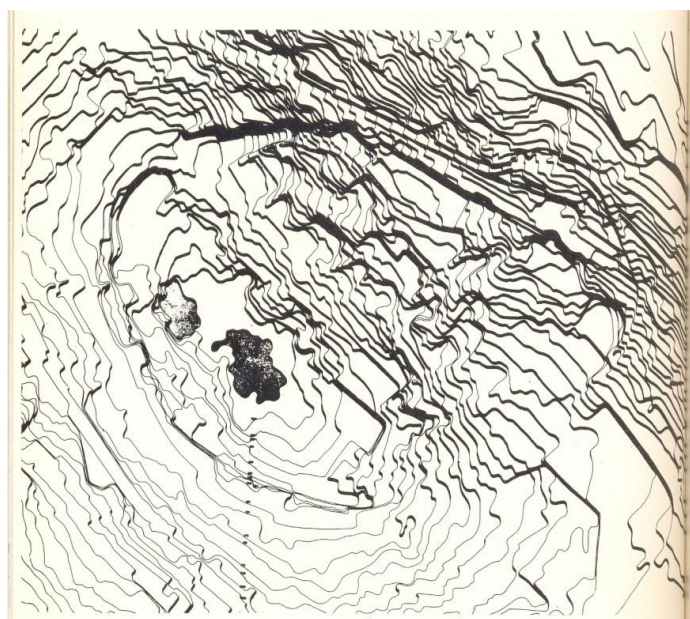


Figura 2 – Topografia do sítio de Beja, orientado a norte. (Fonte: Centro Histórico – Plano de Salvaguarda e Recuperação, 1981)

⁹ Segundo números estimados a partir dos censos de 2011. (Fonte: <http://censos.ine.pt/xportal/>)

2.2 Os principais instrumentos de gestão urbana da cidade

Na cidade de Beja não ocorreram fenómenos de ocupação de espaços periféricos com funções pouco qualificadas, devido ao facto da pressão urbanística ter surgido tarde e de forma contida. À excepção de dois bairros periféricos de génese clandestina, as restantes zonas da periferia ocupadas com habitação desenvolveram uma imagem razoável pela qualidade da construção e dos espaços urbanos onde se integravam e por isso eram procurados para fins residenciais, com densidade de ocupação mais baixa. A mobilidade associada aos meios de comunicação rápidos possibilitou o aumento das acessibilidades destas zonas periféricas às restantes zonas da cidade.

Com os instrumentos de planeamento e ordenamento do território o desenho urbano da cidade tem vindo a evoluir relativamente ordenado.

Os primeiros instrumentos que marcam o planeamento de gestão urbana da cidade de Beja são elaborados pelos seguintes autores:

- Étienne de Gröer¹⁰, em 1944, elabora o ante-projecto do Plano de Urbanização (fig. 3) de Beja que viria a constituir uma base para a elaboração do Plano de Urbanização.



Figura 3 – Ante-projecto do Plano de Urbanização de Beja, Étienne de Gröer, 1944. (Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel>)

¹⁰ Étienne de Gröer, urbanista francês de origem russa, desempenhou o cargo de urbanista-conselheiro técnico da C.M. Lisboa a convite de Duarte Pacheco, o então Presidente da C.M. de Lisboa. (Fonte: http://utl.academia.edu/CatarinaCamarinhas/Papers/92303/Elementos_para_o_estudo_do_Plano_de_Urbanizacao_da_cidade_de_Lisboa_1938_)

- Nikita de Gröer, em 1954, elaborou uma segunda remodelação ao Plano de Urbanização, onde já previa a necessidade de um parque municipal para a cidade de Beja.

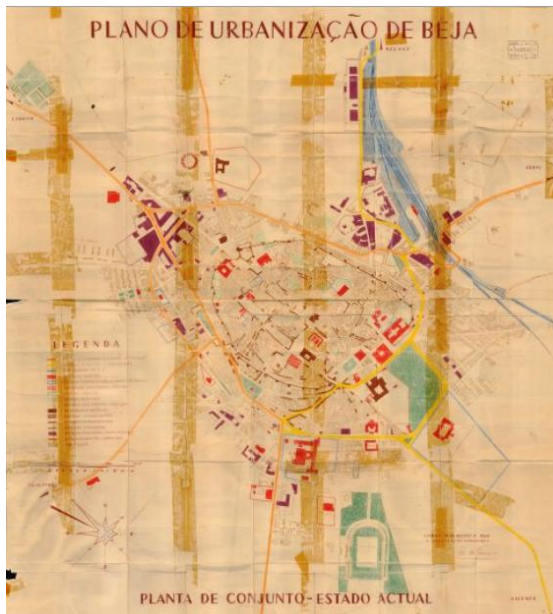


Figura 4 – Planta de conjunto – Estado Actual, actualidade do tecido urbano em 1954. (Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel>)



Figura 5 – Planta do Plano de Urbanização elaborado por Nikita de Gröer em 1954. (Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel>)

- José Rafael Botelho é o autor do Anteplano de Beja – Esboceto de Zonamento (fig. 6), iniciado em 1962 (com esboceto aprovado em 1972). Este plano consta de uma revisão ao anteplano elaborado por Étienne de Gröer, pela necessidade de ampliar a área urbana de forma a criar uma extensão habitacional nos terrenos periféricos que situavam a Norte da cidade, e a prever o aumento da zona industrial. E ainda, previa a criação de um parque municipal com cerca de 35 hectares situado a Sul do Estádio Municipal (Estádio Flávio dos Santos)¹¹. Este processo seria concluído, em 1967 com a realização do Plano Director de Beja – Esboceto.

No que diz respeito aos espaços abertos pretendia criar um “eixo verde” da cidade.

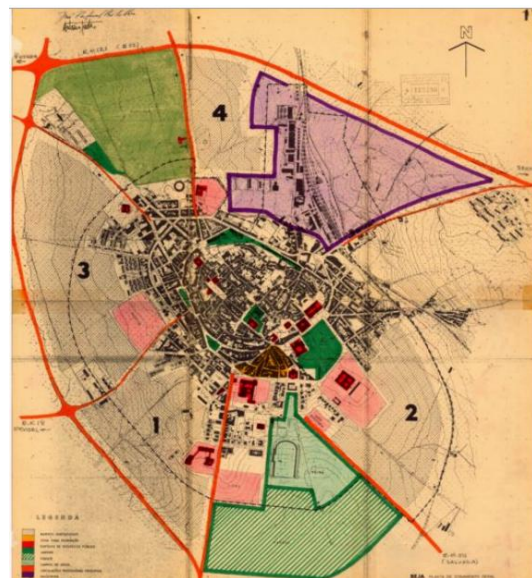


Figura 6 – Planta de Zonamento Geral, Antepiano de Beja – Esboceto de Zonamento, 1962. (Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel>)

¹¹ Peças escritas do processo do Antepiano de Beja – Esboceto de Zonamento.

- Ruy d'Athouguia, em 1975, concretizou os Estudos preliminares do Plano de Urbanização da Cidade de Beja.¹²No âmbito da Arquitectura Paisagista (fig. 7), uma das propostas para a ocupação do solo, seria a implantação da mata e espaços verdes de lazer, entre a cidade e um troço da circular (actual IP2), a Sul e a Poente. Esta opção serviria por um lado, para condicionar o crescimento urbano neste sentido (por ser uma zona de barros), e por outro, iria beneficiar o microclima da cidade.

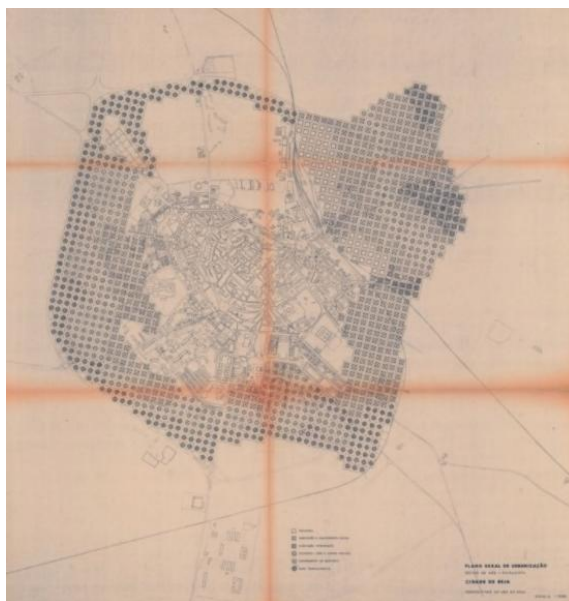


Figura 7 – Plano geral de urbanização – Sector de Arq. Paisagista, Estudos Preliminares, Arqt.º Ruy de Athouguia, 1975. (Fonte: <http://www.dgotdu.pt/channel>)

Posteriormente aos planos referidos anteriormente, em 1975 foi iniciada a elaboração do Plano de Salvaguarda para o Centro Histórico e aprovado no ano de 1986. Só em 1992 foi publicado o PDM¹³ de Beja, sujeito a uma revisão publicada no ano 2000 e actualmente encontra-se em novo processo de revisão. Contudo, desde de 1975 foram realizados Planos de Pormenor para várias zonas da cidade, entre planos que estruturam importantes zonas de expansão e planos de reabilitação urbana.

2.3 Evolução do espaço urbano de Beja

A cidade de Beja tem uma história milenar e ao longo desta foi alvo de várias construções e desconstruções decorrentes do contexto histórico e social de cada época. Assim a evolução dos espaços abertos está incontornavelmente associada aos vários momentos da história da ocupação do território e da evolução urbana.

¹² Segundo as peças escritas do Plano de Urbanização da cidade de Beja – Estudos Preliminares. O Arqt.º Ruy d'Athouguia foi um dos pioneiros na aplicação dos designios da Carta de Atenas.

¹³ PDM – Plano Director Municipal, constitui um instrumento de gestão do território que regula o uso e as funções do solo.

2.3.1 As características da cidade romana

Na época romana a estrutura da cidade terá tido uma planta hipodâmica e uma organização ortogonal (fig. 8) definida pelos arruamentos regulares e estreitos, correspondendo o *cardus maximus* à actual Rua do Conde da Boavista seguindo pela Rua do Touro. O principal eixo viário estaria na Rua Aresta Branco (fig. 9) e Rua Manuel Arriaga. O sistema em quadrícula era ocupado essencialmente por edifícios residenciais constituídos por pátios comunitários de acesso interior. Segundo Alarcão o Fórum estaria localizado na zona de planalto compreendido entre a actual Praça da República, Rua dos Escudeiros, Rua do Sembrano e o Museu Rainha Dona Leonor. O Fórum, situada no centro do aglomerado rodeado por edifícios públicos era o espaço aberto, a praça pública, o lugar de reunião onde se realizavam os mercados, as cerimónias religiosas e o entretenimento. “*Pax Iulia* deve ter sido, logo de início, cercada de muralhas e provida de um fórum, termas, um aqueduto, talvez mesmo um teatro ou anfiteatro.” (ALARCÃO, 1987, p. 75).

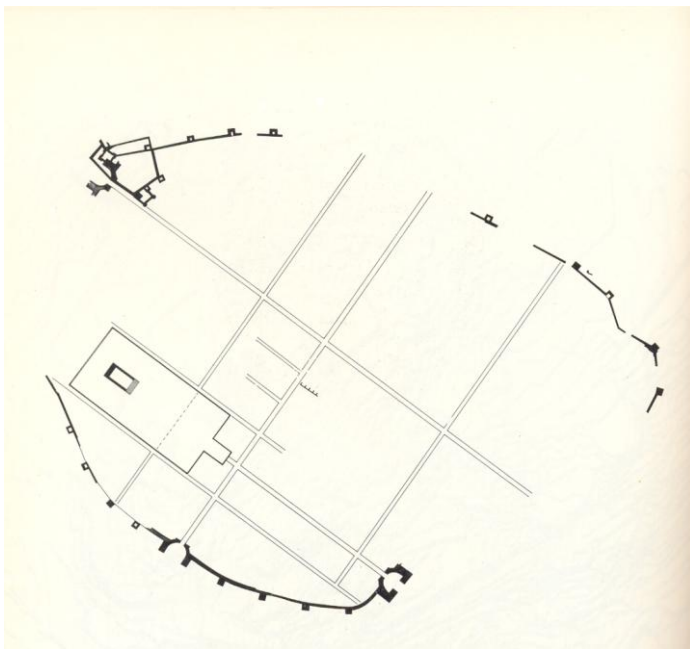


Figura 8 – Planta da cidade romana de Beja, com a indicação das muralhas, do fórum e de alguns arruamentos. (Fonte: Cidades e História, 1987)



Figura 9 – Rua Aresta Branco, correspondente ao principal eixo viário da época romana. (Fonte: Ana P. Velhinho)

2.3.2 As características da cidade medieval

Com o assentamento árabe ocorrem as transformações mais profundas na estrutura urbana, esta é organizada a partir do núcleo central com a ocupação adaptada à topografia do terreno, assumindo uma planta radiocêntrica.

A cidade desenvolvia-se em torno do núcleo central, que era constituído pelo Castelo e pela Igreja (Sé), junto a estas centralidades militar e religiosa encontrava-se a praça (actual Largo do Lidador – fig. 10), de geometria irregular consistia num espaço vazio na estrutura urbana. A praça tinha funções comerciais e sociais, servia de mercado e era local de trocas comerciais na cidade, esta zona estava ligada ao exterior através da Porta de Évora (fig. 11). Para além da praça, o urbanismo medieval contemplava outros espaços abertos como as ruas que preenchem quase todo o perímetro urbano, estreitas com um traçado irregular compensadas pelos logradouros no interior dos quarteirões, as ruas servem a circulação e o acesso aos edifícios.



Figura 10 – Largo do Lidador, outrora a praça medieval, enquadrada pelo Castelo e a Igreja Sé. (Fonte: Ana P. Velhinho)

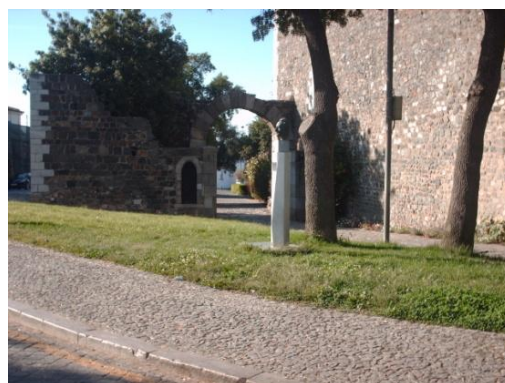


Figura 11 – Arco da Porta de Évora. Na época medieval a Porta de Évora era a ligação do núcleo central à paisagem exterior. (Fonte: Ana P. Velhinho)

A composição da malha urbana medieval era compacta e encontrava-se limitada pela muralha sem ligação à paisagem que a envolve, somente através das portas que rompia a continuidade da muralha. A cidade caracterizava-se não só pela morfologia mas, sobretudo pelo sistema de ruas irregulares e tortuosas (fig.12), praças e logradouros multifuncionais, desempenhando simultaneamente a função de ligação e de lugar, com carácter físico e identitário.

Com algumas transformações, o traçado da cidade medieval caracteriza a matriz urbana do centro histórico da cidade de hoje (fig.13).



Figuras 12 – Arruamentos estreitos do centro histórico que conservam a estrutura matriz medieval. Respectivamente Rua da Cadeia Velha e Rua da Guia, esta inserida no Bairro da Judiaria. (Ana P. Velhinho)



- Perímetro urbano da época medieval
- Logradouros de utilização colectiva do quarteirão

Figura 13 – Delimitação do perímetro da cidade na época medieval. 1 – Conjunto fortificado constituído pelo castelo, núcleo militar; 1.1 – Praça das armas no interior do Castelo; 2 – Praça, principal espaço aberto público; 3 – Igreja, centro religioso. (Fonte: PU – Núcleo Central Histórico de Beja. - www.dgotdu.pt/SNIT, alterada por Ana P. Velhinho)

2.3.3 Intervenções urbanísticas sob influência do Rei D. Manuel I

Na conquista de Beja aos Mouros, as muralhas ficaram praticamente destruídas, assim como a cidade, o processo de reconstrução da cidade dá-se com a fundação do Ducado de Beja. As muralhas continuavam a marcar o limite do perímetro da cidade, junto à parte exterior da muralha os arrabaldes marcavam o espaço de transição entre a cidade e o espaço rural, o Convento de São Francisco foi a primeira construção fora das muralhas junto à Porta de Mértola, no final do séc. XIII (fig.14).

A subida ao trono de D. Manuel I, então Duque de Beja, viria a marcar o urbanismo de Beja, foram construídos vários espaços e edifícios de grande envergadura, sob influência do renascimento. A “Praça Nova”, actual Praça da República, beneficiou do investimento feito por D. Manuel I, com a construção de novos edifícios e equipamentos públicos. A Praça seria um terreiro rodeado dos principais edifícios, e onde ocorriam os principais eventos.

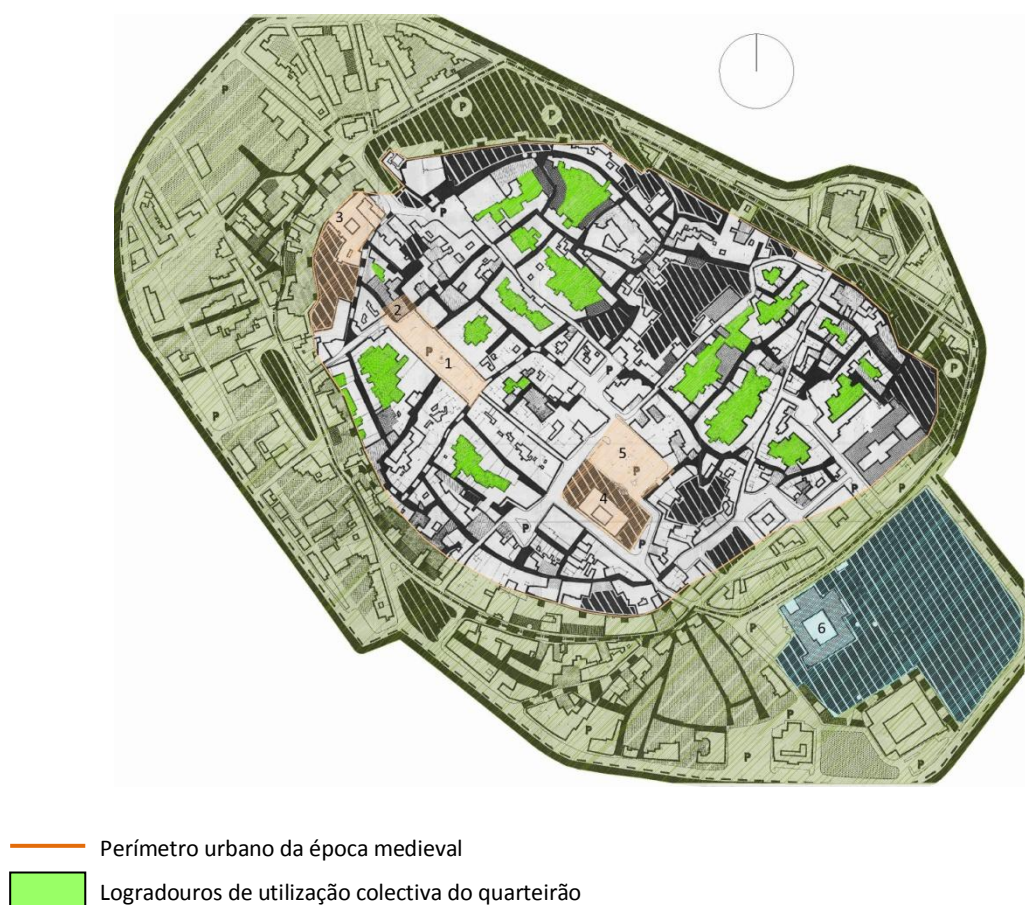


Figura 14 – Intervenções introduzidas durante o séc. XV, sob influência do renascimento. 1 – Reestruturação da Praça com a construção de edifícios emblemáticos, entre os quais: 2 – Igreja da Misericórdia; 3 – Hospital da Misericórdia; 4 – Mosteiro da Nossa Sra. da Conceição; 5 – Palácio dos Duques. 6 – Convento de São Francisco, construção do séc. XIII. (Fonte: PU – Núcleo Central Histórico de Beja. - www.dgotdu.pt/SNIT, alterada por Ana P. Velinho)

Após o período áureo durante o reinado de D. Manuel I, nos séculos seguintes o desenvolvimento estagnou até ao final do séc. XIX.

No final do séc. XIX ao início do séc. XX a requalificação urbana assentou na destruição de vários equipamentos e edifícios emblemáticos numa tentativa de criar novos espaços abertos e amplos. Este processo destrutivo¹⁴ resulta de um movimento vanguardista influenciado pelo neoclassicismo e pelas teorias higienistas. Ao mesmo tempo a cidade crescia para além do limite das muralhas (fig. 15), impulsionada pelo processo de industrialização (a Estação de Caminho de Ferro em 1893 e o Edifício de Moagem são edifícios marcantes desta época). O processo de ocupação do solo foi influenciada pelo urbanismo racionalista assente no zonamento de acordo com a função dos diversos espaços urbanos.

Em 1840 surge o primeiro passeio público¹⁵ com cerca de dois hectares, o Jardim de Froebel, constituído por uma composição vegetal densa e uma organização espacial orgânica, este lugar era o principal espaço aberto público de lazer e recreio. Até então os espaços abertos permeáveis da cidade compacta eram de carácter privado, logradouros, pátios e jardins privados de grandes casas senhoriais.

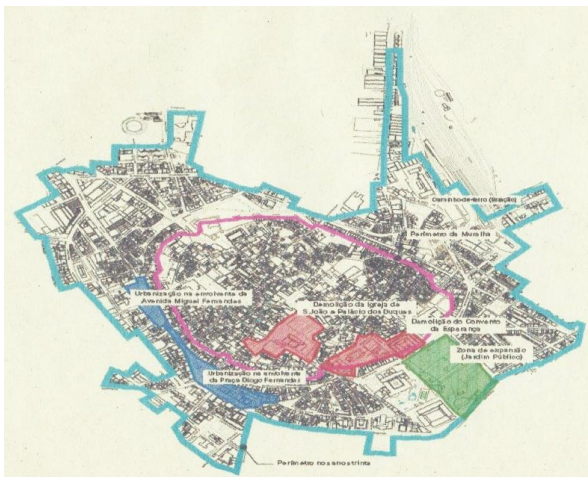


Figura 15 – Intervenções introduzidas durante o séc. XIX e a expansão urbana até à década de 1930. (Fonte: Processo de Revisão do PDM de Beja; www.cm-beja.pt)

¹⁴ Processo destrutivo sob direcção do Visconde da Ribeira Brava, a intervenção influenciada pelas políticas urbanísticas e correntes estéticas da época (séc. XIX).

¹⁵ O primeiro passeio público da cidade de Beja, actual Jardim Gago Coutinho e Sacadura Cabral, fazia parte da antiga cerca do Convento de São Francisco. Após a Guerra Civil Portuguesa é emitido o Decreto de 28 de Maio de 1834 declarando a extinção das ordens religiosas, de forma a retirar poder e influência política ao clero. O convento de São Francisco, assim como tantos outros pelo país, foram encerrados. Anos mais tarde foi adaptado para quartel, Regimento de Infantaria 11, e a cerca transformada em campo de treino militar. Em 1840, o comandante do mesmo regimento o Tenente-Coronel António de Oliva e Sousa decidiu transformar parte do logradouro em jardim, conhecido como Campo d'Oliva abrindo-o posteriormente ao público, com o crescimento da vegetação passou a designar-se Jardim de Froebel até 1922 quando o nome foi alterado para o actual.

Uma segunda época, do período modernista, ocorreu com o Estado Novo, baseada na homogeneidade das formas e na visão estruturalista nas funcionalidades do conjunto. Durante esta fase foram construídos, no centro da cidade, vários edifícios singulares com grande relevo para a arquitectura, dois bairros de tipo operário (numa zona periférica) e três importantes equipamentos públicos (Liceu Diogo de Gouveia, a Escola D. Manuel I e o Hospital Distrital). Desta época é a requalificação da Praça da República, integrando a circulação automóvel (como ilustram as figuras 16 e 17, o antes e depois da intervenção).



Figura 16 – Praça da República nos anos 30. (Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB)



Figura 17 – Praça da República nos anos 40, após requalificação da época do Estado Novo. (Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB)

Na zona de expansão as ruas têm um traçado mais largo, a circulação de peões é separada da via de circulação automóvel e as ruas são arborizadas, a figura 18 ilustra a evolução do traçado da actual Rua S. João Batista.



Figura 18 – Evolução da actual Rua S. João Batista, em 1950 e 1962. Virada para oeste, centro da cidade. As fachadas das moradias e o muro do seminário, à direita mantêm as fachadas. Pode ver-se o limite urbano. Por último, o traçado viário delimitado, ressaltando o alinhamento arbóreo de choupos plantados num generoso passeio, o espaço para o peão ainda é dominante. Esta rua, é conhecida como antiga estrada da Salvada, porque ligava a cidade às freguesias rurais nascentes. (Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB)

No início dos anos 50, séc. XX, inicia-se o processo de desobstrução do troço das muralhas (intra-muros) junto ao Castelo, deixando a descoberto esse troço e o arco da porta de Évora (Figura 20), resultando ruas e largos mais amplos.



Figuras 19 – Prédios a expropriar localizados junto às muralhas, na zona envolvente ao Castelo. Largo da Piedade, 1950. Rua 11 de Outubro, 1951. (Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB)



Figuras 20 – Após a demolição das casas, as ruas e largos ficaram mais largos, ficando isolados os elementos arquitectónicos de valor patrimonial. (Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB)



Figuras 21 – 1957, limite sul, o terreiro onde hoje se encontra a Casa da Cultura fazia a transição do espaço urbano com o rural prevalecendo as características do meio rural. O edifício no centro deste terreiro era o antigo matadouro, atrás, no limite fechado já se encontrava implantado o Estádio Flávio dos Santos. (Fonte: Arquivo fotográfico de Beja, CMB)

A construção do Bairro dos Alemães¹⁶ no início da década de 1960, no plano residencial, foi um marco no urbanismo da cidade. Com a imponência dos edifícios e a relação harmoniosa e equilibrada com o espaço exterior. O planeamento desta área residencial tem por base a

¹⁶ Autoria do urbanista Eng.º Manuel Costa Lobo.

teoria de concepção da cidade-jardim¹⁷. O mesmo modelo foi seguido no Bairro do Ultramar desenvolvido na vizinhança do primeiro (fig.22).



Figura 22 – Imagem satélite do Bairro dos Alemães e do Bairro do Ultramar. (Fonte: Google earth)

Na figura 23 estão marcados os perímetros urbanos correspondentes às décadas de 30 e 70.

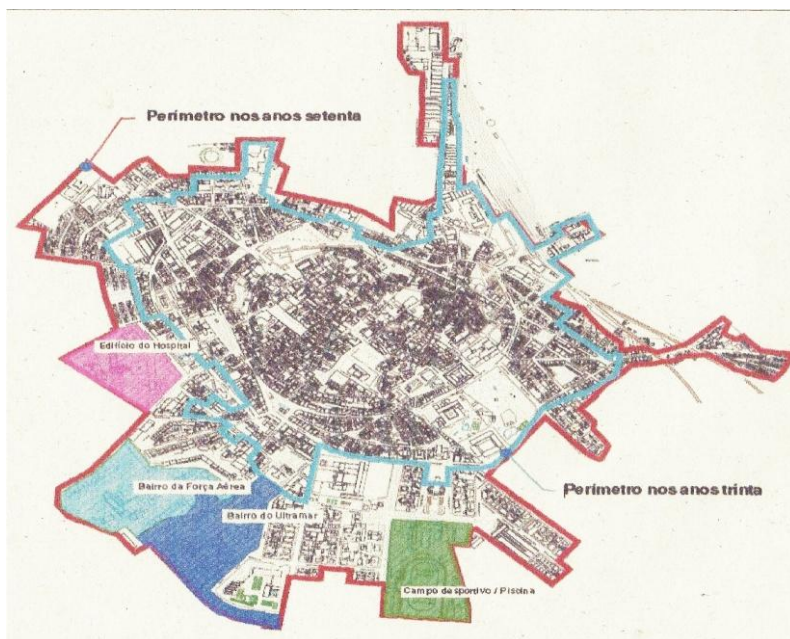


Figura 23 – Intervenções introduzidas durante o séc. XX e a expansão urbana até à década de 1975. (Fonte: Processo de Revisão do PDM de Beja; www.cm-beja.pt)

A ocupação do território continua com o aumento da densidade e volumetria dos edifícios, contudo, são várias as condicionantes físicas que limitam a expansão da cidade o IP2, IP8, linha de caminho de ferro, as Reservas Agrícola e Ecológica que envolvem o espaço urbano.

¹⁷ Cidade-jardim de Howard. A chave para a solução dos problemas da cidade era reconduzir o homem ao campo, através da criação de atractivos que pudessem contrabalançar as forças atractivas representadas pela cidade e pelo campo. (<http://urbanidades.arq.br/2008/10/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>)

Com a construção dos bairros criam-se espaços abertos públicos próximos destas unidades habitacionais, estes espaços de diferentes tipologias e funções criam uma vivência muito própria associada ao lugar e às pessoas que lá habitam.

Por oposição ao aumento do volume edificado e do afastamento cada vez maior do contacto com espaço rural, e pela aplicação dos instrumentos de gestão do ordenamento do território, nomeadamente Planos de Urbanização, surgem na malha urbana espaços abertos nas proximidades e adjacentes aos núcleos urbanos, pracinhas e os jardins à escala do bairro.

2.3.5 Intervenções do Programa Polis

Já na primeira década do novo milénio, no período compreendido entre 2000-2004, dá-se uma nova intervenção urbanística em Beja – o Programa Polis.

O Programa Polis na cidade de Beja compreendeu a requalificação do Centro Histórico, intervindo em largos e praças, a criação de novos espaços abertos públicos, a construção de um parque subterrâneo com vista a diminuir o tráfego do espaço histórico, dentro de muralhas, e a criação de uma rede de percursos envolvendo o centro histórico e o novo parque da cidade.

Lugares de intervenção:

- Praça da República;
- Largo de Santo Amaro;
- Largo de S. João e a Travessa do Cêpo;
- Praça Diogo Fernandes;
- Criação de um espaço público junto à muralha na Rua Capitão João Francisco de Sousa – Jardim da Muralha;
- Estacionamento para residentes junto à muralha na Rua D. Manuel I;
- Construção do parque subterrâneo na Avenida Miguel Fernandes;
- Construção do parque da cidade;

- Reestruturação viária da Rua António Sardinha e Rua de Lisboa;
- Requalificação do Largo da ermida de Santo André.

De acordo com os objectivos expressos no projecto do Programa Polis e passados sete anos após o término das obras far-se-á uma breve avaliação do estado actual de alguns espaços acima mencionados.

Dos lugares intervencionados salientam-se alguns com aspectos bastante positivos como o Largo de Santo Amaro que beneficiou com a reorganização do espaço possibilitando a coexistência de diferentes actividades ao longo do dia, para além da melhoria significativa das condições de higiene para o mercado das hortaliças. As figuras seguintes mostram a evolução do Largo de Santo Amaro desde 1947 a 2010.



Figura 24 – Largo do Santo Amaro, “ajardinado”, 1947
(Fonte: Arquivo fotográfico da CMB)



Figura 25 – O Largo de Santo Amaro em 1964 já desprovido de vegetação, com o fontanário implantado no centro.
(Fonte: Arquivo fotográfico da CMB)



Figura 26 – O Largo, antes da intervenção do Programa Polis evidenciava as condições precárias e de salubridade para a actividade de mercado. (Fonte: Arquivo fotográfico da CMB)



Figura 27 – Após a intervenção do Programa Polis o Largo beneficiou com uma imagem clara e limpa.
(Fonte: Ana P. Velhinho, 2010)

A construção do Parque da Cidade é sem dúvida a que teve mais aceitação do público, oferece aos habitantes uma polivalência de actividades ao ar livre disponível para todas as camadas etárias e sociais, para além de constituir um dos espaços abertos públicos com maior área permeável (fig. 28) e riqueza ecológica. A sua localização, numa zona de interface entre o espaço rural e urbano, e ligado a outros espaços abertos de valor cultural veio potenciar a coerência da Estrutura Verde da cidade. E ainda, encontra-se ligado e bem integrado com o centro da cidade contribuindo para a qualidade do espaço público.



Figura 28 – Parque da Cidade, após a obra. (Fonte: “Caminhos do Futuro”, 2005)

A intervenção ao nível dos percursos traçados, de articulação do centro da cidade à periferia através das Ruas de Lisboa e António Sardinha foi outro aspecto positivo. Na Rua António Sardinha conferiu-se maior segurança aos peões, ciclistas e automobilistas, separou-se a área dos peões e dos automobilistas. A largura do passeio foi ampliada contemplando uma ciclovia, e o eixo viário foi dividido por separador central, no final resultou a consolidação da capacidade da via através de uma coerência e unidade paisagística.

Como exemplos de intervenções com resultados menos positivos salienta-se a Avenida Miguel Fernandes, cuja morfologia foi alterada e com grande impacto visual como se pode ver pelo conjunto de imagens – figura 29. A construção do parque subterrâneo que visa diminuir o tráfego e o estacionamento do centro histórico levou à destruição do jardim que introduzia equilíbrio e amenidade a este lugar, funcionando como corredor verde com função de lazer. A Avenida está articulada à Rua de Lisboa uma das vias de atravessamento da cidade, na direcção de Lisboa. Os efeitos de diminuição do tráfego no centro histórico não se fizeram notar, uma vez que no ano de 2010 voltou a ser permitido o estacionamento automóvel na Praça da República (contrariando as tendência seguidas por outras cidade portuguesas).



Figura 29 – Evolução da Avenida Miguel Fernandes desde os anos 40 até ao início do século XXI. (Fonte: Arquivo fotográfico, CMB; Ana P. Velhinho – a fotografia do canto inferior direito)

Outro exemplo, de uma intervenção, que se pode referir com aspectos menos positivos é a Praça da República cuja transformação, mesmo minimalista, provocou uma “sensação de estranheza” nas pessoas em relação à nova “imagem” da Praça, levando mesmo ao seu afastamento, contrariando os objectivos iniciais do Programa que era a revitalização do Centro Histórico. Contudo nos últimos dois anos a vivência deste lugar tem vindo a melhorar, sobretudo devido às estratégias de acção cultural que aqui são desenvolvidas (eventos culturais, reabertura de cafés e serviços).

O Jardim da Muralha foi criado no âmbito destas intervenções nos espaços abertos públicos, contudo o seu estado de conservação, de todos, é aquele que se encontra mais degradado.



Figura 30 – Jardim da Muralha, parcialmente destruído, Junho de 2010. (Fonte: Ana P. Velhinho)

Em suma, a cidade teve um desenvolvimento urbano relativamente lento até aos anos 80 (séc. XX). Quando o aumento da especulação e o investimento imobiliário cresceram, a cidade desenvolveu-se seguindo a estrutura radioconcêntrica medieval. Ao longo deste tempo, os espaços abertos existentes, sofreram alterações e construíram-se novos, com tipologias e funcionalidades diferentes.

Na figura 31 podemos ver a evolução do perímetro urbano ao longo do tempo e o perímetro proposto na revisão do PDM.



Figura 31 – Evolução do perímetro urbano da cidade.
(Fonte: Revisão do PDM, www.cm-beja.pt)

3 – CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS

Com o crescimento da cidade e o respectivo aumento da construção e dos seus volumes, atendendo às novas necessidades da população urbana é essencial, para nós enquanto Arquitectos Paisagistas, entender o papel dos espaços abertos no sistema da cidade. Neste sentido, o presente capítulo incide de uma forma particular na caracterização dos espaços abertos do domínio públicos da cidade de Beja. Não contempla os espaços canais dado o limite de tempo de estágio.

3.1 – Metodologia utilizada na caracterização

Como referimos anteriormente este trabalho tem como objectivo elaborar uma base de dados que permita tirar algumas indicações e conclusões sobre os espaços abertos públicos, servindo de futuro como um instrumento de apoio à gestão e planeamento dos espaços abertos. Para a concretização do objectivo elaborou-se uma metodologia de caracterização que procura descrever e analisar a relevância de um espaço aberto público no contexto do tecido urbano.

A metodologia utilizada consiste na recolha de dados através de pesquisas bibliográficas sobre os espaços e análise *in situ* onde foi possível apreender as sensações que a composição do espaço transmite ao observador/utilizador. Posteriormente, procedeu-se à comparação da informação recolhida e ao preenchimento dos dados numa ficha elaborada previamente contendo os parâmetros a analisar. Por fim, fez-se uma avaliação dos espaços em estudo, através da análise de vários parâmetros (referidos no ponto 3.3 – Critérios definidos nas fichas de inventariação) que possibilitará a realização de um conjunto de medidas interventivas, adequadas às necessidades que cada espaço aberto apresenta constituindo assim um documento de apoio à gestão da manutenção e conservação dos espaços.

Caracterização dos espaços abertos públicos

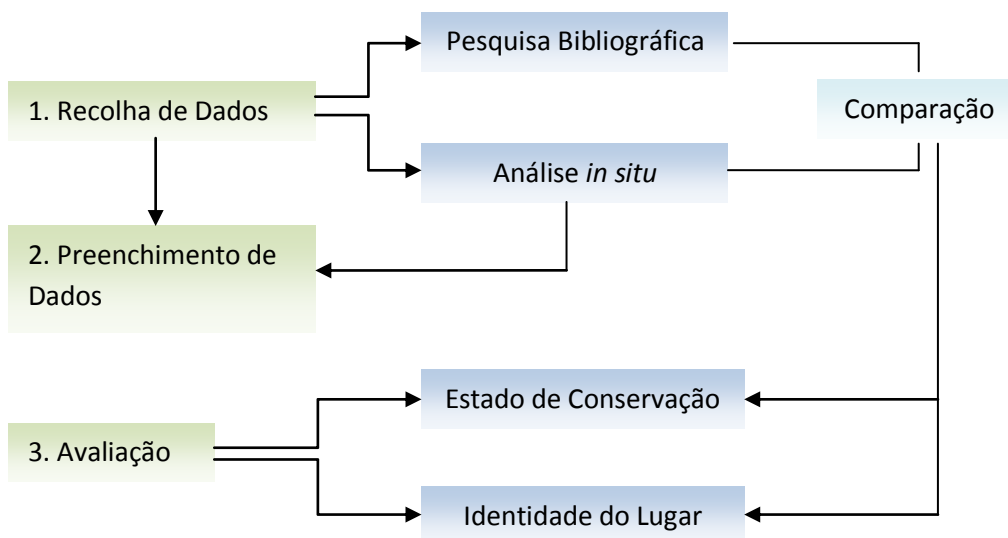


Figura 32 – Esquema síntese da metodologia utilizada na caracterização dos espaços abertos.

3.2 – Conceitos e tipologias abordadas nesta caracterização

Para as definições que a seguir se apresentam foi utilizado o estudo *Plano de Estrutura Verde da Cidade de Portalegre* (MURTEIRA, 1999).

Espaço aberto

Entende-se por espaço aberto todo o espaço exterior não edificado, sob influência directa dos factores climáticos, biofísicos e humanos. O espaço aberto é resultante de uma malha urbana, planeada ou não, pode encontrar-se definido pelos edifícios se estiver integrado no tecido edificado ou estar disperso, em ambos os casos assume uma forma, função e tipologia de espaço.

Espaço aberto permeável

Utiliza-se esta denominação quando a superfície, ou seja, o revestimento do solo, for permeável. Isto é, se o solo for revestido com material vivo (vegetação) ou com material inerte mas que permita a infiltração da água pluvial e a redução do escoamento da água favorecendo o ciclo hidrológico.

Espaço aberto impermeável

Surge por oposição ao espaço aberto permeável, neste caso refere-se que a superfície ou o solo se encontra totalmente coberto por material inerte impermeável não permitindo a infiltração da água directamente no solo, havendo um menor aproveitamento das águas pluviais.

Espaço aberto semi-permeável

O espaço aberto semi-permeável é uma situação intermédia das anteriores, ou por haver um equilíbrio das áreas permeáveis e impermeáveis ou por o solo estar revestido por um material inerte cuja porosidade permita a infiltração parcial da água.

Espaço aberto público

Todo o espaço aberto do domínio público que permite a mobilidade e o acesso livre aos espaços.

Tipologias dos espaços abertos

De acordo com a forma, morfologia e função dos espaços definiram-se as seguintes tipologias de espaço:

- **Praça** – “Espaço aberto, geralmente, plano pavimentado e de forma regular, é concebido como ponto gerador e estruturante do tecido edificado envolvente. Espaço de grande unidade, é frequentemente o local de confluência e de distribuição dos principais percursos envolventes e de grande intensidade ao nível da vida social e urbana, ao qual se associam frequentemente os edifícios e as funções mais significativas ou conotações simbólicas das mais representativas do aglomerado”. (ALFAIATE, 1992)

- **Largo** – Espaço de forma variável contido pelo edificado que o limita. Surge como ponto de confluência de várias ruas, são espaços estruturantes do tecido urbano, predominantemente impermeáveis destinando-se sobretudo à circulação pedonal e a algum trajecto automóvel.

- **Jardim** – Espaço cercado e fechado por muros ou vegetação. O jardim é um espaço mutável no tempo e no espaço, cuja construção corresponde a um enquadramento cultural e estético, tendo como matérias-primas os elementos naturais, o céu, a luz, a água, a terra, a pedra e a vegetação. Em representação do mundo organizado, “A primeira característica de um jardim

bem concebido é a ordem, a proporção, a medida!” (CABRAL e TELLES, 1960, p.136), cria um ecossistema artificial, essencialmente, humanizado onde a finalidade é o prazer físico e espiritual de estar e viver.

- **Praceta** – A praceta é um espaço integrado no tecido urbano, geralmente nas áreas residenciais, encontra-se contida pelos edifícios adjacentes. A dimensão, forma e função que assume na malha urbana depende do dimensionamento quer dos edifícios adjacentes quer do enquadramento urbano onde estão inseridas. A relação destes espaços com a população que os frequenta é muito estreita, pois funcionam como o prolongamento das casas que os envolvem assumindo um carácter muitas vezes reservado, quase privado, apesar de públicos.

- **Espaço de enquadramento** – São espaços que contemplam e integram elementos isolados ou construções na malha urbana, com a finalidade de os valorizar e salvaguardar numa ligação ao espaço envolvente. Resultam, normalmente de intervenções de cariz cénico, pois o principal elemento da composição é aquele que se pretende enquadrar. Contudo, dependendo da sua escala e estrutura os espaços de enquadramento podem assumir funções de estadia, lazer e recreio proporcionado uma melhor qualidade ambiental.

- **Parque urbano** – Espaço aberto de área extensa, geralmente à escala da cidade. De limites formais e numa situação de fronteira entre o espaço urbano e rural, é um espaço polivalente de protecção, recreio, lazer e convívio. “Hoje a ideia de parque evoluiu no sentido de zonas verdes urbanas que devem levar a paisagem exterior até ao centro da cidade e dar ao homem moderno, o contacto com a natureza que cada vez mais lhe falta na vida quotidiana.” (CABRAL e TELLES, 1960, p.134)

- **Mata** – Na mata a árvore tende a dominar a vegetação herbácea e arbustiva. As funções principais são de protecção e produção é necessário para cumprir a função de produção ser constituída como povoamento misto permanente e a orla bem desenvolvida. A mata em maior ou menor extensão deverá ocupar determinados pontos estratégicos como: os cimos dos cabeços, as encostas muito declivosas e as zonas de nascentes dos cursos de água. (CABRAL e TELLES, 1960)

- **Cemitério** – Espaço cultural associado aos aglomerados urbanos. Tradicionalmente são espaços fechados limitados por muros altos, assumem uma estrutura geométrica onde o cipreste é um elemento simbólico frequentemente presente.

3.3 – Critérios definidos nas fichas de inventariação

- Designação – indicação do nome do espaço. No caso, do espaço aberto não possuir uma designação, defini-lo com o nome da/s rua/s que o circundam.
- Localização – indicação da freguesia onde é feito o levantamento. E a zona, bairro, rua ou loteamento onde se insere.
- Enquadramento – é referido o enquadramento urbano ao espaço caracterizado.
- Data de construção – data em que o espaço aberto surgiu, foi construído ou a obra terminada, sempre que possível acompanhado da informação adicional do autor do projecto, devido à ausência de informação disponível sobre os diversos espaços (antigos e mais recentes), quando possível a indicação da década da construção.
- Área – refere-se à área total do espaço, em m² ou hectares.
- Tipologia – as características formais e vivenciais que o espaço possui determinam diferentes tipologias – praça, largo, avenida, jardim, praça, parque, mata ou enquadramento.
- Utilização actual – de estadia, convívio, lazer, atravessamento, valorização, estética e estacionamento automóvel. Da função que o espaço desempenha pode-se aferir a relação do espaço com a população e vice-versa.
- Utentes e ritmo de utilização – que tipo de pessoas utilizam os espaços e a intensidade ou frequência com que essas pessoas utilizam o espaço.
- Morfologia do relevo – a análise deste parâmetro é feita com base nas sensações sentidas aquando da observação. Se o relevo é plano, inclinado ou ondulado. Quando inclinado o declive é ligeiro/suave, médio ou acentuado. E ainda a orientação solar.
- Morfologia do espaço – neste ponto refere-se a estrutura (orgânica/geométrica), organização dos elementos (linear/radial/trama/agrupada/centralizada), a forma (regular/irregular) e os seus limites (fechados/permeáveis/abertos).
- Sistema de percursos – se o espaço é dotado de um sistema de percursos ou se está associado a algum.

- Sistema vegetal – no sistema vegetal é registado as espécies mais marcantes ou que se encontram em maior número, sub-dividido em três estratos vegetais: árvores; arbustos; herbáceas. E ainda o estado geral de conservação de cada estrato.
- Sistema de rega – se existe ou não sistema de rega automático.
- Elemento de água – se existe ou não.
- Permeabilidade do solo – pretende-se saber se a área do espaço se encontra totalmente permeável, impermeável ou se estão em equilíbrio. Registrando o material de revestimento do solo: vivo ou inerte e o estado de conservação.
- Mobiliário urbano e equipamento – indicação do mobiliário urbano existente, com o objectivo de ver se o espaço serve as necessidades da população e promove a utilização e permanência das pessoas nos lugares. Indicando o estado de conservação dos elementos.
- Acessibilidade – se cumpre ou não, assegurando a mobilidade para todos, principalmente pessoas com mobilidade reduzida.
- Intervenções realizadas – pretende-se saber se o espaço já foi objecto de intervenções de requalificação.
- Prioridade de intervenção – está dividida em três prioridades urgente, médio prazo e longo prazo. Determinada de acordo com o estado de conservação dos distintos elementos e todos os anteriores parâmetros. A intervenção urgente pode nem sempre significar a necessidade de uma requalificação do espaço mas sim uma intervenção imediata a fim de solucionar algo que esteja a desequilibrar a atmosfera do espaço aberto.
- Diagnose – registo de impressões com base na interpretação pessoal do observador sobre o observado e constatando o registado. Faz-se uma apreciação global do espaço focando, por vezes, alguns aspectos merecedores de atenção. Sugerindo e propondo medidas de valorização.

As fichas são completadas com uma imagem satélite de referência ao enquadramento e fotografia de reconhecimento do lugar.

3.4 – Síntese da caracterização dos espaços abertos

3.4.1 Distribuição dos espaços abertos públicos no tecido urbano

A dinâmica das afinidades das tipologias com a função que o espaço desempenha e a utilização dada pela população conduziu à diferenciação das tipologias por quatro referências estruturais (quadro 1).

Espaços de lazer/recreio	Jardins, parque da cidade, praças, largos e pracetas.
¹⁸ Espaços associados a equipamentos e monumentos	Piscina, estádio, parque de campismo e espaço de enquadramento.
Espaço de culto	Cemitério
Espaço misto (protecção e recreio)	Mata

Quadro 1 – Tipologias de espaço aberto público¹⁹.

No sistema da cidade a distribuição dos espaços abertos públicos é relativamente equilibrada (como pode observar na figura 33), se atendermos à malha consolidada, contudo à medida que nos afastamos do centro urbano para a zona de expansão na direcção do quadrante Norte – Este, já em espaço periurbano ainda com características rurais – é evidente a carência de espaços abertos qualificados com a função recreativa que permitam à população desfrutar de actividades ao ar livre.

Os espaços de recreio estão distribuídos pela cidade, sendo que é na zona de expansão Poente que se encontram os espaços de recreio à escala da cidade e com uma utilização muito intensiva pela população, em geral. Enquanto, que na zona Este e Sul surge uma rede descontínua de espaços à escala do bairro, que se complementam na função constituindo pequenos espaços de convívio e recreio, munidos de equipamentos diversificados, com uma utilização intensiva pelas pessoas que vivem nas casas contíguas, as tipologias correspondentes são as pracetas e jardins.

¹⁸ São espaços que surgem associados a equipamentos e monumentos integrando-os e completando as funções que lhe são atribuídas.

¹⁹ Adaptado da diferenciação das tipologias em referências estruturais de Pedro Brandão no livro *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva* e do livro *Plano Verde de Lisboa* de Gonçalo R. Telles.

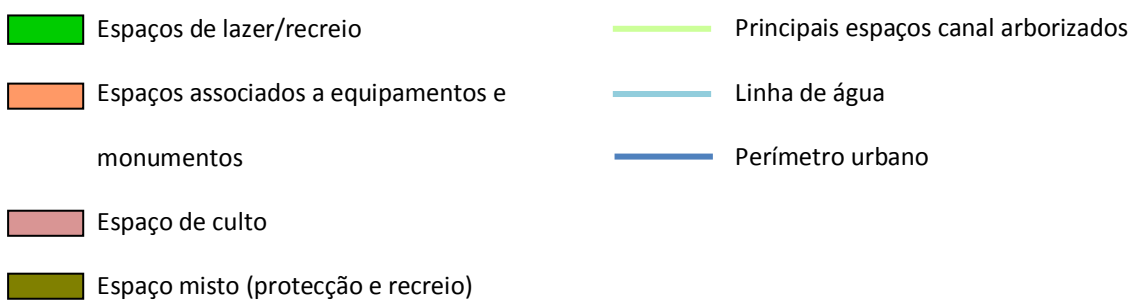
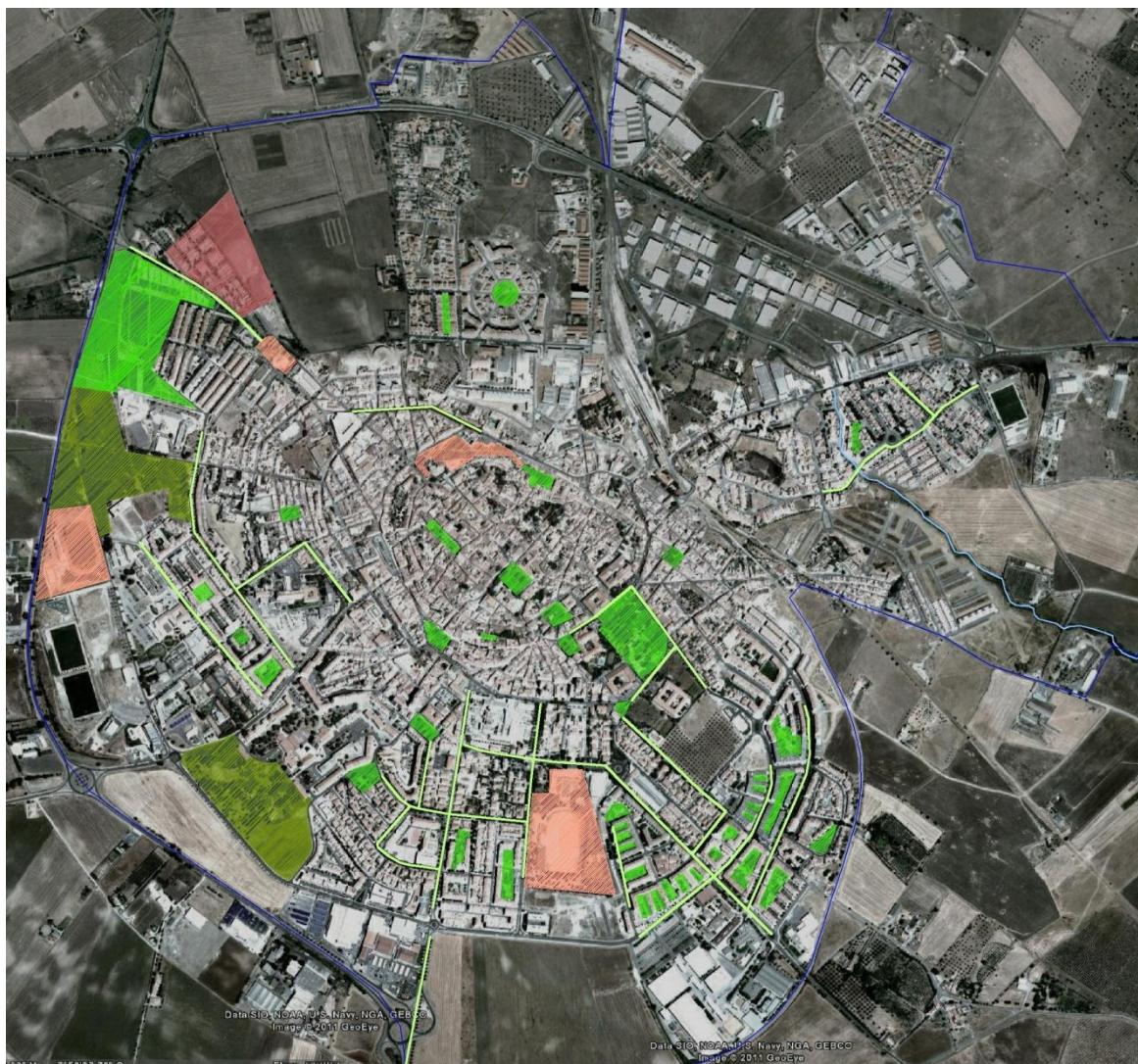


Figura 33 – Marcação dos espaços abertos públicos de acordo com as referências estruturais definidas. (Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho)

3.4.2 Continuidade entre os espaços abertos

Os espaços abertos públicos estudados constituem uma rede descontínua na malha edificada. A articulação entre eles é feita através das ruas circundantes, dos eixos arborizados e através de sistemas de percursos, ou ainda, quando a relação de proximidade e vizinhança é maior

esta continuidade torna-se mais coerente. A sequência dos pequenos espaços abertos contínua ou descontínua pode potenciar a existência de um corredor verde de ligação a outros espaços de escala maior.

Apesar de não estar contemplado na caracterização dos espaços abertos, mas por estar muito próximo, contíguo, de um dos espaços caracterizados, a Praceta António Botto, não podia deixar-se de salientar a incoerência ou a falta de planeamento e gestão do território para o caso da zona envolvente ao Barranco dos Frangos²⁰. O Barranco dos Frangos é a única linha de água, de regime torrencial, que atravessa o perímetro urbano, constituindo um elemento dinâmico de ligação entre os dois meios o rural e urbano.

Esta área, de interface entre os dois ecossistemas (terra/água), de maior sensibilidade e ao mesmo tempo tão rica do ponto de vista ecológico, não foi suficientemente salvaguardada, pois a construção das moradias sobre as margens da linha de água, conduziu nesse troço à destruição de vegetação ripícola, interrompendo os processos naturais deste ecossistema.

No ano de 2010 procedeu-se à requalificação do troço do Barranco integrado no Bairro (fig.35). Esta requalificação interveio na regularização das margens, na plantação de vegetação ribeirinha e na colocação de passagem sobrelevada, minimizando de futuro os desequilíbrios provocados no passado.

Esta ocorrência natural, sistema dinâmico, representa um valor ecológico muito elevado, introduz no meio urbano, maior biodiversidade, assegurando a sustentabilidade da paisagem urbana. Na proposta para a Estrutura Ecológica Urbana²¹ (ver anexo 1), está identificada como sistema de protecção fundamental (ocorrências naturais).



Figura 34 – Planta com um troço do Barranco do Poço dos Frangos, dentro do perímetro urbano.

²⁰ No final da década de 1980 início dos anos 90 processou-se a expansão do Bairro da Nossa Sra. da Conceição continuando pelo Bairro Quinta d'El Rei no sentido nascente – poente, constituído por moradias unifamiliares. O limite dos dois bairros era formado pelo Barranco

²¹ Definida no processo de revisão do PDM. (www.cm-beja.pt)



Figura 35 – Troço do Barranco do Poço dos Frangos aquando da requalificação, em espaço urbano. Vista para o espaço rural, a sul. Ponto em que a linha de água passa a ser canalizada. (Fonte: Ana P. Velhinho, 2010)

3.4.3 Conclusão

Analisando a distribuição dos 53 espaços públicos (fig. 36), registados no levantamento, na malha urbana, conclui-se que esta distribuição vai ao encontro do esperado e já referido no primeiro capítulo, na abordagem à dinâmica da evolução dos espaços abertos no desenho urbano.

No centro histórico intramuros, os espaços abertos são estruturantes do traçado urbano, são pontos de confluência do espaço envolvente, nomeadamente de ruas, destinando-se sobretudo à circulação. São as praças e os largos²², os espaços abertos públicos na malha consolidada e compacta do centro histórico que constituem espaços unitários onde espaço abertos e edificado são uma unidade indissociável do sistema cidade. Os valores sócio-culturais, patrimonial e paisagístico elevados estão impressos nas matrizes identitárias únicas, com uma vida social e urbana muito específica. Dos espaços caracterizados destacam-se a Praça da República como espaço monumental e o Largo do Terreirinho das Peças, este último porque conserva as suas raízes identitárias. É um lugar de uma riqueza singular, desde os elementos construídos, à relação física e visual que estabelece com outros lugares. Contudo, o Largo do Terreirinho das Peças carece de uma qualidade funcional como espaço de estadia, estando indicado como necessitando de uma intervenção urgente.

No centro histórico fora do perímetro de muralhas, as praças e os largos são lugares mais dinâmicos possuem uma intensidade de utilização mais intensiva, acolhem equipamentos como quiosque, cafés/esplanadas que constituem pontos de confluência com grande atractibilidade para lugares de estadia e convívio social. O Jardim Público é o principal espaço de recreio do centro histórico.

²² Não estão incluídos as ruas e os logradouros porque não constam neste estudo da caracterização, contudo a importância da sua existência é tão ou mais relevante relativamente aos largos e praças.













	Praça		Parque
	Largo		Mata
	Jardim		Estádio
	Praceta		Piscina
	Espaço de enquadramento		Cemitério

Figura 36 – Marcação dos espaços abertos. (Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velinho)

Os espaços abertos identificados na zona de expansão estão associados aos bairros e urbanizações, onde a apropriação da população em relação a estes lugares é maior, sendo mais intensiva nas pracetas que estão adjacentes às casas de habitação, contudo são espaços com um raio de influência menor ou muito reduzido. À excepção do Parque da Cidade, Mata e Parque de Merendas que são espaços à escala da cidade, e como tal, o seu raio de influência é muito abrangente.

O quadro 2 expressa a síntese do inventário realizado, e de acordo com esta síntese marcou-se em planta dois parâmetros essenciais desta análise, a permeabilidade (fig. 37) e a tipologia de Estrutura Verde (fig.38) que os espaços inventariados poderiam integrar. Relativamente às tipologias de Estrutura Verde (EV) definiram-se: EV Principal (EVP); EV Secundária (EVS) semi-continua; EV Secundária descontinua.

A permeabilidade e a presença da vegetação, destes espaços abertos, atribuem-lhe uma função essencial no sistema urbano. Se relacionarmos os princípios da Estrutura Verde e analisarmos a distribuição, as características e a continuidade dos espaços abertos públicos de Beja, diria que estes integrariam na Estrutura Verde Secundária, pois são espaços que possuem um carácter urbano e cuja ligação entre eles é descontinua, concretizada essencialmente por ruas arborizadas. Não obstante, a Mata dos Alemães, a Mata e o Parque da Cidade poderiam integrar na EV Principal, pois contribuem para um meio urbano com maior biodiversidade e mais sustentável.

Designação do espaço aberto	Localização	Continuidade a outros espaços abertos	Tipologia da Estrutura Verde	Valor paisagístico	Sistema vegetal		Revestimento do solo		Ritmo de utilização	Qualidade funcional	Estado de conservação
					Estratos	Dominância	Tipologia dos materiais	Permeabilidade			
Praça da República	Centro histórico	Não existe	Secundária – descontínua	Elevado	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Razoável
Praça Diogo Fernandes	Centro histórico – extramuros	Não existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Intensiva	Boa	Razoável
Praça do Ultramar	Bairro do Ultramar – zona de expansão consolidada	Existe	Secundária – semi-contínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Razoável
Praça Dona Francisca Perpétua D’Arce Cabo Mendes Tomás	Bairro do Ultramar – zona de expansão consolidada	Não existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Fraca	Fraca	Razoável
Praça Fernando Lopes	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Razoável
Praça Dr. Luís Sá	Zona de expansão em consolidação	Não existe	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Bom
Largo de Santo Amaro	Centro histórico – extramuros	Existe	Secundária – semi-contínua	Elevado	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Intensiva	Boa	Bom
Largo de São João	Centro histórico	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Elevado	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Razoável
Largo do Terreirinho das Peças	Centro histórico	Existe – semi-contínua	Secundária – semi-contínua	Elevado	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Fraca	Mau
Largo dos Duques de Beja	Centro histórico	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Elevado	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Intensiva	Fraca	Mau
Largo Eng.º Duarte Pacheco	Centro histórico	Não existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte	Impermeável	Intensiva	Razoável	Bom
Largo D. Nuno Álvares Pereira	Centro histórico – extramuros	Existe	Secundária – semi-contínua	Razoável	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Boa	Bom
Largo das Alcaçarias	Zona de expansão consolidada	Não existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Boa	Razoável
Jardim Público	Centro histórico – extramuros	Existe	Secundária – semi-contínua	Elevado	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Total	Razoável	Boa	Razoável
Jardim da Rampa	Centro histórico – extramuros	Não existe	Secundária – descontínua	Elevado	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Mau
Jardim da Muralha	Centro histórico – extramuros	Não existe	Secundária – descontínua	Elevado	Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Mau
Jardim das Portas de Mértola	Centro histórico – extramuros	Não existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Razoável	Razoável
Jardim dos Namorados	Zona de expansão consolidada	Existe	Secundária – semi-contínua	Elevado	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Total	Razoável	Boa	Bom
Jardim do Mira Serra	Bairro do Mira Serra – Zona de expansão	Existe	Secundária – semi-contínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Total	Fraca	Fraca	Mau
Praceta do Mestre André de Sousa	Bairro dos Falcões – Zona de expansão	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Fraca	Fraca	Mau
Praceta do Mestre António de Sousa	Bairro dos Falcões – Zona de expansão	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Fraca	Fraca	Mau
Praceta do Mestre Joaquim da Mata	Bairro dos Falcões – Zona de expansão	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Razoável	Bom
Praceta do Mestre António da Mata	Bairro dos Falcões – Zona de expansão	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Razoável	Bom
Praça Soror Mariana Alcoforado	Bairro dos Falcões – Zona de expansão	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Herbáceo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Mau
Praceta Francisco O’Neil	Bairro dos Falcões – Zona de expansão	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Razoável
Praceta Prof. Agostinho da Silva	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Razoável
Praceta João Vilarett	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Razoável	Bom
Praceta nas traseiras da Rua Bernardo Santareno	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-contínua	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Razoável	Bom

Quadro 2 – Quadro síntese da caracterização dos espaços abertos.

Designação do espaço aberto	Localização	Continuidade a outros espaços abertos	Tipologia da Estrutura Verde	Valor paisagístico	Sistema vegetal		Revestimento do solo		Ritmo de utilização	Qualidade funcional	Estado de conservação
					Estratos	Dominância	Tipologia dos materiais	Permeabilidade			
Praceta da Urbanização do NERBE	Zona periurbana consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – semi-continua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Intensiva	Boa	Bom
Praceta Antunes da Silva	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Bom
Praceta nas traseiras da Praceta Antunes da Silva	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Bom
Praceta Prof. Montalvão Marques	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Razoável
Praceta Maria Judite de Carvalho	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Fraca	Razoável	Bom
Praceta Carlos de Oliveira	Zona de expansão consolidada	Existe	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Bom
Praceta da Rua Artur Semedo	Zona de expansão consolidada	Existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Bom
Parque das Grevílias	Zona de expansão consolidada	Não existe	Secundária – descontínua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Boa	Bom
Praceta Al Mutamid	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – descontínua	Elevado	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Razoável
Praceta Beja III	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – semi-continua	Baixo	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Bom
Praceta Diário do Alentejo	Zona de expansão consolidada	Existe – semi-continua	Secundária – semi-continua	Baixo	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Fraca	Razoável	Bom
Praceta no interior do “Bairro do Texas”	Zona de expansão consolidada	Não existe	Secundária – descontínua	Baixo	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Fraca	Fraca	Razoável
Praceta António Botto	Zona de expansão periurbana consolidada	Existe	Secundária – semi-continua	Elevado	Arbóreo Arbustivo	Não domina	Inerte	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Razoável
Praceta na Rua Cândido de Oliveira	Zona de expansão periurbana consolidada	Não existe	Secundária – descontínua	Fraco	Arbóreo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Impermeável	Razoável	Razoável	Razoável
Espaço envolvente ao Castelo de Beja	Centro histórico – extramuros	Existe	Secundária – semi-continua	Elevado	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Total	Fraca	Razoável	Razoável
Ermida de Santo André	Zona periurbana em consolidação	Existe	Secundária – semi-continua	Elevado	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Total	Razoável	Boa	Bom
Jardim do Mercado	Centro urbano	Existe	Secundária – semi-continua	Fraco	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Razoável
Parque da Cidade	Zona periférica consolidada	Existe	Principal	Elevado	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Domina	Inerte Vivo	Total	Intensiva	Boa	Razoável
Mata	Zona periférica consolidada	Existe	Principal	Elevado	Arbóreo	Domina	Inerte	Total	Intensiva	Boa	Razoável
Mata dos Alemães	Bairro do Alemães – Zona periférica consolidada	Existe	Principal	Elevado	Arbóreo	Domina	Inerte	Total	Razoável	Boa	Razoável
Estádio Municipal Fernando Mamede	Zona periférica consolidada	Existe	Secundária – semi-continua	Razoável	Arbóreo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Razoável
Estádio Flávio dos Santos	Zona de expansão consolidada	Existe	Secundária – semi-continua	Razoável	Arbóreo	Não domina	Inerte	Semi-permeável	Fraca	Fraca	Mau
Piscina municipal	Centro urbano	Existe	Secundária – semi-continua	Razoável	Arbóreo Arbustivo Herbáceo	Não domina	Inerte Vivo	Semi-permeável	Razoável	Razoável	Razoável
Parque de campismo	Zona periférica consolidada	Existe	Secundária – semi-continua	Razoável	Arbóreo	Domina	Inerte	Total	Razoável	Razoável	Razoável
Cemitério	Zona periférica em consolidação	Existe	Secundária – semi-continua	Razoável	Arbóreo	Não domina	Inerte	Impermeável	Razoável	Razoável	Razoável

Quadro 2 – Quadro síntese da caracterização dos espaços abertos (continuação).

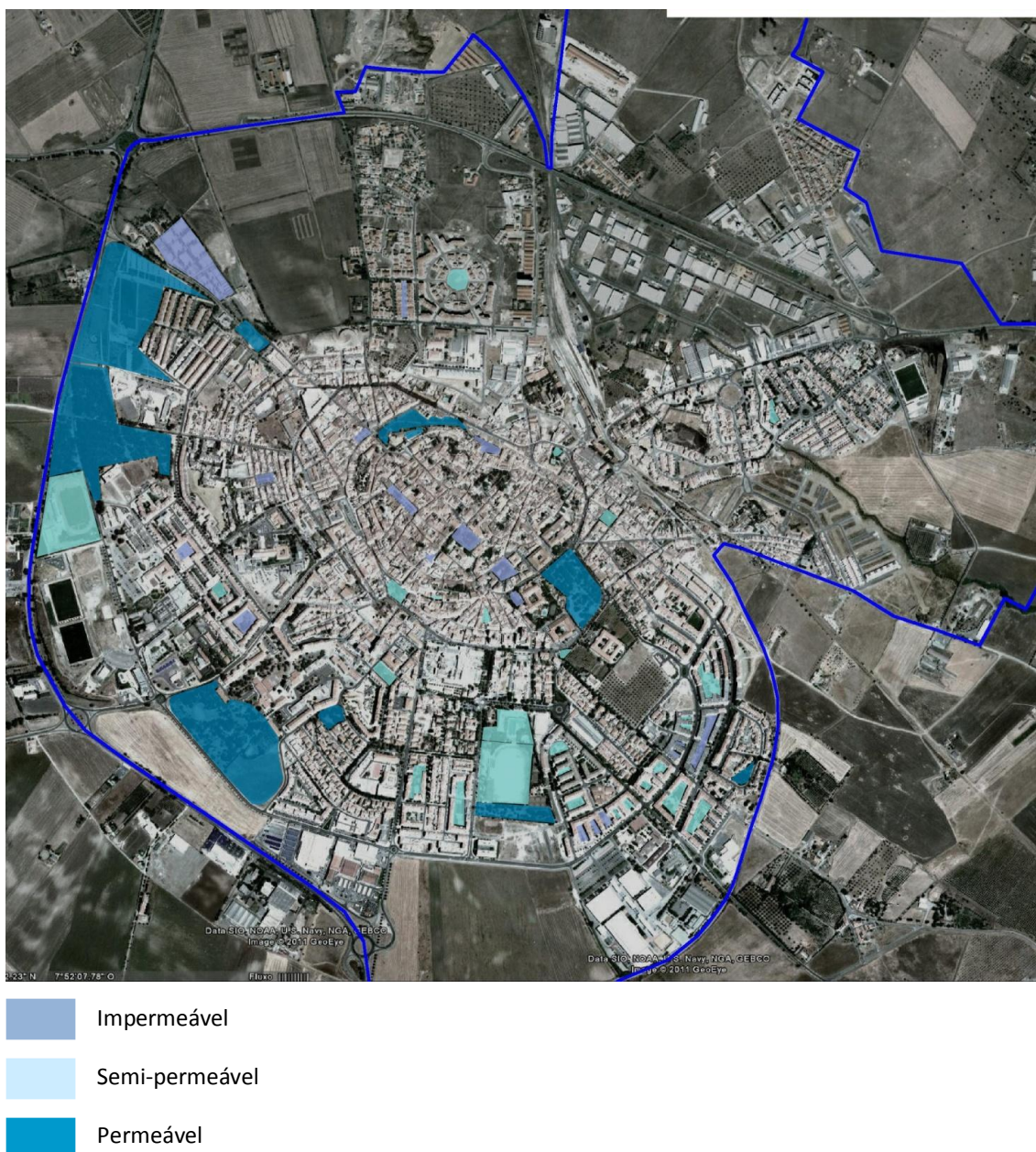


Figura 37 – Marcação dos espaços abertos de acordo com a sua permeabilidade. (Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho)



- Estrutura Verde Secundária descontínua
- Estrutura Verde Secundária semi-contínua
- Estrutura Verde Principal

Figura 38 – Marcação dos espaços abertos de acordo com a tipologia de Estrutura Verde a integrar. (Fonte: Google Earth, marcação elaborada por Ana P. Velhinho)

4. ACOMPANHAMENTO DA REQUALIFICAÇÃO DO JARDIM PÚBLICO

Quando iniciei o estágio já as obras de requalificação do Jardim Gago Coutinho e Sacadura Cabral tinham sido iniciadas havia dois meses (Novembro de 2009), a actual requalificação foi a primeira desde 1941 os trabalhos de conservação e manutenção têm-se cingindo à substituição do material vegetal. Durante o estágio a minha participação na requalificação do Jardim resumiu-se ao acompanhamento da obra, mais concretamente: as plantações das herbáceas e do relvado.

Pode-se considerar o Jardim Público de Beja, um jardim histórico como criação espacial, poética e pictórica construída através de uma composição de elementos arquitectónicos e vegetais dispostos segundo uma determinada forma. Por serem referentes a um ou vários momentos da evolução de uma cultura, constituem um documento histórico de grande valor. Surge como um lugar pleno de simbolismo com uma identidade própria representando uma cultura, sendo um dos indicadores das mudanças de atitude das sociedades em relação à Paisagem. A designação de jardim histórico baseou-se nos princípios definidos pela Carta de Florença dos Jardins Históricos²³. Nesta Carta, que visa valorizar e salvaguardar estes lugares enquanto monumentos, consta definições, objectivos e recomendações a ter em conta. Relativamente à manutenção, conservação, restauro e reconstituição de um jardim histórico recomenda, entre outros aspectos, que deve ter em conta o conjunto de todos os elementos.

4.1 Contexto histórico

A história do Jardim Gago Coutinho e Sacadura Cabral pode ser contada através das notícias emitidas nos Jornais da cidade, o *“Pax Julia”* e o *“Bejense”*, que ao longo do tempo foram dando a conhecer aos munícipes os acontecimentos que ocorriam no Jardim.

O início da construção do Convento de São Francisco remonta ao séc. XIII, construído fora do perímetro muralhado, a sul do aglomerado, destinava-se a ser Convento masculino pertencente à ordem de São Francisco. Dotado com uma grande cerca onde os monges cultivavam a terra.

²³ O Comité Internacional dos Jardins Históricos do ICOMOS – IFLA reunidos em Florença em 21 de Maio de 1981 decidiu elaborar uma carta relativa à salvaguarda dos jardins históricos, que assumiu o nome desta cidade.

(http://tsousa.ulusofona.pt/docbweb/MULTIMEDIA/ASSOCIA/IMAG/REVISTAS_LUSOFONAS_PDF/SOCIOMUSEOLOGIA/N%C2%BA.%2015/CARTA%20DE%20FLOREN%C3%A7A.PDF)

Após a Guerra Civil Portuguesa, é emitido o Decreto de 28 de Maio de 1834 declarando a extinção de todas as ordens religiosas, de forma a retirar poder e influência política ao clero. Mosteiros e conventos foram encerrados em Beja, o Convento de São Francisco não foi excepção, sendo o edifício afecto ao Exército. Anos mais tarde foi adaptado para quartel, Regimento 11 de Infantaria e a cerca do antigo Convento foi transformada em campo de treino militar.

Em 1840, aproximadamente, o comandante do mesmo regimento o Tenente-Coronel António de Oliva e Sousa decidiu transformar parte da antiga cerca, aproximadamente dois hectares de terreno, em jardim, altura em que era conhecido como Campo d'Oliva. O qual foi o primeiro passeio público da cidade de Beja. Com o crescimento da vegetação e com uma organização espacial orgânica ao estilo romântico na procura das paisagens míticas passou a chamar-se Jardim de Froebel, nome que perduraria até 1922, quando, em homenagem aos aviadores o Jardim passa a chamar-se Jardim Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A figura 39 ilustra o jardim na década de 1930.



Figura 39 – O lago do Jardim público na década de 1930. (Fonte: Arquivo fotográfico, CMB.)

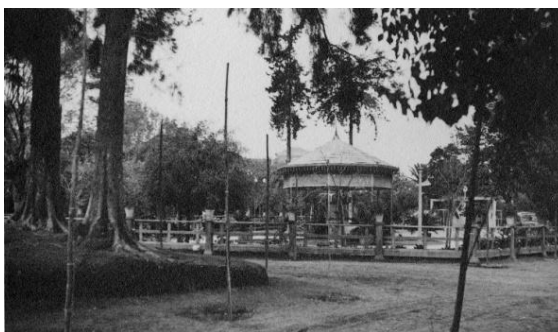


Figura 40 – Parque infantil do Jardim público, em 1940. (Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB.)

O ciclone de 1941 deixou o Jardim devastado e graças ao município foi reconstruído (a fig. 40 mostra o jardim antes do ciclone). Nesta altura plantaram-se novas árvores, construíram-se os lagos, melhorou-se as antigas instalações e criou-se novas. Reconstruído sob influência francesa predominam as linhas rectas, a profundidade da alameda, no traçado dos percursos secundários e na regularidade dos canteiros com formas geométricas, na procura do equilíbrio das formas. À semelhança do que sucedeu com a reconstrução do Jardim do Campo Grande em Lisboa, também o Jardim foi dotado de diversos equipamentos de recreio, ringue de patinagem, parque infantil, a recriação de um monte alentejano para as crianças, quiosque, um pequeno zoo, a fim de responder às novas necessidades da população. Composto por uma diversidade de espécies vegetais a sua organização e conjugação criam uma série de subespaços. O espaço que se construiu nessa altura é a que perdura até aos dias de hoje.

A sequência de fotografias que se segue ilustra vários momentos do jardim ao longo da década de 40 (séc. XX).



Figura 41 – Jardim público na década de 1940. Vista da rua principal. (Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB.)



Figura 42 – Entrada poente do Jardim público, em 1940. (Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB.)

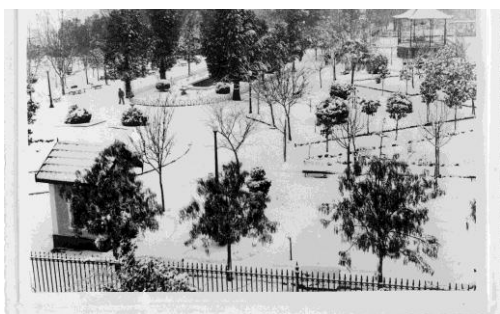


Figura 43 – O Jardim coberto de neve no nevão de 1945. (Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB.)



Figura 44 – Conjunto de fotografia do Jardim Público em 1947. A primeira mostra as actividades recreativas no lago grande. A esplanada/plateia construída no Jardim, nesta altura ocorriam diversos eventos culturais e sociais. Na última imagem mostra o limite Norte, local de miradouro, amparado por um denso elenco vegetal. (Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB.)



Figura 45 – Ringue de patinagem construído em 1949. (Fonte: Arquivo Fotográfico, CMB.)

O Jardim encontra-se cercado por muro com dois portões de acesso, virados para as Ruas D. Afonso Henriques e D. Nuno Álvares Pereira (fig. 46). O terreno apresenta-se relativamente plano, contudo sobrelevado em relação à Rua D. Afonso Henriques (virado a norte), ao longo deste limite debruçamo-nos sobre a varanda usufruindo de uma vista panorâmica. A envoltória do jardim é constituída a Norte pelos edifícios do ex-Governo Civil e pelo edifício da GNR (construção datada de 1652 pela Confraria de São Sisenando), a Este por casas térreas, a Sul pelo Seminário Diocesano e a Oeste pela Pousada de São Francisco que também o limita. Inserido no centro histórico, fora de muralhas, é o espaço aberto permeável e público com maior expressão no centro histórico, símbolo histórico e cultural, para além de contribuir para o equilíbrio ecológico e atmosférico da cidade. Com diversos equipamentos lúdicos de recreio, foi durante décadas o “Parque” da cidade procurado pelos habitantes e turistas como lugar de fruição, convívio e recreio.

O estilo de vida das sociedades modernas alterou-se, assim como, as suas necessidades. Em Beja a cidade cresceu (mas a população nem por isso) e a procura de um espaço aberto amplo e diversificado com grandes áreas livres multifuncionais, conduziu grande parte da população ao Parque Urbano de Beja construído na periferia. O que levou à decadência do Jardim Público, no que diz respeito à procura e afluência das pessoas.

O Jardim é mais usado como espaço de atravessamento entre as Ruas D. Afonso Henriques e D. Nuno Álvares Pereira, uma vez que, as pessoas que se deslocavam ao Jardim diariamente ou semanalmente na procura do desfrutar da sua ambiência e recreio, agora deixaram de o fazer. Apenas resistem os mais velhos, reformados, que diariamente lá vão ocupando os bancos dispersos pelo Jardim, ali convivem, põem a conversa em dia, fazem os seus jogos de cartas numa “sala” improvisada no coreto. O parque infantil e a imitação do monte alentejano continuam a merecer a atenção dos mais pequenos. O Jardim ficou, assim, à mercê de indigentes que nos locais mais escondidos pela vegetação procuram abrigo e refúgios causando um certo desconforto e insegurança a quem por lá passa ou passeia. Factor este, que por decisão da DZV e da Câmara Municipal, determinou o seu fechamento para posterior obra de requalificação.



Figura 46 – Planta geral do Jardim Público de Beja.

4.3 Acompanhamento das obras de requalificação do Jardim

Os principais objectivos da requalificação passavam pela instalação do sistema de rega automático (fig. 47), remodelação de alguns canteiros, substituição de algumas plantas e limpeza da mata.

A intervenção foi realizada sem a realização de um projecto de requalificação, uma vez que a intervenção “parecia simples”, tal viria a ser contrariado com o decorrer das operações efectuadas verificando-se a necessidade de intervir noutros elementos, tais como: o sistema eléctrico, intervenções nos lagos, no ringue de patinagem, nas gaiolas dos animais, no reboco dos muros e no pavimento. Operações essas que ultrapassavam os trabalhos a serem realizados pelas equipas da DZV, e em nossa opinião as competências da DZV.

Da intervenção do jardim salienta-se a falta do projecto de requalificação, que veio a revelar-se essencial, quando a obra se tornou mais complexa. Tais intervenções aliadas ao Inverno muito chuvoso provocaram o atraso em largos meses da abertura do Jardim ao Público.

Como já foi dito a minha participação na intervenção no Jardim cingiu-se ao acompanhamento de alguns momentos das operações de requalificação como por exemplo a plantação das herbáceas e a colocação dos tapetes de relva (fig.48).



Foto 47 – Implantação do sistema de rega automático. Vala aberta com a conduta principal do sistema de rega. E caixa com electroválvulas.(Fonte: Ana P. Velhinho)



Figura 48 – Conjunto de fotografias que mostra algumas operações efectuadas pela equipa da DZV. Na primeira imagem a mobilização do solo num dos canteiros. Na imagem do canto inferior esquerdo, a distribuição das herbáceas para posterior plantação. Por fim a colocação dos tapetes de relva. (Fonte: Ana P. Velhinho)

A minha participação no processo de requalificação do Jardim Público não foi muito significativa, no entanto, as dificuldades sentidas prendem-se com o facto de não haver um levantamento topográfico coerente com a realidade actual do Jardim, a única planta existente estava à escala 1:500 (desenhada à mão) cujo desenho diferia do actual. Foi, por isso, necessário pedir o apoio neste campo, para a realização de um levantamento planimétrico e altimétrico, contudo dada a indisponibilidade da CM de Beja por falta de técnicos desta área não foi possível fazer o levantamento completo, mas sim de alguns elementos que não estavam referenciados. Devido a este factor tentou-se ajustar o desenho à realidade, não sendo este fidedigno (fig.46). Além da ausência da informação cartográfica a informação bibliográfica também não se encontra disponível em bibliografia referenciada, sendo a informação recolhida a partir de jornais da época e de pequenos textos “soltos” encontrados na DZV que dão conta de alguns acontecimentos ocorridos do Jardim Público.

4.4 Conclusão da requalificação do Jardim público

A Carta de Florença dos Jardins Históricos recomenda que qualquer restauro ou intervenção de um jardim histórico só deverá realizar-se após um estudo aprofundado relativo ao jardim, susceptível de assegurar o carácter científico da intervenção. Antes de ser executado, esse estudo deverá ser objecto de um projecto a ser analisado por um conjunto de peritos.

²⁴A obra de requalificação do Jardim Público foi promovida pela DZV, que determinou os seus objectivos de intervenção condicionada pelo baixo orçamento disponível. Não foi realizado um projecto de execução nem um estudo prévio deste lugar.

A expressão popular, “o barato sai caro”, assenta bem neste caso particular, no decorrer do tempo e da obra, esta apresentou-se mais complexa ultrapassando os trabalhos a serem realizados pelas equipas da DZV, sendo necessário a intervenção de outras especialidades, nomeadamente, arquitectura paisagista (que desde o início acompanhou este processo), arquitectura, engenharia civil e electrotécnica.

Quando solicitada a intervenção das diferentes especialidades, estas actuaram pontualmente de forma individual, sem qualquer articulação entre elas. Revelando mais uma vez a incoerência deste processo, que não tira proveito da complementaridade das diferentes especialidades.

Para uma correcta actuação é essencial a existência de um levantamento topográfico e planimétrico actualizado, algo que não existia e que não foi aqui contemplado.

Salienta-se, ainda, as podas excessivas de limpeza das árvores, particularmente dos ciprestes que ficaram com um fuste superior a três metros, justificando-se neste caso a remoção dos ciprestes e substituí-los por novos exemplares. De um modo geral, o lugar onde outrora dominava o contraste luz - sombra, hoje a sombra projectada é muito reduzida, assim como, as sensações de frescura e contenção provocadas pela densidade da composição vegetal.

Do ponto de vista do Arquitecto Paisagista esta obra foi mal conduzida, devido à ausência de um estudo prévio que contemplasse a visão global integrante do lugar e do espaço envolvente que é necessário contemplar no acto de intervir.

²⁴ Desde as intervenções realizadas nos finais dos anos 40 até à data os trabalhos de manutenção e conservação cingiram-se à reparação/substituição do material vegetal. Como tal, o Jardim já apresentava alguns sinais que evidenciavam a necessidade de intervir.

5. INTERVENÇÕES NO ESPAÇO ABERTO PÚBLICO

5.1 A vegetação na concepção dos espaços abertos

Uma vez, que este capítulo incidirá sobre as execução de duas propostas de planos de plantação para duas situações urbanas é de relevância abordar a importância da vegetação na concepção dos espaços abertos.

O Homem desde sempre que soube tirar proveito da vegetação, colmatando as suas necessidades de alimento, material e abrigo do vento. De forma mais evolutiva e organizada surgem as hortas, pomares, jardins, a compartimentação dos campos, etc., várias formas de moldar a vegetação constituindo sempre elementos de composição da paisagem.

É nos finais do séc. XVIII e XIX²⁵, com a evolução do conhecimento científico aliado às teorias higienistas que é reconhecido o papel fundamental da vegetação na cidade, como elemento purificador da atmosfera através da transformação do dióxido de carbono em oxigénio. Contudo existem outros importantes contributos da vegetação, nomeadamente, regulação da temperatura do ar, aumenta o teor de humidade, absorção das poeiras em suspensão na atmosfera, dá sombra (muito valorizada na época de Verão). A vegetação transporta, ainda, para a cidade os fenómenos biológicos do meio servindo de habitat para uma determinada fauna e marca a alternância das estações do ano.

A vegetação constitui um dos elementos indispensáveis à construção da estrutura da cidade, introduz-lhe cor, cheiro e texturas de contraste com os materiais inertes que dominam neste contexto. As características plásticas pontuam e enfatizam determinados lugares de destaque no meio urbano, e por fim, a presença da vegetação equilibra a escala dos espaços abertos e dos edifícios, que tendem a ser cada vez mais, distante da escala humana. A vegetação é também construtora do espaço, a sua organização e associação criam diversidade de ambientes e sensações, a partir de uma ordem estética e ecológica.

A vegetação resulta da interacção dos diferentes factores ecológicos como o clima, a exposição solar, a disponibilidade da água, as características do solo e do relevo.

²⁵ Magalhães, Manuela, 2001. "Arquitectura Paisagista Morfologia e complexidade".

Para uma correcta utilização da vegetação é desejável um conhecimento profundo relativamente às suas características ecológicas e das diferentes associações e sucessões, pois enquanto material vivo tem uma evolução e exigências de manutenção específica.

De modo, a contribuir para um sistema vegetal equilibrado, dinâmico e diverso é importante que estejam presentes os três estratos de vegetação herbáceo, arbustivo e arbóreo.

A vegetação herbácea regulariza a temperatura durante a noite junto à superfície. Neste estrato estão incluídos os relvados, que tanta polémica gera, a sua utilização justifica-se pelo aumento da humidade junto ao solo, mitigação das poeiras suspensas na atmosfera e pela diminuição da temperatura no ar. Embora a sua utilização tenha de ser ponderada relativamente à dimensão, uso e localização. Uma vez, que necessita de humidade elevada para se manter viçosa e saudável não deve ser utilizada indiscriminadamente num lugar onde o clima é predominantemente seco.

5.2 Intervenção no espaço exterior da Urbanização do Seminário

A meio do período de estágio foi-me sugerido, pela Eng.^a Fátima Cruz durante uma visita à Urbanização do Seminário, apresentar uma proposta de plano de plantação para o espaço exterior de um loteamento da Urbanização, como alternativa ao plano de plantação que constava no projecto de execução.

5.2.1 Localização

A área de intervenção está situada na encosta a nascente do centro da cidade, perto do limite urbano. Encontra-se inserida na Urbanização do Seminário (fig. 49), localizada na área urbana de expansão, zona de habitação com construções de alta densidade.



Figura 49 – Imagem satélite com a localização da Urbanização relativamente ao espaço urbano, imagem orientada a Norte. (Fonte: Google Earth)

5.2.2 Caracterização do espaço de intervenção

O espaço exterior do loteamento da Urbanização é o resultado da cedência das áreas destinadas a espaços públicos, nomeadamente aos espaços verdes, como regulamentado pela legislação²⁶, que obriga todos os proprietários a cederem, a título gratuito, as parcelas de terreno de uso colectivo aquando da construção dos loteamentos urbanos.

O espaço exterior de intervenção encontra-se limitado pelos prédios de habitação cuja tipologia dominante é plurifamiliar. O espaço tem uma estrutura linear e uma área total de 3019m² dos quais 1370m² são permeáveis. A área permeável corresponde aos taludes lineares que se estendem pelo espaço, aumentando o declive de Sul para Norte (fig. 50). É esta a área permeável onde incide a intervenção, nomeadamente o revestimento dos taludes, e é composto pela faixa central linear aos edifícios, uma transversal no limite norte e três pequenos canteiros no limite Oeste, todos eles em talude. Relativamente à exposição solar, esta é maior ao meio dia, nos restantes períodos do dia é sombrio (ver em anexo 3).



Figura 50 – Urbanização do Seminário, a área de intervenção, Agosto de 2010. (Fonte: Ana P. Velinho)

5.2.3 Proposta para o plano de plantação

A tipologia de espaço aberto considerada é de enquadramento aos edifícios de habitação, dadas as características e o dimensionamento destina-se às funções de circulação e acesso automóvel às garagens dos prédios de habitação.

²⁶ O Decreto-Lei n.º 26/2010 de 30 de Março estabelece que os loteamentos devem prever áreas destinadas à implantação de espaços verdes e de utilização colectiva, infra-estruturas viárias e equipamentos. E estabelece, ainda, que os parâmetros para o dimensionamento das áreas previamente referidas são as que constam definidas em Plano Municipal de Ordenamento do Território.

Da análise do espaço salienta-se, para além, do desenho do espaço exterior pouco atractivo e funcional, os acabamentos construtivos “pouco apurados” como lancis e muros de suporte das terras dos taludes, inacabados.

A proposta do plano de plantação (em anexo) vai no sentido de promover a estabilização das terras dos taludes que apresentam uma inclinação muito acentuada, através da escolha de espécies vegetais nomeadamente de herbáceas e arbustos, que pelas suas características morfológicas assegurem a estabilização e atribuem contraste e vida a um espaço marcado pela monotonia.

Partindo da premissa que os espaços abertos “verdes” não devem surgir como pontos residuais na malha edificada, optou-se por realizar uma visão mais abrangente para além da área da definida. Deste modo, pretende-se promover a qualificação do espaço aberto público enquanto espaços articulados e integrados numa rede de espaços, servindo de suporte à circulação.

Identificaram-se os principais espaços abertos na envolvente próxima da área de intervenção – logradouros e quintais, espaços de enquadramento aos edifícios de habitação, espaços de recreio e ruas arborizadas (fig. 51).

Integraram-se, neste esboço, os espaços mencionados e mais um localizado a nascente da área de intervenção referido no PDM²⁷ como “zona verde de protecção integral”²⁸, e as ruas envolventes, cujo traçado permite arborizar.

²⁷ Plano Director Municipal, Planta de Ordenamento – 01 – Área Urbana de Beja.

²⁸ Espaço situado na transição do espaço urbano e rural, com um relevo muito inclinado, possui um amplo domínio visual sobre o quadrante norte-sul. Nos últimos anos foi utilizado indevidamente com espaço de apoio às obras dos loteamentos envolvente.

5.3.2 Caracterização do espaço de intervenção

O espaço de intervenção é um espaço composto por dois canteiros permeáveis, situa-se entre duas ruas com tráfego automóvel e um grande fluxo de peões (fig. 53).

A sul o espaço está limitado por edifícios de um a dois pisos, cuja tipologia é de habitação sendo o piso zero ocupado por garagens e serviços comerciais, a Norte está limitado pela faixa de rodagem que o separa do posto de abastecimento de gasolina e da escola primária nº1.

A situação actual dos canteiros apresenta-se num estado de degradação, desde plantas, revestimento da superfície, pavimento danificado pelas raízes da árvore, vedação dos canteiros e ainda a destruição do banco em pedra. O passeio largo é parcialmente ocupado pelos canteiros, pelo que a área útil de utilização para peões fica muito reduzida.

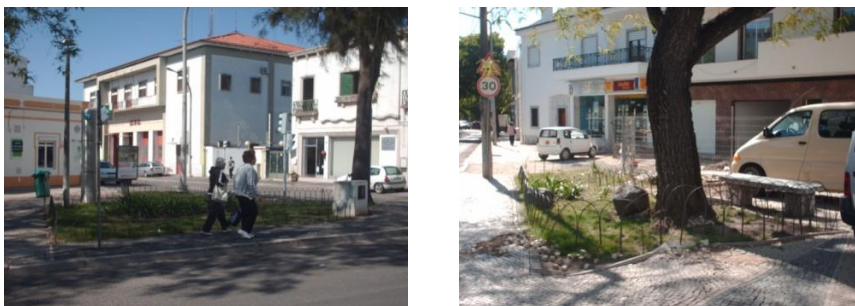


Figura 53 – Área de intervenção, na Rua Ramalho de Ortigão, Maio de 2010. (Fonte: Ana P. Velhinho)

5.3.3 Proposta

A proposta de requalificação para o canteiro assenta nos seguintes objectivos: substituição do canteiro parcialmente destruído em obra, por construção da caldeira para a árvore já existente, *Tipuana tipu*; instalação do sistema de rega automático, (não elaborada nesta proposta); substituição do sistema vegetal e utilização de revestimento inerte permeável; melhorar as acessibilidades, através do redimensionamento do canteiro a manter.

Pretende-se que as espécies escolhidas necessitem de poucos cuidados de manutenção, e que esta matéria viva introduza contraste com o material inerte, dominante em toda a envolvente do canteiro (ver planta da proposta em anexo 4).

5.4 Conclusão das intervenções no espaço aberto público

Considera-se que os espaços abertos são factor fundamental na estrutura do espaço público e que deverão obedecer a requisitos específicos inerentes à sua função, pelo que não deverão ser considerados como espaços residuais de outros usos. Nos objectos de estudo deste Capítulo 5 temos dois exemplos de espaços abertos públicos com diferentes funções: espaço canal e espaço de enquadramento, o primeiro com um ritmo de utilização muito intensivo por diferentes pessoas que o utilizam quer a pé quer de automóvel e o segundo utilizado apenas pelos moradores dos edifícios adjacentes.

5.4.1 Espaço exterior da Urbanização do Seminário

Importa referir, que Urbanização do Seminário não esteve abrangida por nenhum plano de ordenamento, coube, então, à Administração Local o licenciamento camarário e a definição dos parâmetros relativamente ao dimensionamento dos espaços exteriores. O que permite especular como são encarados os índices das áreas cedidas para os “espaços verdes” junto aos loteamentos urbanos. Estas áreas são consideradas de forma quantitativa gerando espaços exteriores com muito pouca qualidade ambiental urbana resultando em espaços residuais associados a outros usos, como é o caso do espaço exterior do loteamento em questão.

O primeiro obstáculo, para uma intervenção mais precisa deveu-se à ausência de um levantamento topográfico e altimétrico actualizado em formato digital e da indisponibilidade da CMB em fornecer esta base de trabalho²⁹.

As dificuldades que se seguiram estão relacionadas com a vegetação e a topografia do terreno (taludes), de modo, a conseguir uma fixação das terras que se encontram instáveis às condições atmosféricas e ao mesmo tempo que as espécies utilizadas estejam adaptadas às condições do lugar, e por isso, com necessidades de manutenção reduzidas.

²⁹ A base de trabalho foi realizada por mim, a partir de uma planta sem escala (em papel), podendo por isso haver erros nas dimensões.

O canteiro com 69 m² na rua Ramalho de Ortigão ocupa parcialmente o passeio encontrando-se muito próximo da passagem para peões.

No decorrer de várias abordagens ponderou-se a manutenção ou não do canteiro, mas optou-se por mantê-lo, justificando que seria um elemento de valorização estética do traçado da rua. Contudo mantenho a minha opinião, que seria mais relevante aumentar o espaço para os peões e além disso os gastos com a manutenção (económico e ambiental) não compensarem os ganhos. Nesta sequência achou-se necessário redimensionar o canteiro com o objectivo de ceder área útil ao passeio.

Mais uma vez, não foi cedido o levantamento actual deste lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atraso do desenvolvimento urbano de Beja conduziu a uma estrutura urbana pouco desordenada, quando comparada com outros centros urbanos. Seguiu a estrutura radiocêntrica delimitada pelo perímetro muralhado do centro histórico. No entanto, devido ao crescimento do aglomerado urbano, o centro histórico e seus “arrabaldes” vão ficando cada vez mais distantes do espaço rural, sendo necessário garantir a ligação a este espaço, tanto física como visual. Neste sentido a ligação contínua ou semi-contínua deveria ser constituída pelos espaços abertos permeáveis com vegetação, os quais, são elementos estruturantes do tecido urbano. O que nem sempre se verifica em Beja, onde os espaços abertos estão distribuídos pela malha edificada, contudo de forma dispersa, frequentemente surgem pontualmente limitados pelos edifícios que lhe dão forma. Ao invés, da projecção de uma rede de espaços que imprimam essa continuidade.

Com o crescimento da cidade e as novas necessidades da população urbana é necessário compreender e valorizar as funções ecológicas, estéticas e sociais dos espaços abertos. Para a concretização do sistema contínuo de espaços abertos é fundamental a definição da Estrutura Verde/Estrutura Ecológica Urbana como instrumento de apoio à gestão urbanística, que Beja ainda não dispõe. Porque os espaços abertos, para além, de constituírem equipamentos colectivos têm um papel de activação biológica, regularização do microclima e purificação da atmosfera.

Considero que a minha integração na DZV foi fácil e bem acolhida. Durante o período de estágio pude observar o ritmo diário deste serviço, a ordem de trabalhos, os pedidos da população e a resposta às várias solicitações. Percepcionei que a Divisão funciona à margem do processo de concepção de um determinado espaço aberto, ou seja, não existe um envolvimento da DZV no departamento técnico onde é projectado e executado um determinado espaço.

No âmbito do trabalho que desenvolvi senti algumas dificuldades, principalmente pela abordagem e interpretação de alguns conceitos utilizados serem diferentes. Pois a DZV opera sobretudo na manutenção do sistema vegetal do espaço aberto, considerando espaço verde, todo o espaço que contem vegetação, ou seja, desde o pequeno canteiro isolado no traçado de uma rua até uma escala maior como o parque da cidade.

A caracterização dos espaços abertos permitiu-me fazer uma análise da situação dos espaços abertos, de acordo com a localização, função e uso de cada espaço. E assim, pretendendo

determinar a qualidade funcional e urbana, a partir da identidade e valor enquanto espaços individualizados e integrados no sistema urbano. Podendo, ainda, contribuir para criar uma fonte de informação, estabelecer prioridades na manutenção e gestão dos espaços abertos públicos, fundamentar investimentos do município sobre a manutenção, restauro e salvaguarda dos espaços abertos públicos e por fim divulgar a importância dos espaços abertos.

Encarei o desafio das intervenções no espaço público (propostas de planos de plantação), como um exercício prático dos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, no entanto, com maior responsabilidade dada a possibilidade de pudermos vir a ser executados. Contudo dados os imprevistos decorrentes da indisponibilidade da CMB fornecer as bases de trabalho (levantamento topográfico), consequentemente parti para uma iniciativa própria em realizar estas duas propostas, mas com o sentimento, inconformado, da falta de rigor que daí podia advir.

Em suma, considero que seria uma mais-valia para a DZV a integração de um Arquitecto Paisagista, ou uma maior complementaridade com o Arquitecto Paisagista da Câmara, com o objectivo de integrar uma visão mais abrangente do espaço urbano e que actue em aspectos mais formais que ultrapassam as competências da DZV.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge, 1987. *Cidades e História - A Cidade Romana Em Portugal: Renovação Urbana em Portugal Na Época Romana*. Fundação Calouste Gulbenkian.

ALFAIATE, M. T. A.. Fisiografia, morfologia urbana e tipologias, relatório para uma aula da disciplina de projecto I e II da Licenciatura de Arquitectura Paisagista. 1992, I.S.A.

ARAÚJO, Ilídio Alves, 1961. *Problemas da Paisagem Urbana*. Ministério das Obras Públicas.

ARGEL, David, Helena Guerreiro Marques, 1991. *Quatro Décadas de Beja, Uma Busca das Bruscas Transformações 1950-1989*. Edição C.M.B.

Beja, Centro Histórico – Plano de Salvaguarda e Recuperação, 1981. C.M.B., Beja.

BRANDÃO, Pedro, 2008. *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva*. DGOT, Lisboa.

CABRAL, Francisco Caldeira, 1993. *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

CABRAL, Caldeira F., Telles G. Ribeiro, 1960. *A Árvore Em Portugal*. D.G.S.U., Lisboa.

Caminhos do Futuro, Viver Beja, 2005. Programa Polis, Beja.

CARVALHO, Jorge, 2003. *Ordenar a Cidade*. Quarteto, Coimbra.

MAGALHÃES, Manuela R., 1992. *Espaços Verdes Urbanos*. DGOT, Lisboa.

MAGALHÃES, Manuela R., 2001. *A Arquitectura Paisagista Morfologia e Complexidade*. Editorial Estampa, Lisboa.

MURTEIRA, Manuela de Jesus Batista da Fonseca, 1999. *Plano de Estrutura Verde da cidade de Portalegre*. Tese UE, Évora.

TELLES, G. Ribeiro, 2003. *A Utopia e os Pés na Terra*. Instituto Português de Museus.

TELLES, G. Ribeiro, 1997. *Plano Verde de Lisboa*. Edições Colibri, Lisboa.

7. ANEXOS

7.1 Anexos 1 - Estrutura Ecológica Urbana para a cidade de Beja



Planta com a delimitação da Estrutura Ecológica Urbana proposta no processo de revisão do PDM de Beja. (Fonte: www.cm-beja.pt)

7.2 Anexos 2 – Inventário dos Espaços Abertos Públicos

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista/Santiago Maior/Santa Maria da Feira/Salvador. Centro histórico intramuros.



Imagem satélite da Praça da República e o contexto urbano envolvente.
(Fonte: Google earth)

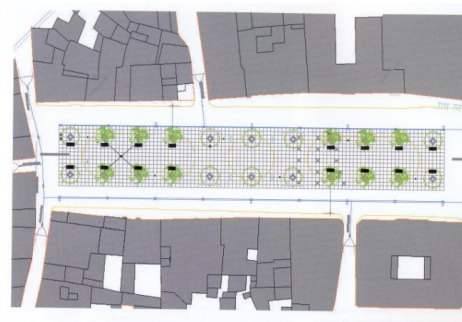
ENQUADRAMENTO: A Praça está localizada no centro histórico, onde a malha urbana desenvolve-se a partir de um núcleo central, adaptando-se à topografia do terreno assumindo uma planta concêntrica.

A Praça está circunscrita por edifícios, de um a dois pisos, de diversas utilizações, religiosa, administrativa, serviços, comércio e habitação. Alguns prédios têm logradouros ou pátios interiores, as fachadas resultam heterogêneas, sendo que cada fachada é o espelho da época em que foram construídos os edifícios (construções anteriores à década de 50 do séc. XX). Contudo são os pormenores arquitectónicos do séc. XVI que mais se destacam no conjunto edificado. Já no espaço envolvente as casas possuem características tradicionais, fachadas simples, caiadas e térreas (no Bairro da Judiaria) ou de dois pisos.

A forma da Praça é definida a Norte pela Igreja da Misericórdia - elemento polarizador da Praça, a Este pelos edifícios da Câmara Municipal, do Instituto de Emprego e Formação Profissional, Diário do Alentejo, Residencial Coelho e o edifício de arquitectura manuelina (desocupado e em estado de abandono). A Oeste delimitam a Praça, o Departamento técnico da Câmara Municipal, as Finanças, o Conservatório além dos restantes edifícios que possuem no piso no rés-do-chão, comércio e nos pisos superiores, habitação. A Sul a Rua dos Infantes, marca o prolongamento do eixo da Praça até ao Museu Regional de Beja – Museu D. Leonor, outrora o Convento da Conceição.

Relativamente à história e construção do lugar terá sido nesta zona de planalto com melhores condições climáticas, elegida pelos romanos, para a área monumental:

construção do Fórum e das residências das gentes mais abastadas. Com a tipologia de Terreiro de Santa Maria, foi instituída a primeira feira da cidade e os Paços do Concelho, contudo o seu apogeu será atingido no renascimento com o Rei D. Manuel.



Planta da Praça da República.
(Fonte: Caminhos do Futuro, 2005)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Provavelmente corresponde a um momento do urbanismo do período romano.

ÁREA: 2990m²

TIPOLOGIA: Praça.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação, estadia, ocorrência de feiras mensais e eventos sociais.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: durante a semana tem uma utilização intensiva por parte de todos aqueles que trabalham ou recorrem aos serviços que se encontram instalados na Praça. Durante o fim-de-semana é utilizado por uma população mais idosa residente na vizinhança. É um lugar atractivo para turistas que visitam a cidade.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizada, na zona de planalto, dominante em relação à paisagem envolvente, apresenta um declive relativamente plano.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço é aberto de limites permeáveis definidos pelos volumes verticais constituídos pelos edifícios, dando a forma regular rectangular. Os elementos (árvores e mobiliário urbano) estão organizados segundo planta geométrica, de forma linear e mediante distribuição simétrica.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não possui um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante no espaço, no entanto, o impacto visual das árvores caducas, na época de folhagem é bastante forte. Organizado segundo dois alinhamentos paralelos entre si, atribuindo uma maior frescura decorrente da sombra das árvores.

- ARBÓREO: *Populus alba* L. var. *canescens* Aiton – Choupo cinzento; *Tilia argentea* DC – Tília- argêtea. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existe.

- HERBÁCEO: não existe.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: calçada regular de granito; lajes de mármore de Trigaches. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos de pedra e madeira; candeeiros; papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADE: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve várias intervenções, no entanto, estão referenciadas: durante o séc. XVI; no séc. XX nos anos 40, intervenção do Estado Novo introduziu a circulação automóvel; em 2004, no âmbito do Programa Polis, foi requalificada, pelo autor do projecto Arqt.º Vasco Massapina.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A Praça da República é um espaço aberto em articulação com a envolvente, constituindo uma matriz identitária, cuja singularidade está expressa nos valores históricos, paisagísticos e sócio-culturais.

Dada a sua localização e a sua composição arquitectónica este lugar poderia estar associado ao conceito de Estrutura Verde Secundária integrado no sistema de espaços abertos descontínuos.

Os elementos arquitectónicos que dão forma ao espaço aberto são elementos de valorização e de interesse patrimonial, no entanto, alguns encontram-se abandonados, em estado de degradação. De modo a conservar e salvaguardar o património histórico e arquitectónico, a recuperação destes edifícios, dando-lhes novo uso mantendo as suas características tradicionais

seria uma mais-valia na valorização do património da Praça. É igualmente importante promover e recuperar as habitações e estabelecimentos comerciais na Praça e suas envolventes, a fim de revitalizar, conservar e valorizar o centro histórico.

A intervenção “minimalista” da autoria do Arqt.º Vasco Massapina, no âmbito do Programa Polis, valorizou a área pedonal condicionando o trânsito automóvel. A área central em calçada à portuguesa, resultante da intervenção da época do Estado Novo, associada à circulação automóvel foi alterada para lajes de mármore de Trigaches, trazendo inconvenientes relacionados com a segurança do utente (é um pavimento bastante escorregadio), de ordem higiénica e de conservação (menor resistência a cargas). As doze Tílias plantadas na década de 90 foram mantidas e plantados seis Choupos, na época de floração as partículas suculentas libertadas pelas flores das Tílias causam desconforto implicando custos de manutenção, pois é necessária a lavagem periódica do pavimento. É ainda de referir as podas mal conduzidas nas Tílias.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo. Contudo, a curto prazo deveria proceder-se a podas de correcção nas árvores anteriormente mencionadas.



Praça da República. (Fonte: Ana P. Velhinho)



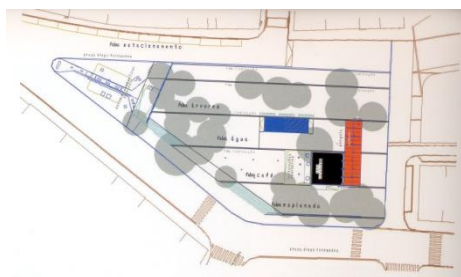
Praça da República. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: São João Batista, Centro histórico extramuros.



Imagem satélite da Praça Diogo Fernandes e o contexto urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Este lugar está inserido no limite definido para o centro histórico, a estrutura urbana é compacta e consolidada onde as principais actividades desenvolvidas na envolvente são de habitação e comércio. Popularmente designado por Jardim do Bacalhau, encontra-se delimitado pelos edifícios envolventes e pelas Ruas circundantes – Rua da Liberdade (Norte) e a Rua Gomes Palma (Sul). As fachadas dos edifícios envolventes têm características heterogéneas, são prédios de dois a três pisos, com uma arquitectura contemporânea e simples, de habitação plurifamiliar, muitos dos quais o rés-do-chão destina-se ao comércio. Outros edifícios, como antigos palacetes e casas senhoriais possuem uma arquitectura mais requintada e enquadram, também, este espaço.



Planta da Praça Diogo Fernandes. (Fonte: Caminhos do Futuro, 2005)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Provavelmente corresponde a um momento do urbanismo do séc. XVIII-XIX.

ÁREA: 2758m².

TIPOLOGIA: Praça

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, convívio e circulação.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: A Praça é utilizada intensivamente por uma população muito diversificada.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizada sobre a encosta exposta a sul, a Praça está situada num terreno topograficamente pouco acidentado, apresentando o maior desnível para a rua Gomes Palma, no sentido Sul, a diferença altimétrica é solucionada com uma escadaria de acesso.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço aberto limitado pelos volumes verticais constituídos pelos edifícios e pela diferença altimétrica entre o espaço contíguo a Sul, estes limites possuem aberturas com espaçamento irregular que determinam uma maior permeabilidade e definem a forma geométrica da Praça. Os elementos que compõem o espaço têm uma organização agrupada, distribuídos de forma mista tirando partido da proximidade entre si.

SISTEMA DE PERCURSOS: A Praça é circundada por arruamentos, marcado pela presença do comércio tradicional de rua.

SISTEMA VEGETAL: Não é totalmente dominante. Está organizado em maciços e alguns exemplares isolados, através dos maciços de árvores criam-se espaços abertos e fechados, estabelecendo distintas ambiências. Nas zonas de maior ensombramento estão estabelecidas os espaços de estadia, esplanada do bar/café e bancos. O contraste sombra/sol gera uma sensação de conforto bioclimático e psicológico ao utilizador, estimulando a sua permanência no lugar.

- ARBÓREO: *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Cedrus* sp.; *Populus alba* L. var. *canescens* Aiton – Choupo cinzento; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Lantana camara* L. – Lantana; *Nerium oleander* L. – Loendro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor e pulverizador; localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Espelho de água. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Domina a impermeabilidade do espaço, estando as áreas permeáveis contidas em canteiros revestidos por relva.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos; candeeiros; papelerias; bebedouro; café/bar. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADE: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve várias intervenções ao longo do tempo. Em 2004, foi objecto de intervenção no âmbito do Programa Polis, cuja autoria do projecto é do Arqt.º João Santa-Rita.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: De acordo com as características, o Jardim do Bacalhau poderia estar associado ao conceito de Estrutura Verde Secundária integrado no sistema de espaços abertos descontínuos.

É um lugar acessível e bem ligado a outros lugares, pode avistar-se à distância e a partir dele tem-se boas vistas. É confortável e projecta boa imagem é, por isso, um lugar atractivo e usado por pessoas diferentes, que procuram um lugar de convívio e lazer ao “ar livre”.

As características espaciais facilitam a adaptação para usos temporários, eventos ou usos articulados com as funções e actividades já existentes.

A par do valor paisagístico, decorrente do contexto urbano e da construção e mutações ao longo do tempo, o valor cultural é importante, neste caso. Pois é um lugar com significado social, de interacção e vivências sociais impulsionadas pelo café e da aprazível esplanada. Não obstante, não é só este elemento que contribui para a interacção mas também a articulação dos diferentes elementos que compõem o lugar.

Relativamente à manutenção, aparenta uma manutenção cuidada, contudo os arbustos apresentam podas excessivas que descaracterizam a forma da planta.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo. Contudo, a curto prazo deveria proceder-se a podas de correcção nas árvores anteriormente mencionadas.



Jardim do Bacalhau. (Fonte: Ana P. Velinho)



Jardim do Bacalhau, os elementos encontram-se agrupados tirando partido da sua proximidade. (Fonte: Ana P. Velinho)

LOCALIZAÇÃO: Beja, São João Batista, Bairro do Ultramar, zona de expansão.



Imagem satélite da Praça do Ultramar e a sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Urbano. A Praça do Ultramar surge no Bairro do Ultramar, a Sul do centro da cidade, na malha urbana consolidada mas não compacta. Situada num local densamente construído, essencialmente, destinado à habitação com duas tipologias de ocupação – prédios e moradias uni e bi-familiares. A Oeste da Praça ergue-se um dos edifícios mais altos da cidade, cuja construção remete para os anos 70 do século passado, sendo o piso térreo destinado ao Centro Comercial do Carmo, o primeiro de Beja. Este prédio confere a esta zona da cidade uma certa legibilidade, dadas as dimensões do mesmo e da importância comercial, em tempos, para a população. A Este e Sul, os prédios destinados para habitação plurifamiliar, possuem uma arquitectura simples construídos nos anos 60, já a Norte os edifícios, correspondem à década de 90, sendo o piso térreo ocupado por galerias comerciais, serviços bancários e administrativos.

Este espaço “verde”, permeável, é uma pequena mancha integrante na estrutura ecológica urbana.



Praça do Ultramar.
(Fonte: Ana P. Velhinho, Julho de 2010)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 1967/1968.

ÁREA: 1700m².

TIPOLOGIA: Praça.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, circulação e estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: É utilizada diariamente pelos residentes da área envolvente ou que trabalham nas imediações e ocasionalmente pelas pessoas que utilizam os serviços aqui instalados.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na encosta exposta a sul, a Praça apresenta um declive suave, correspondendo ao sistema seco.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço é aberto, com os limites permeáveis criados pelos volumes verticais formados pelos prédios de habitação, que atribuem a forma rectangular à Praça. A organização dos elementos vivos e inertes é centralizada criando um sub-espaço fechado pela vegetação densa e variada que se distribui de forma mista - em grupo e linear, assim como, o mobiliário urbano, tirando partido da proximidade entre os diferentes elementos.

SISTEMA DE PERCURSOS: Tem um traçado geométrico, de circulação e ligação aos percursos/arruamentos das áreas envolventes e vias principais.

SISTEMA VEGETAL: Não é totalmente dominante, contudo, este maciço vegetal contrasta com as volumetrias dos edifícios envolventes e ameniza o ambiente deste lugar.

- ARBÓREO: *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Cedrus* sp.; *Populus alba* L. var. *canescens* Aiton – Choupo cinzento; *Tilia* sp. – Tília; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Lantana camara* L. – Lantana; *Nerium oleander* L. – Loendro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: de revestimento – Relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor e pulverizador; localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existe.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial.

> **MATERIAL DE REVESTIMENTO:**

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos; candeeiros; papeleiras; bebedouro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADE: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não definidas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A Praça do Ultramar é um espaço com um traçado de encontro e circulação, como tal, no que diz respeito aos acessos e ligações é acessível e bem ligado a outros lugares: há uma ligação fácil entre o espaço e os edifícios adjacentes; os passeios têm ligação contínua a áreas adjacentes; há opções variadas para chegar ou sair, a pé, de carro, de autocarro e bicicleta (apesar de não haver uma ciclovia formalizada que atravessasse esta zona).

Relativamente ao conforto é razoavelmente funcional, do ponto de vista de andar, sentar, estar, da segurança e no uso do espaço. Os edifícios com comércio e esplanadas atractivas contribuem para a identidade e segurança dos lugares. A Praça do Ultramar é envolvida por um conjunto de galerias comerciais, sendo o Centro Comercial do Carmo por si só, um elemento de referência deste lugar, no entanto, dada as condições em que se encontra (de abandono), necessita de ser adequado às novas necessidades da sociedade, para que de futuro seja mais atractivo para comerciantes e utentes, só assim, será encarado como um elemento de valorização do espaço podendo vir a contribuir positivamente para a dinâmica deste lugar e suas envolventes.

Este lugar poderia vir a integrar num sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura Verde Secundária.

O espaço apresenta-se limpo e com uma manutenção frequente, no entanto, as podas excessivas, principalmente nos arbustos, descaracterizam o material vegetal e a sua estética.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo. Não obstante, a curto prazo deveria proceder-se a podas de correcção no material vegetal.



Praça do Ultramar. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Praça do Ultramar. Percurso de atravessamento, no espaço central. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Beja, Santiago Maior, zona de expansão, Bairro da Apariça.



Imagem satélite da Praça Dona Francisca Perpétua D'Arce Cabo Mendes Tomás e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Urbano. Localizada na malha consolidada, na zona de expansão, próximo do hospital Distrital de Beja. Este espaço aberto está inserido no Bairro da Apariça, residencial de cariz social, construído em 1942, alargando o perímetro poente da cidade. Ainda hoje apresenta as características da 1ª fase da habitação social do Estado Novo, apesar de algumas alterações introduzidas pelos seus ocupantes/proprietários.

A Praça está circunscrita por casas de habitação de tipologia unifamiliar, de um a dois pisos, excepto a Este cuja Praça é limitada pelo jardim-de-infância.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 1942.

ÁREA: 2356m².

TIPOLOGIA: Praça.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, circulação e estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes do bairro.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizada na encosta orientada a poente, apresenta um declive muito suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Para quem percorre o Bairro, de estrutura linear e de ruas estreitas, depara-se com um espaço aberto – a Praça Dona Francisca Perpétua D'Arce Cabo Mendes Tomás, de planta rectangular. Os seus limites permeáveis devem-se às habitações e ruas perpendiculares que a circundam. Os elementos encontram-se organizados de forma linear e mediante a distribuição simétrica.

SISTEMA DE PERCURSOS: Linear, definido pelo volume edificado, de acesso e ligação a outros percursos principais.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante, a sua presença é somente representada pelas árvores da espécie *Celtis australis*, distribuídas linearmente e paralelamente em caldeiras, a sua presença reforça a centralidade do espaço da Praça.

-ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existe.

- HERBÁCEO: não existe.

SISTEMA DE REGA: Não existe.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existe.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não existe.

- INERTE: calçada de vidro, na área central; calçada regular de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos; candeeiros; papelarias. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

ACESSIBILIDADE: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não definidas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Os valores da identidade deste espaço aberto, à escala do bairro, estão intrínsecos na sua origem, no contexto social e político da época da construção do Bairro da Apariça. A relação do espaço aberto com o edificado é a referência urbana desta Praça da cidade.

Esta praça poderia integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura Verde Secundária, pois constitui um ponto no tecido urbano.

A Praça tem ligação fácil com o envolvente, no entanto, os passeios não têm ligação contínua com as áreas adjacentes.

A Praça é um espaço carente de atractividade para utentes, quer residentes quer visitantes, apesar das vivências sociais estarem relacionadas com os moradores do Bairro. Este

lugar possui características que potenciam a mutação e adaptabilidade para usos temporários, como por exemplo eventos sociais, o que seria de relevar nas medidas estratégicas, para a dinâmica desta zona, estimulando o envolvimento da população residente, uma vez que o sentimento de vizinhança e de pertença do lugar se faz sentir no dia-a-dia.

De um modo geral, apresenta-se limpo e cuidado.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo. No entanto, a curto prazo o mobiliário urbano necessita de ser substituído, por se encontrar debilitado e desconfortável para os utentes.



Organização simétrica dos elementos. (Fonte: Ana P. Velinho)



Área central da Praça. (Fonte: Ana P. Velinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão, Urbanização da Frasac.



Imagem satélite da Praça Fernando Lopes. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Localizada na malha urbana consolidada mas não compacta, numa urbanização, cuja construção é dos finais dos anos 80 princípios dos 90 do séc. XX. Esta urbanização é composta por blocos de prédios de habitação semelhantes que se repetem ao longo do espaço, criando uma imagem monótona.

Os limites da Praça estão definidos, a Norte, pelo Hotel Francis e pelo Centro Comercial Pax Julia, prolongando-se para Este, a Sul, pelos prédios de habitação plurifamiliar e, a Oeste, pelos lotes de garagem.

O acesso é feito pela Rua João Hogan, Rua Prof. Janeiro Acabado, ambas arborizadas. O acesso para a Rua da Cidade de São Paulo é feito por escadaria.



Praça Fernando Lopes. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, século XX.

TIPOLOGIA: Praça.

ÁREA: 2327m².

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, circulação e estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: A Praça é utilizada, não só pelas pessoas que nela residem ou na sua envolvência, mas também por utentes de outras zonas da cidade e até turistas hospedados no Hotel Francis.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Declive muito suave, orientado a sul.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço é aberto e tem forma irregular definida pelos limites permeáveis que são criados pelos edifícios de volumetrias distintas. A estrutura do espaço é centralizada e os elementos estruturantes da composição deste espaço estão desproporcionais na relação entre cada um deles.

SISTEMA DE PERCURSOS: Os percursos definidos correspondem aos arruamentos rectilíneos, que ligam este espaço à envolvente.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante, as árvores caducas em caldeira, estão dispostas em alinhamento e ensombram o estacionamento, as Palmeiras, encontram-se isoladas e em alinhamento. Junto ao restaurante o canteiro revestido com relva é constituído por arbustos, Palmeira e trepadeira.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia; *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Lantana montevidensis* – Lantana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: existente. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Inexistente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Muito pouco significativa.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: calçada de vidro, na área central; alcatrão, na faixa de rodagem. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros; papeleiras; cabine telefónica. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADE: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não definidas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A homogeneidade e a repetição dos edifícios dão um padrão que constituem parte da identidade do lugar, como é o caso em estudo.

A Praça Fernando Lopes é um espaço funcional, onde o automóvel é uma condição para a sua funcionalidade a par do acesso aos edifícios.

A sua localização é um factor positivo e de valorização, pois promove a interligação dos padrões de movimentação, o morador/visitante tem acesso contínuo a outros espaços com funcionalidades distintas - proximidade ao complexo desportivo do estádio Flávio dos Santos, Piscina Municipal, Parque de Campismo e corte de ténis, pela Rua Prof. Janeiro Acabado tem ligação a um percurso pedonal que percorre parte da periferia continuando para além dos limites urbanos, passando por lugares de interesse, desportivos, contemplação e recreativos.

A vegetação tem um papel estético e ensombramento, não obstante, considera-se que a utilização do relvado no canteiro não é a solução mais eficiente, pois a relva exige um custo de manutenção mais elevado, já que o canteiro é um elemento de composição estético que não é para ser usado mas visto, propõe-se a substituição, a médio prazo, da relva por uma herbácea de revestimento, garantido maior sustentabilidade, tanto económica como ambiental.

Dada a sua localização e morfologia, esta Praça associada ao sistema de espaços abertos descontínuos viria a integrar na Estrutura Verde Secundária.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Praça Fernando Lopes, espaço central. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Praça Fernando Lopes, espaço central. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santa Maria, zona de expansão Norte, Urbanização dos Moinhos.



Imagem satélite da Praça Dr. Luís Sá. (Fonte: Google earth).

ENQUADRAMENTO: Periurbano, surge na recente zona de expansão Norte em consolidação, localizada na Urbanização dos Moinhos, destinada à habitação é constituída por edifícios em altura de tipologia plurifamiliar e por moradias unifamiliares.



Praça Dr. Luís Sá, espaço central. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2009.

ÁREA: 3019m².

TIPOLOGIA:

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Atravessamento e estrutura viária.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado, essencialmente, pelos moradores das habitações em torno da Praça.

MORFOLOGIA DO RELEVO: A urbanização encontra-se sobre a encosta exposta a Norte, como tal este lugar apresenta um declive médio.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço é aberto, amplo e limitado, pelas moradias unifamiliares, com aberturas

de espaçamento regular proporcionando uma maior permeabilidade física e visual com o envolvente. Os limites do espaço dão uma forma regular, hexagonal. Os elementos estruturantes da composição deste lugar estão desenhados segundo uma planta radial e centralizada, destacando-se um sub-espaço aberto marcado por vegetação e elementos construídos de baixa altura.

SISTEMA DE PERCURSOS: O percurso tem uma estrutura radial.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante no espaço, contudo a distribuição e organização dos elementos, no espaço, despertam e valorizam o carácter cénico do lugar.

- ARBÓREO: *Jacaranda mimosifolia* – Jacarandá; *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: não existe.

- HERBÁCEO: vivazes e revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador; localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Domina a impermeabilidade e os materiais inertes que aumentam a insolação e o calor.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro; betão poroso colorido; lajes de mármore; alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos; candeeiros; papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADE: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Esta Praça possui um carácter marcadamente urbano, surge como ponto no tecido urbano predominantemente edificado, como tal estaria associado ao conceito de Estrutura verde Secundária integrada num sistema de espaços abertos descontínua.

A relva apresenta sinais de secura, revelando que os tempos de rega são insuficientes, visto que a relva tem necessidades de manutenção mais exigentes, nomeadamente em água, propõe-se a substituição da relva por herbáceas de revestimento (dada a área ser reduzida).

É um lugar pouco utilizado pelas pessoas, consequência do raio de influência e ser muito reduzido e da pouca atractividade do ponto de vista da qualidade funcional no uso do espaço (andar, estar e sentar).

De um modo geral, o espaço apresenta-se cuidado e limpo.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Praça Dr. Luís Sá, espaço central. (Fonte: Ana P. Velhinho)

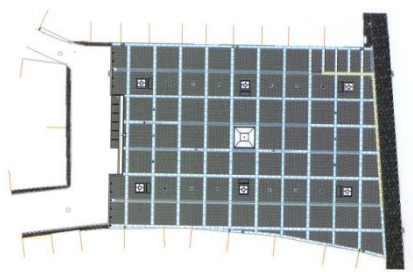
LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona histórica – extra-muros, norte.



Imagem satélite do Largo de Santo Amaro e da envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Urbano, inserido no núcleo histórico da cidade, situado na proximidade imediata da área monumental, a noroeste do Castelo de Beja, fora do perímetro definido pelas muralhas. A área urbana onde se insere o Largo de Santo Amaro resultou da expansão urbana que foi ocupando os arrabaldes junto às muralhas, estes bairros constituem unidades morfológicas individualizadas.

O Largo é formado pela confluência de várias ruas, rodeado por casas de habitação. A Norte é atravessado pela Rua D. Dinis, isolando a Igreja de Santo Amaro que dá nome ao Largo. A Igreja está classificada como Monumento Nacional, possui arquitectura religiosa, visigótica, gótica e maneirista, cujo início da sua construção remonta ao século V.



Planta do Largo de Santo Amaro. (Fonte: Caminhos do Futuro, 2005)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Século XIX.

ÁREA: 2764m².

TIPOLOGIA: Largo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, convívio, comercial e circulação pedonal.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O Largo de Santo Amaro é um espaço de transformação diária, decorrente das actividades e usos que aqui se realizam, o mesmo espaço proporciona diferentes espacialidades, ao longo do dia.

No Largo ocorre, há décadas, o mercado matinal destinado à venda de produtos agrícolas e hortícolas. Como as bancas de venda são amovíveis, de manhã a actividade é essencialmente comercial, cheio e com cor, contrasta com o vazio, livre de obstáculos e calmo da tarde, nesta fase do dia e à noite é espaço de estadia e de encontro. Em suma, sendo o mobiliário urbano utilizado pelos vendedores de carácter amovível, permite que o mesmo espaço assuma distintas espacialidades consoante o momento do dia.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado perto do cimo da colina (onde se ergueu o Castelo), parte do Largo, apresenta-se relativamente plano, no extremo Norte – Este, começa a apresentar um ligeiro declive, que se vai acentuando à medida que nos desviamos do Largo na orientação anteriormente referida.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Quem percorre a cidade encontra uma pausa no seu percurso ao deparar-se com este espaço histórico e aprazível.

Espaço contido pelo edificado de tipologia habitacional, arquitectura simples de um a dois andares, algumas casas conservam a sua estrutura original correspondendo ao final do século XIX, princípio do século XX. Na orientação Norte – Nascente é aberto e limitado por muro que o separa da Rua D. Dinis, de frente para a Igreja de Santo Amaro.

O Largo possui uma planta rectangular, estrutura ortogonal, reforçada pelo desenho de pavimento em calçada de granito, articulando o Largo com o espaço envolvente. Esta organização do espaço está associada à actividade comercial, facilitando na distribuição dos lugares de venda.

A vegetação arbórea distribui-se no espaço de forma geométrica reforçando a forma rectangular do lugar, envolvendo o chafariz de abastecimento público, implantado no centro.

O muro que dá para a Rua D. Dinis confina uma área de esplanada, com bancos, mesas e chapéus-de-sol, reforçando o carácter de estadia, para além dos bancos

distribuídos pelo espaço. O Largo estende-se até à Igreja de Santo Amaro, onde assume uma estrutura irregular.

SISTEMA DE PERCURSOS: O Largo não tem uma estrutura de percursos definida. Dada a localização na zona histórica e a proximidade à área monumental os percursos envolventes podem despertar ao caminhante a sensação de nostalgia, da descoberta e da fruição do espaço urbano matriz.

SISTEMA VEGETAL: É dominado pelo espaço construído inerte. A distribuição e organização dos elementos, no espaço, atribuem-lhe frescura e cor.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Lantana camara* L. – Lantana; *Thuja orientalis* Linn. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente.

SISTEMA DE ÁGUA: Chafariz de abastecimento público, arquitectura infraestrutural, revivalista. Mandado construir pela Câmara Municipal, em 1947. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: calçada de granito, diorito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos, candeeiros e papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve algumas intervenções, foram identificadas, uma em 1947 e outra 1964. A mais recente foi realizada no âmbito do Programa Polis, no ano de 2004, projecto de requalificação elaborado pela Arqt.^a paisagista Mafalda Farmhouse sob coordenação do Arqt.^o Pedro Graça.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A intervenção do Programa Polis, no Largo de Santo Amaro contribuiu para melhorar a salubridade e qualidade funcional do Largo, mantendo a identidade e vivências do lugar.

O Largo é acessível e bem ligado a outros lugares, há uma continuidade com as áreas adjacentes.

O espaço causa uma boa impressão, limpo, conservado, com lugares suficientes para se sentar ao sol e à sombra, a área parece segura e os peões dominam os veículos no uso do espaço.

Apresenta um valor sócio-cultural elevado, não só pela sua localização, numa zona histórica perto do Castelo mas também pela dinâmica no uso do espaço permitindo o seu desfrutar pela população. A existência do mercado 25 de Abril, no Centro histórico é extremamente importante, pois para além de dar “vida” apoia a população residente, maioritariamente envelhecida.

Por se encontrar inserido num tecido urbano bastante denso e continuamente edificado com valores reduzidos de permeabilidade, o Largo está associado ao conceito de Estrutura Verde Secundaria inserindo no sistema de espaços abertos descontínuos.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Largo Santo Amaro. (Fonte: Ana P. Velhinho)

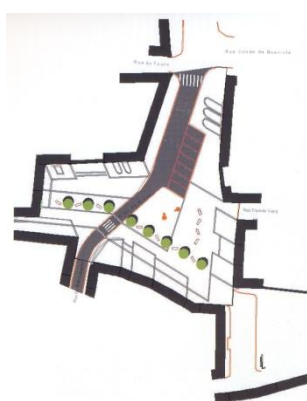
LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona histórica dentro do perímetro das muralhas.



Imagem satélite do Largo de São João e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Centro do aglomerado urbano bastante denso e continuamente edificado, onde a malha é consolidada e compacta.

Envolvido por edifícios privados e semi-públicos, de interesse arquitectónico, destaque para a casa da família Lima Faleiro, para a antiga casa da família Alcoforado agora, Clube Bejense, e para o Cine-Teatro Pax Julia. Para além da monumentalidade dos edifícios que circundam o Largo, este lugar apresenta, também, um potencial elevado de vestígios arqueológicos no subsolo, como é o caso dos achados na Rua de Sembrano, onde foi posteriormente construído o espaço Museológico deixando a descoberto esses achados.



Planta do Largo de São João. (Fonte: Caminhos do Futuro, 2005)

DATA DE CONSTRUÇÃO: O espaço aberto, Largo de São João, com as actuais características urbanas datam de 1919, consequência da demolição da Igreja de São João.

TIPOLOGIA: Largo.

ÁREA: 1004m².

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação pedonal e de veículos.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Dada a sua localização e as suas características, este espaço é utilizado diariamente por diversos grupos de pessoas. É também procurado por turistas que aqui encontram elementos para observar e fotografar.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na encosta sul, soalheiro, apresenta declive muito suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Tem estrutura irregular, é contido pelos edifícios e tem bastante luz. Os limites semi-permeáveis correspondem às ruas circundantes de traçado ortogonal, do assentamento romano.

O Largo tem uma extensa área pedonal, que liga e dá continuidade às áreas envolventes, atravessado por eixo viário de apenas um sentido (Norte – Sul).

O alinhamento das laranjeiras remete para a ligação da rua do Sembrano à Travessa do Cepo.

O desenho do pavimento é a projecção das sombras dos edifícios que envolvem o Largo.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percursos urbanos correspondentes ao trajecto, essencialmente, pedonal direccionado para as ruas adjacentes, estreitas, cujo traçado correspondente ao romano e medieval, onde o caminhante não tem uma percepção imediata do espaço que se segue, mas sim que descubra em cada passo um novo elemento.

SISTEMA VEGETAL: É dominado pelo espaço construído inerte, apenas de estrato arbóreo de pequeno porte.

- ARBÓREO: *Citrus sinensis* (L.) Osbeck – Laranjeira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existente.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: inexistente.

- INERTE: calçada de granito e vidro, lajados de mármore de Trigaches. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Não existente.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve algumas intervenções, no entanto, não foram identificadas, à exceção da mais recente, concretizada no âmbito do Programa Polis, projecto da autoria do Arqt.º Fernando Santana Rêgo.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O Largo de São João é um espaço cujas características intrínsecas, o enquadramento urbano e os elementos arquitectónicos que o definem expressam a identidade do lugar, que deve ser conservada e valorizada.

Este lugar insere-se num sistema descontínuo de espaços abertos associados à Estrutura Verde Secundária.

É uma abertura no traçado, para onde convergem sinuosas e estreitas ruas, representa um espaço de repouso após um percurso dinâmico. O elemento escultórico da autoria da escultora Noémia Cruz é uma referência urbana, suscitando a poética e imaginação dos caminhantes. Os conjuntos arquitectónicos e escultóricos são elementos singulares deste espaço, conferindo-lhe identidade e legibilidade, perpetuando a história do lugar.

A principal função do Largo é a de circulação, contudo, é também utilizado como espaço de encontro, devido à ausência de mobiliário urbano, as caldeiras sobrelevadas das Laranjeiras são utilizadas pelas pessoas, como lugares de repouso, assim como os degraus dos edifícios circundantes. A colocação de alguns bancos no Largo seria uma mais-valia para a vivência deste lugar e o bem-estar dos seus utilizadores.

No Largo a área para os peões domina relativamente aos veículos, no entanto, em situações pontuais gera-se algum conflito pela invasão dos carros no passeio, causando danos nos balizadores em lajados de mármore.

O espaço analisado causa boa impressão: há uma ligação fácil entre o Largo e os edifícios adjacentes; existe uma continuidade entre os passeios e as áreas adjacentes; as pessoas usam o espaço; a área parece segura; existência de sinais de memória.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Elemento escultórico da autoria de Noémia Cruz ocupa uma posição central no Largo. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Travessa do Cêpo e a casa senhorial da família Lima Faleiro. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santa Maria da Feira, zona histórica dentro do perímetro das muralhas, antigo Bairro da Judiaria.



Imagem satélite do Largo do Terreirinho das Peças e o seu enquadramento urbano. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Núcleo urbano, Bairro da Judiaria, com características urbanas e sociais próprias, inserido no centro histórico.

Os contornos do Largo a Norte e a Nascente são dados, respectivamente, pelas casas de habitação com arquitectura típica da região, térreas ou de dois pisos com ritmo simples das fachadas, e o Lar da terceira idade. A muralha e o Arco da Porta de Aviz limitam-no a Norte e Oeste.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Século XVII.

ÁREA: 2365m².

TIPOLOGIA: Largo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Miradouro, estadia e estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: É um espaço de convivência e socialização, as pessoas que utilizam o espaço diariamente são principalmente as moradoras do Largo e da sua envolvente, assim como a presença assídua e tranquila dos velhos que ocupam os bancos do quiosque ou os bancos junto à muralha.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado na encosta exposta a Norte, neste sentido o terreno apresenta um declive suave. Dada a sua posição geográfica estabelece uma relação de vistas panorâmicas com envolvente Norte.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço aberto, forma irregular, amplo e sombrio. A abertura espacial ampla, limitada pela muralha, tem a função de miradouro, zona de fruição da paisagem, o Largo estabelece ligações visuais com as áreas envolventes e destas para o Largo, devido à fachada do edifício do Lar da terceira idade e à localização do mesmo, este é facilmente identificável. A partir do espaço, em análise, são vários os planos de vista que se podem observar, destacando-se a antiga zona industrial, nomeadamente a antiga fábrica de moagem com arquitectura do séc. XIX e dos silos séc. XX, marcas da época de grande actividade agrícola, da cultura dos cereais, no Alentejo.

Ao longo da linha da muralha sobressai uma zona de estadia de carácter mais intimista. Junto a esta zona de estadia está implantado o quiosque.

O arco da Porta d'Aviz marca a entrada Norte no Largo, elemento arquitectónico, de valor histórico, patrimonial e cénico é uma das singularidades emblemáticas deste lugar e da cidade.



Largo do Terreirinho das Peças, zona de estadia sobre o miradouro e o quiosque, principal espaço de convívio do Largo. (Fonte: Ana P. Velhinho)

SISTEMA DE PERCURSOS: Percursos urbanos correspondentes ao trajecto direccionado para as ruas adjacentes. É um percurso linear junto à muralha.

SISTEMA VEGETAL: É dominado pelo espaço construído inerte, representado pelo estrato arbóreo de médio porte.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existente.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: inexistente.

- INERTE: calçada de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Quiosque. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

ACESSIBILIDADES: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não foram identificadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O Largo do Terreirinho das Peças está inserido num contexto urbano que conserva as suas características identitárias. Esta zona tem uma malha edificada bastante densa e continua onde domina a impermeabilidade do solo. Assim, este espaço aberto integra na rede de espaços abertos descontínua da Estrutura Verde Secundária.

O Largo tem uma atmosfera muito própria, numa situação de dominância reúne um conjunto de elementos singulares e ambiências, que são potencialidades decorrentes de valores paisagísticos permanentes no lugar, contudo, não estão a ser valorizadas, reflectindo-se no seu principal uso que é o de estacionamento automóvel (desordenado).

Melhorar as condições do quiosque, que é o principal espaço de convívio, reordenar o espaço no seu uso e divulgar o lugar como espaço de interesse a visitar, seriam algumas medidas estratégicas para dinamizar e valorizar as características históricas, identitárias e vivenciais desta zona.



Vista, a norte, dos vários planos de vista, obtidos a partir do Largo do Terreirinho das Peças. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Casas adoçadas à muralha no exterior do perímetro muralhado. Num plano posterior o edifício do Lar situado no Largo Terreirinho das Peças. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Arco da Porta de Aviz, vista para o Largo Terreirinho das Peças, a partir do exterior das muralhas. (Fonte: Ana P. Velhinho)

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Curto prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santa Maria da Feira, zona histórica dentro do perímetro das muralhas.



Imagem satélite do Largo dos Duques de Beja e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Centro do aglomerado urbano onde a malha é consolidada e compacta.

Localizado junto ao Museu Rainha D. Leonor, o Largo dos Duques de Beja terá resultado das demolições do Palácio dos Duques de Beja e parte do Convento da Conceição (actual Museu Regional de Beja - Museu Rainha D. Leonor), numa época vanguardista, que em nome da modernização havia que “sacrificar” parte do património monumental, para “desafogar” o traçado urbano e alargar o traçado viário.

Já espaço aberto, com a tipologia de Largo, integrou na rede de espaços abertos no traçado urbano do centro histórico ligados por percursos urbanos definidos pelo edificado. Representam espaços de encontro, circulação, convívio e contemplação.

Desde a sua construção foi adaptado para o uso de distintas funções como mercado e terminal rodoviário, até à actualidade como parque de estacionamento.



Parque de estacionamento do Largo dos Duques de Beja. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Século XIX.

ÁREA: 3846m².

TIPOLOGIA: Largo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estacionamento automóvel e miradouro.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Apesar da amenidade climática, proporcionada pela vegetação existente, o Largo é um espaço monótono e pouco dinâmico na relação com as pessoas. A circulação neste lugar está relacionada com as funções e actividades que decorrem no Largo e nas áreas envolventes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado na encosta exposta a Nascente, apresenta um declive suave, contudo, o Largo encontra-se desnivelado em relação às áreas envolventes, num patamar inferior no quadrante Norte – Poente e sobrelevado no quadrante Nascente – Sul.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: É um espaço aberto, contido pelos limites permeáveis constituídos pelos volumes verticais edificados, conferindo ao Largo a forma regular quadrangular. Os elementos estão organizados segundo uma trama que define o uso do espaço. Uma tensão na composição deste espaço é gerada pela abertura dos limites do espaço, a Nascente, proporcionando um sub-espaço de contemplação da paisagem através da amplitude visual obtida a partir deste ponto.

SISTEMA DE PERCURSOS: A estrutura de percursos é rectilínea de uso misto pedonal e automóvel.

SISTEMA VEGETAL: É dominado pelo espaço construído inerte. Representado pelo estrato arbóreo de médio e grande porte caduco e persistente, ensombram e amenizam o ambiente.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão; *Pinus pinea* L. – Pinheiro-mansó; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau (plátanos) /razoável (lodãos e pinheiros).

- ARBUSTIVO: não existente.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

- VIVO: inexistente.

- INERTE: calçada de granito e vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros, cabine na paragem de autocarro urbano. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve algumas intervenções, contudo não foram referenciadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Espaço aberto inserido no tecido edificado, como tal, insere-se no sistema descontínuo de espaços abertos, da Estrutura Verde Secundária.

A identidade deste lugar está associada às funções como espaço residual, de apoio a outros espaços com outras actividades.

A sua actual função, completamente dominada pela utilização do automóvel, não permite adaptar este lugar para outras actividades e promover o desenvolvimento social. Não obstante, há um reconhecimento do carácter do lugar e da percepção da identidade dependente da continuidade e da boa adaptação ao uso dado.

O pequeno recanto, miradouro, uma janela para o exterior, passa despercebido ao utilizador na leitura do espaço, não tirando partido desta característica pontual e interessante a valorizar.

O Largo aparenta uma imagem de desconforto para quem caminha. Pois o sob aproveitamento do Largo para o uso do automóvel em detrimento das áreas pedonais gera conflito e insegurança para quem anda a pé, aliada à ausência de passeios de ligação às áreas envolventes e aos passeios demasiado estreitos e danificados pelas raízes das árvores.

Relativamente ao material vegetal verifica-se: o compasso de plantação apertado entre as árvores de grande porte; as podas drásticas que mutilam e descaracterizam a forma natural das árvores; e as caldeiras excessivamente pequenas para o desenvolvimento do tronco.

De acordo com o observado as propostas vão no sentido de reordenamento do Largo de modo a colmatar as carências funcionais e de promover as vivências do lugar.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Curto prazo. Sendo necessário intervir de imediato no material vegetal.

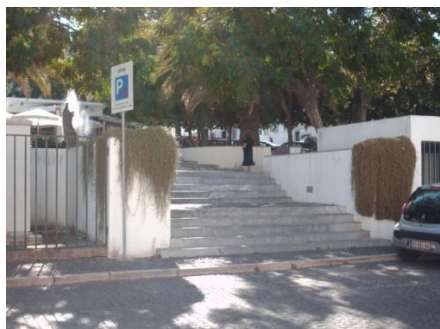
LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona histórica, exterior ao perímetro muralhado.



Imagem satélite do Largo do Tribunal e a sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Inserido no tecido urbano denso, predominantemente edificado.

Rodeado, a Norte, pela casa abastada do séc. XIX e pelo Tribunal, a Sul, pelas traseiras dos edifícios da Caixa Geral de Depósitos e do Banco de Portugal, estes três edifícios são volumes imponentes com arquitectura moderna do séc. XX, nas restantes orientações o Largo está delimitado pelas casas de habitação e de comércio. O Largo está localizado nas imediações do Jardim Público.



Jardim do Tribunal limite Norte, de maior desnível, vencido por meio de escadas e patamares de descanso. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Século 1898.

ÁREA: 1450m².

TIPOLOGIA: Largo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, convívio, estacionamento automóvel e circulação.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Popularmente designado “Jardim do Tribunal”, o Largo é um lugar de

encontro e circulação. Com frequência vê-se grupos de pessoas distintos, que aqui se encontram, conversam e repousam sendo o motor de socialização o Café e a sua esplanada.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na encosta exposta a Sul, o terreno apresenta declive moderado na direcção Poente - Nascente. Os desníveis mais acentuados são vencidos por meio de muros de sustentação, escadas e rampas.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço é aberto, contido pelos volumes verticais edificados, apresenta o seu maior comprimento na direcção Oeste - Este.

Destaca-se o espaço de estadia e convívio, compreendido entre os edifícios da CGD e do Tribunal, este sub-espaço elevado relativamente ao espaço envolvente possui limite aberto contido com a forma rectangular e planta geométrica. No centro desta área encontra-se um tanque de planta circular, com repuxo e elemento escultórico. A Norte do elemento de água está implantado o Café com esplanada.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percursos urbanos, reticulados, ligado a acessos principais.

SISTEMA VEGETAL: É dominado pelo espaço construído inerte, contudo estão os três estratos vegetais representados, sendo as árvores de médio porte e folha caduca que contribuem para a amenização climática deste lugar.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão bastardo; *Jacaranda mimosifolia* – Jacarandá; *Melia azedarach* L. – Mélia; *Phoenix canariensis* – Palmeira; *Populus alba* L. var. *canescens* Aiton – Choupo. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Buxus sempervirens* L. – Buxo; *Lantana camara* L. – Lantana; *Lantana montevidensis* – Lantana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivazes. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Tanque com repuxo. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: inexistente.

- INERTE: calçada de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Café com esplanada e bancos de madeira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: 1997 – Requalificação.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A identidade deste lugar é gerada pela legibilidade dos edifícios circundantes. Encontra-se bem integrado no contexto da malha urbana e promove a interligação aos percursos urbanos. Deste modo, insere-se no sistema de espaços abertos descontínuos da Estrutura Verde Secundária.

Relativamente à gestão da manutenção, a conservação dos diferentes elementos de composição deste lugar é razoável.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Jardim do Tribunal, espaço de estadia. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Jardim do Tribunal elemento escultórico e repuxo, precedendo a esplanada. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona histórica fora do perímetro das muralhas.



Imagem satélite do Largo D. Álvares Pereira. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Urbano, adossado ao antigo Convento de São Francisco, actual Pousada cujo acesso é feito a partir do Largo. Limitado a Norte e Oeste, pela Rua D. Álvares Pereira e pela Rua 9 de Julho, respectivamente.

O Largo arborizado está inserido numa rede descontínua de espaços abertos na estrutura urbana. A sua ligação ao Jardim Público, localizado nas imediações, é feita pela rua arborizada D. Álvares Pereira. Nas áreas envolventes estão desenvolvidas as actividades de comércio de rua, serviços e habitação.



Largo D. Nuno Álvares Pereira, fachada principal da Pousada São Francisco. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Provavelmente corresponde a um momento do urbanismo do séc. XVIII – XIX.

ÁREA: 2056m².

TIPOLOGIA: Largo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação, estadia e enquadramento.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: A utilização deste lugar abrange uma população diversificada que diariamente utiliza este espaço.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Declive suave, descendente no sentido Nascente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço é aberto e a forma irregular é definida pelos limites permeáveis. A composição do espaço faz-se de acordo com a estrutura radial tirando partido de um ponto central (entrada principal da Pousada), o ritmo é marcado pela forma dos patamares. Da estrutura radial estende-se a distribuição linear dos lodãos.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percursos urbanos, pavimentados, de uso misto e automóvel.

SISTEMA VEGETAL: A presença do material vegetal arbóreo de médio porte e caducifólio, favorece a frescura e o equilíbrio entre os vários elementos.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existente.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: inexistente.

- INERTE: calçada e lajes de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Quiosque e bancos em pedra. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve algumas intervenções, contudo não foram referenciadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A leitura do espaço é fácil e simples, a sua legibilidade e identidade estão associadas à Pousada de São Francisco, funcionando como lugar de recepção aos hóspedes. Dada a sua localização e morfologia poderia integrar na Estrutura Verde Secundária. Este lugar fresco, seguro e confortável encontra-se bem conservado com uma manutenção adequada projectando uma boa imagem.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão.



Imagem satélite do Largo das Alcaçarias e enquadramento urbano. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Urbano, situado na encosta Este da cidade, o Largo insere-se numa zona de expansão urbana voluntária (séc. XIX), cuja estrutura tem um traçado geométrico. O tecido edificado denso é padronizado pelas características homogêneas das fachadas simples e térreas ou de dois pisos. Contudo no limite Sudeste um prédio de três andares, com uma arquitectura contemporânea “rompe” com a arquitectura das restantes casas envolventes.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Presumivelmente corresponde a num momento do urbanismo do séc. XIX.

ÁREA: 1270m².

TIPOLOGIA: Largo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação pedonal e veículos, estadia, recreio e enquadramento.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O Largo mantém uma relação de vizinhança com a área envolvente e com as pessoas que nela vivem. Utilizado por diferentes grupos etários, o espaço permeável é espaço de estadia, recreio socialização e interação entre as pessoas do bairro. Os seus utilizadores encontram aqui um lugar aprazível e confortável, devido às distintas ambiências que a composição do espaço lhes proporciona, melhorando a sua qualidade de vida.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na encosta orientada a Nascente, apresenta um declive acentuado, sendo a zona ecológica correspondente ao sistema seco.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O Largo das Alcaçarias, de beleza singular, tem uma planta regular, quadrangular que expressa um carácter contemporâneo de arquitectura recreativa.

As vias de circulação automóvel circunscrevem a área central do Largo, predominantemente permeável onde a composição vegetal é fundamental na construção das distintas ambiências deste lugar. O maciço arbóreo cria um espaço fechado, a área de relvado e os arbustos ladeiam esta área central separando-a do restante espaço.

O patamar superior, com forma semi-circular e pavimento em calçada de vidro tem uma ambiência de estadia e de repouso, que se abre para o patamar inferior, rectangular em saibro, iluminado pela clareira esta área destina-se ao recreio livre.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percursos urbanos, pavimentados (para circulação de peões e automóvel), integrados na rede edificada.

SISTEMA VEGETAL: Os volumes e as superfícies vegetais equilibram a composição dos volumes construídos, para além de contribuir para a função ecologia e aumentar o interesse estético.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão; *Fraxinus* sp. – Freixo; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Berberis thunbergii* DC. cv. Atropurpurea – Berberis, entre outros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: calçada de vidro e saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos em pedra; cabine telefónica. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Razoável.

ACESSIBILIDADES: Não cumpre.



Largo das Alcaçarias, área central, utilização do espaço pelas pessoas pertencentes a distintas faixas etárias.
(Fonte: Ana P. Velhinho)

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Já teve algumas intervenções, contudo não foram referenciadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Neste Largo existem elementos de carácter identitário expressos no contexto urbano e social onde está inserido, cumpre as funções ecológicas, sociais e urbanas com um sentido estético de harmonização entre as formas.

O Largo das Alcaçarias insere-se no sistema de espaços abertos descontínuos da Estrutura Verde Secundária.

Em termos práticos no que diz respeito à gestão da manutenção, esta aparenta ser cuidada, apenas os arbustos apresentam podas mal conduzidas e os passeios deveriam ser rebaixados de modo a facilitar a mobilidade.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo. Contudo, a curto prazo deveria proceder-se a podas de correcção nos arbustos.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona histórica, exterior ao perímetro muralhado.



Imagem satélite do Largo do Jardim Público e o enquadramento urbano. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Urbano, no limite da zona histórica e inserido na cerca do antigo Convento S. Francisco.

O Jardim assumiu ao longo do tempo diferentes tipologias, após ter sido espaço de produção durante a época do Convento e campo de treino militar quando o Convento deu lugar ao Quartel, no séc. XIX, o Coronel desta Infantaria cedeu parte da antiga cerca para espaço público, o primeiro Passeio Público da cidade. Numa época em que a população vivia dentro do centro histórico, malha compacta, o Jardim era lugar de encontro, de estadia ou de passeio público. Com o crescimento da cidade e consequente, densificação e artificialismo da área envolvente e da cidade o Jardim passa a ser uma componente indispensável de qualidade de vida, lugar de contraste, desafogo e refúgio à tensão da cidade, a luz e as sombras projectadas assemelham-se mais ao meio natural. O Jardim constitui um elemento importante, pelas suas características dominantes, na estrutura ecológica urbana de Beja, assim como, na vida quotidiana dos seus habitantes.

É constituído por vários elementos singulares, que se traduzem no seu carácter identitário e no seu valor paisagístico e cultural.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 1880.

ÁREA: 2ha.

TIPOLOGIA: Jardim.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia, contemplação/fruição, recreio e atravessamento.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O jardim é um lugar pleno de simbolismos e de tradição para a sociedade de Beja. A ordem e a proporção dos elementos compõem um espaço de grande atractividade para diferentes utilizadores, que encontram aqui um lugar ao sol ou à sombra, de passeio, recreio, convívio e interacção com outras pessoas. Em tempos o Jardim tinha usos e actividades intensivas, o principal espaço “ao ar livre” era atractivo como lugar de fruição, convívio, recreio e lúdico. Com a construção do Parque da Cidade (localizado na periferia) a dinâmica alterou-se, hoje, os principais utilizadores que permanecem durante algum período de tempo pertencem ao grupo etário da população envelhecida e crianças.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na zona de encosta com exposição solar a Nascente. Na relação do Jardim com a área envolvente apresenta um desnível, mais acentuado a norte com uma diferença altimétrica aproximadamente três metros. No interior do Jardim o relevo é praticamente plano.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Fechado por gradeamento de ferro e com duas portas de acesso, desde o interior do Jardim são perceptíveis os seus limites. O Jardim possui forma rectangular caracterizado por uma estrutura formal geometrizada de composição rectilínea. Esta estrutura expressa um carácter da arquitectura romântica, pela composição e harmonia entre os elementos, no contraste claro-escuro produzido pela vegetação, utilizando espécies exóticas, nos caminhos rectilíneos que se intersectam entre si e na criação de lugares pitorescos intimistas associados aos tanques e coreto.

A partir da entrada Poente, marcada pela estátua do Lidador, estende-se na direcção Nascente o principal eixo estruturante do Jardim, concretizado numa rua alargada. Este eixo ladeado por árvores e canteiros culmina no monumento alusivo à morte do Lidador, em painel de azulejo implantado na fachada do volume edificado com cobertura em terraço. Adoçado ao volume edificado está implantado o polidesportivo.

Paralelamente ao eixo principal, a Norte, encontra-se um lugar de fruição, uma varanda/miradouro que se estende ao longo deste limite do Jardim. A meio do percurso de miradouro, está implantado o quiosque e a área de esplanada associada, definida por uma sebe. Contigua a esta área encontra-se a zona de mata.

A entrada Nascente é marcada pelo “lago dos patos”, o maior lago do Jardim com planta irregular, a sua maior atracção assenta nos patos, gansos e peixes. Para além deste lago há mais três, de menor dimensão, distribuídos pelo Jardim. Dois dos quais, de planta irregular, estão associados a lugares de estadia escondidos e com carácter mais intimista. O terceiro de forma rectangular está localizado no eixo principal, próximo da área envolvente à estátua em homenagem ao Lidador.

O parque infantil constituído pelo montinho alentejano e por diversos equipamentos lúdicos ocupa uma área central definida por sebe.

O coreto e o chafariz surgem em lugares isolados e ao mesmo tempo em destaque. O coreto de planta octogonal regular está colocado a Sul da rua principal e nas proximidades do parque infantil. O chafariz está próximo da entrada Nascente e por conseguinte do “lago dos patos”, implantado no centro de uma plataforma circular calcetada e rodeado de bancos.

SISTEMA DE PERCURSOS: O sistema de percursos é hierarquizado e possui uma estrutura formal. Definido por canteiros, pela distribuição da vegetação arbórea e arbustiva e pelos elementos construídos. A luz, a sombra, a cor, a textura, as vistas e o aroma, variáveis ao longo do tempo são resultado do diálogo entre os vários elementos de composição proporcionando distintas espacialidades e a fruição do passeio pelos visitantes.

SISTEMA VEGETAL: Domina no espaço, sendo utilizadas essencialmente espécies exóticas. A composição dos elementos vegetais criam contrastes claro-escuro, cheio e vazio, definem subespaços, dão cor e aroma ao Jardim. O conjunto da vegetação no Jardim desempenha um papel muito significativo na função ecológica da cidade. Das espécies presentes destacam-se as que mais predominam.

- ARBÓREO: *Araucaria columnaris* (Forst.) Hook. – Araucária; *Brachychiton populneum* (Schott & Endl.) R. Br – Braquiquiton; *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Celtis australis* L. – Lodão; *Cercis siliquastrum* L. – Olaia; *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste; *Eugenia involucrata* – Cerejeira-do-mato; *Jacaranda mimosifolia* – Jacarandá; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Berberis thunbergii* DC. cv. *Atropurpurea* – Berberis; *Nerium oleander* L. – Loendro; *Thuja sp.*; entre outros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivazes; anuais; revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor e pulverizador; localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Constituído por quatro tanques de diferentes formas e dimensões. A presença da água simboliza vida e renovação. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Total.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relva; herbáceas vivazes. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: saibro; casaca de pinho; calçada de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos, quiosque; equipamento lúdico infantil e geriátrico; gaiolas. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Década de 40, do século passado, após o ciclone que deixou devastado o Jardim, nesta altura construiu-se o ringue, as gaiolas e o parque infantil; 2009-2010.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este Jardim possui elevado valor cultural e paisagístico. Pode considerar-se um jardim histórico, com uma identidade própria e legível no sistema urbano onde se insere, e pela sua criação poética na estrutura espacial associada a um ou vários momentos da evolução de uma cultura. Como tal, insere-se o Jardim na Estrutura Verde Secundária semi-continua.

Relativamente à gestão e manutenção do espaço, apesar de recentemente ter sido sujeito a obras de melhoramento com a introdução do sistema de rega automático é de referir que, a médio prazo, deveria ser ponderado a execução de um projecto de requalificação, intervindo sobretudo na vegetação.

Sugerem-se medidas estratégicas que estimulem a presença de diferentes utilizadores no espaço e a sua interacção, as medidas assentariam na promoção de actividades: que incentivem à reflexão e à percepção da paisagem enquanto construção cultural e espacial decorrente da evolução no tempo; envolvam a comunidade na celebração de acontecimentos.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santa Maria da Feira, zona histórica, exterior ao perímetro muralhado.



Imagem satélite do Jardim da Rampa e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Designado por Jardim Rampa, devido à sua localização na encosta inclinada, ocupando uma posição periférica em relação ao centro histórico, está enquadrado pelo limite exterior do Bairro da Mouraria e pela estrada da circunvalação.



Jardim da Rampa, vista para sul, a partir do patamar inferior. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não definida.

ÁREA: 1174m².

TIPOLOGIA: Jardim.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia e atravessamento.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado ocasionalmente pelos residentes da envolvente constituída por uma população mais envelhecida.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na encosta orientada a nordeste, este lugar apresenta uma topografia acidentada, com declive muito acentuado colmatado através de patamares e escadaria de acesso às áreas adjacentes.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: A topografia do lugar foi determinante na construção da estrutura do Jardim, resultando em três patamares interceptados, aproximadamente a meio, por uma larga escadaria de acesso aos espaços adjacentes. Os patamares constituem sub-espacos que cumprem a função de estadia, onde os elementos de composição são a vegetação, os muros de suporte que definem a forma e os bancos de pedra.

A posição altimétrica constitui uma plateia cuja tela projecta-se na paisagem, a Norte do espaço, estabelecendo interessantes relações visuais com o espaço exterior.

SISTEMA DE PERCURSOS: Este lugar é atravessado longitudinalmente por percurso de ligação entre duas zonas da cidade.

SISTEMA VEGETAL: Encontra-se em equilíbrio com os restantes elementos de composição do espaço. A presença dos elementos vegetais contribui para a componente estética do lugar distribuídos isoladamente, em sebe e em grupo.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

- ARBUSTIVO: *Nerium oleander* L. – Loendro; *Thuja orientalis* Linn; Sebe. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

- HERBÁCEO: vivazes. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Manual.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existe.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não existe.

- INERTE: terra vegetal (compacta); calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau (saibro); bom (calçada).

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos em pedra e papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Razoável.

ACESSIBILIDADES: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não foram identificadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O Jardim possui valor paisagístico, pelo contexto urbano que o envolve e a relação física e visual que estabelece com o seu entorno. Este espaço pode ser integrado no sistema descontínuo de espaços abertos, na estrutura verde da cidade.

É lugar de ligação e fruição da paisagem, contudo são evidentes os sinais de degradação deste espaço, com consequente perigo para a integridade dos utilizadores, refere-se mais concretamente ao mau estado de conservação dos bancos e às pedras soltas que delimitam os canteiros. Não menos importante é o estado de conservação da vegetação, que é mau.

Como tal, o Jardim da Rampa deveria ser alvo de um projecto de requalificação paisagística que valorizasse o espaço.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Urgente.



Jardim da Rampa. A sebe está parcialmente destruída e o pavimento em saibro degradado. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona histórica, exterior ao perímetro muralhado.



Imagem satélite do Jardim da Muralha e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O Jardim da Muralha tem uma localização urbana central. É um Jardim interior, junto a um troço da muralha, nas traseiras das ruas Capitão João Francisco e Sembrano. Uma das particularidades deste Jardim é o acesso à ligação entre as ruas anteriormente referidas. Essa ligação pedonal é feita através da galeria, com uma estrutura de arcos e abóbadas, pertence à antiga casa senhorial do século XVII.

Este espaço não é perceptível para quem percorre as ruas circundantes, os portões de acesso facilmente se confundem com os das casas particulares. O acesso está condicionado ao período diurno.



Uma das duas entradas para o Jardim da Muralha, a partir da Rua Capitão João Francisco. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não definida.

ÁREA: 1119m².

TIPOLOGIA: Jardim/Pátio interior.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia e atravessamento.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O Jardim da Muralha é um lugar de memória cuja função principal é valorizar o património arquitectónico adjacente, como tal é um lugar visitado por turistas e também por “curiosos” que desejam ver o que está para além dos portões.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado sobre a encosta, com uma inclinação média, orientada a Sul. O jardim apresenta uma topografia plana com desníveis ligeiros, colmatados por meio de muretes de suporte, escadas e rampas.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Jardim de planta linear, encontra-se fechado pelos planos verticais, os elementos de composição distribuem-se linearmente ao longo da muralha, interceptados por escadas de acesso às várias portas que atravessam a muralha.



Antiga casa senhorial, onde pertence a galeria centenária que permite a ligação deste espaço à Rua do Sembrano. (Fonte: Ana P. Velhinho)

SISTEMA DE PERCURSOS: Atravessado por percurso pedonal.

SISTEMA VEGETAL: Corresponde à superfície permeável do Jardim, como material de revestimento vivo.

- ARBÓREO: não existe.

- ARBUSTIVO: não existe.

- HERBÁCEO: de revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Composto por dois tanques com repuxo. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Pouco significativa circunscrita a duas áreas rectangulares de relvado.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: tijoleira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Não tem.

ACESSIBILIDADES: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: 2004 – Projecto de requalificação, projecto da autoria do Arq.º João Santa-Rita no âmbito do Programa Polis.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Desde a requalificação a que foi sujeito, em 2004, até à actualidade, o Jardim tem vindo a degradar-se, a causa aparente desta situação deve-se à derrocada parcial de uma das casas adoadas à muralha. Contudo a gestão da manutenção e conservação deste lugar revelou ser ineficaz face às circunstâncias. Para além de alguns destroços que ainda permanecem no lugar, detectou-se que o tanque e a iluminação estão destruídos, umas das duas áreas relvadas está seca e com infestantes e que o pavimento encontra-se degradado.

Um dos factores que afasta os utentes deste lugar, para além do desconhecimento da sua existência, é a insegurança, por ser um lugar fechado e “escondido” tornou-se refúgio de indigentes.

Como tal, o Jardim da Muralha deveria ser objecto de um projecto de requalificação paisagística de conservação e valorização do património arquitectónico que o contem e que é a matriz da identidade deste lugar.

Como espaço fechado e parte integrante neste Jardim, à galeria deveria estar associada mais do que uma utilização, de modo a tornar este espaço mais dinâmico e contribuindo para atrair mais pessoas, com por exemplo actividades associadas à cultura e a eventos sociais (exposições, animações, pequenos concertos, etc.).

A colocação de painéis informativos, junto aos acessos de ambas as ruas, contribuiriam para informar e divulgar este lugar.

Ainda assim, o Jardim poderia ser inserido no tecido urbano bastante denso e continuamente edificado, deveria integrar na Estrutura Verde Secundária descontinua.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Urgente.



Elemento de água, do Jardim da Muralha, destruído. (Fonte: Ana P. Velinho)



Alguns destroços da casa destruída por derrocada. (Fonte: Ana P. Velinho)



Galeria, mostrando no fundo a porta para a Rua do Sembrano. (Fonte: Ana P. Velinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona histórica exterior ao perímetro muralhado, Bairro das Portas de Mértola.



Imagem satélite do Jardim das Portas de Mértola e da sua envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O seu nome deve-se à proximidade à antiga Porta de Mértola. Este jardim tem uma localização urbana central, onde a malha apresenta-se consolidada e compacta.

Está limitado pelas traseiras de casas de habitação, de arquitectura típica alentejana, casas térreas ou de dois pisos, caiadas e de telha, excepto a Sul, onde é limitado por prédio plurifamiliar de três pisos e arquitectura contemporânea.

O acesso é feito a partir da Rua das Portas de Mértola (Norte) e pela Rua do Canal (Sul).

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90 do séc. XX.

ÁREA: 742m².

TIPOLOGIA: Jardim.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Recreio e estadia.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O Jardim é muito pouco frequentado, sendo os seus utilizadores, na maioria, indigentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Zona de encosta, exposta a Sul, corresponde ao sistema seco. Apresenta um declive acentuado, vencido por meio de patamares e muros de suporte.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O Jardim tem forma irregular definida pelos limites edificados. Pequenos muros

compartimentam o espaço, separando as diferentes zonas funcionais. Assente em três patamares. No superior, de maior dimensão é o espaço de recreio e estadia, o patamar intermédio, está associado ao elemento de água criando um sub-espço de carácter mais intimista coberto por pérgula. O elemento de água é o elemento polarizador e de ligação dos dois patamares, sendo o de cota inferior, utilizado, essencialmente, para a circulação.

Desde o seu interior o observador tem a sensação de contenção pelo volume dos edifícios, os limites permeáveis, contudo difusos não permitem o contacto visual com o espaço envolvente.

SISTEMA DE PERCURSOS: Atravessado por percurso pedonal de ligação às ruas adjacentes.

SISTEMA VEGETAL: É dominado pelos volumes inertes, tem pouca expressão na estrutura do espaço.

- ARBÓREO: *Citrus sinensis* (L.) Osbeck – Laranjeiras; *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Rosa spp.* – Roseira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: de revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Composto por tanque com repuxo (patamar intermédio), queda de água e bacia de recepção com repuxo (patamar inferior). ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.



Elemento de água associado à zona de estadia, cobertos por pérgula metálica. (Fonte: Ana P. Velhinho)

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial, corresponde à zona de estadia e às áreas plantadas, enquanto as áreas impermeáveis localizam-se nas extremidades de acesso aos percursos e áreas envolventes.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: saibro; calçada de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos, papeleiras e candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Não cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não foram identificadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O Jardim por encontrar-se inserido no tecido urbano bastante denso e continuamente edificado deveria integrar na Estrutura Verde Secundária no sistema de espaços abertos descontínuo.

O Jardim das Portas de Mértola é um lugar com pouca legibilidade do ponto de vista da malha urbana, assim como para a população em geral, esta situação deve-se, sobretudo, às características morfológicas dos limites do espaço.

A impermeabilidade visual para o exterior e vice-versa, a par da fraca actividade social estimulam a intimidade do lugar e o sentido de insegurança.

No que diz respeito à gestão e manutenção do lugar apresenta-se cuidada e limpa.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Limites físicos do Jardim com o espaço privado.
(Fonte: Ana P. Velhinho)



Plano geral do patamar de cota superior. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão, Bairro do Ultramar.



Imagem satélite do Jardim dos Namorados e a envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O Jardim dos Namorados tem uma localização periférica, a Sul, relativamente ao centro da cidade. O bairro, onde se insere possui estrutura rectilínea, é constituído por tipologias mistas de prédios altos e moradias unifamiliares. Como tal, este jardim tem uma dimensão à escala do Bairro.

Os limites do Jardim são definidos pelas Ruas circundantes, a Norte, a Rua de Angola e a Rua de Moçambique, a Sul, a Rua do Estado da Índia e a Nascente, encontra-se “encostado” às fachadas laterais das moradias.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Em 1960, projecto da autoria dos Arquitectos Paisagistas António Viana Barreto e Álvaro Dentinho.

ÁREA: 3335m².

TIPOLOGIA: Jardim, arquitectura recreativa.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Recreio, estadia, fruição, estética e circulação.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O Jardim é utilizado por diferentes grupos sociais, residentes do Bairro que o frequentam diária ou semanalmente.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado na encosta exposta a Sul, o Jardim apresenta um relevo irregular, ligeiramente ondulado, contrastando com áreas planas.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O aprazível Jardim dos Namorados é um espaço contido pela vegetação, de forma irregular. Possui uma composição arquitectónica e vegetal

desenhada segundo uma estrutura orgânica onde foram contempladas funções de lazer e de recreio.

O desenho orgânico é constituído pelos caminhos sinuosos, pelos canteiros de forma indefinida, onde se insere a vegetação ornamental. Esta composição naturalizada está, também, patente no contraste claro-escuro produzido pela vegetação, no relevo ondulado, nos muros de pedra irregular que ladeiam os percursos e sustentam a terra.

As zonas de clareira correspondem às áreas definidas para as actividades de recreio.

Os limites do Jardim são definidos e perceptíveis, não há uma leitura imediata de todo o espaço, pois a vegetação bloqueia a permeabilidade visual.

Os dois elementos que se encontram presentes no jardim são elementos de referência na memória deste lugar, cujas características formais e culturais facilitam na percepção da identidade do Jardim.

SISTEMA DE PERCURSOS: O jardim possui um sistema de percursos sinuosos deambulatórios que percorrem todo o espaço e que estão articulados aos passeios envolventes.

SISTEMA VEGETAL: É dominante em relação ao espaço construído e do volume dos edifícios envolventes. Os três estratos vegetais são elementos de composição do espaço e de identidade da forma do mesmo, dando ao utilizador distintas sensações de contemplação e ambiências.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia; *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Lavandula angustifolia* Mill – Alfazema; *Ligustrum lucidum* W. T. Aiton – Ligustro; *Santolina chamaecyparissus* L. *chamaecyparissus* – Santolina. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor e pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Total, apenas os percursos são semi-impermeáveis.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: lajetas irregulares de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos, papeleiras e candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Em 2009 sofreu uma intervenção que permitiu algumas alterações no sistema vegetal, a instalação da rega automática, novo mobiliário urbano, bem como melhoria e recuperação da iluminação e do pavimento. Esta intervenção esteve a cargo da CM de Beja – DZV.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O Jardim dos Namorados é um lugar que contribui para a identidade da transformação da paisagem urbana, valorizando o ecossistema urbano. Deste modo, deverá integrar na Estrutura Verde Secundária semi-continua.

A caracterização deste lugar é definida através dos elementos naturais e artificiais, geradores do espaço, articulados expressam uma criação poética e uma ordem estética.

O Jardim expressa uma imagem conservada e manutenção cuidada. Não obstante, nos maciços de árvores e arbustivos verifica-se pequenas aberturas decorrentes do envelhecimento dos exemplares e das podas mais agressivas a árvores e arbustos. Como tal, propõe-se a plantação de árvores e arbustos e podas mais bem conduzidas, a fim de manter a essência do carácter do Jardim.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo. Contudo seria desejável a curto prazo a plantação de alguns elementos arbóreo/arbustivo e a realização de podas de correcção nalguns elementos arbóreos.



Vista geral do Jardim dos Namorados, a partir da Rua do Estado da Índia. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Permeabilidade visual do Jardim com a Rua de Angola. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Elemento religioso, situado no limite do Jardim com a Rua do Estado da Índia. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Elemento alusivo localizado no centro do Jardim. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão (Nascente), Bairro do Mira Serra.



Imagem satélite do Jardim do Bairro do Mira Serra e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O Bairro do Mira Serra está situado no limite do perímetro urbano, numa zona de transição para o meio rural.

Este Bairro residencial tem uma estrutura consolidada ocupada por tipologias mistas de prédios e moradias.

Este Jardim está associado ao conceito de estrutura ecológica urbana.



Vista geral do Jardim do Mira Serra, realçando o maciço arbóreo, criado pela diversidade de espécies. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 80, séc. XX.

ÁREA: 2923m².

TIPOLOGIA: Jardim.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia e fruição.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Este jardim tranquilo e sereno é frequentado ocasionalmente pela população residente do bairro.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado na vertente exposta a Este, correspondendo ao sistema seco, o declive apresenta-se muito suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O Jardim apresenta uma forma irregular, limitada e contida por sebe. Tem estrutura rectilínea definida pelos caminhos perpendiculares que cruzam e compartimentam o espaço gerando um ponto de confluência, a área de estadia, onde estão implantados alguns bancos. A vegetação cobre e ensombra todo o espaço e bloqueia as relações visuais do Jardim com o espaço envolvente, proporcionando um carácter intimista e de privacidade.

SISTEMA DE PERCURSOS: O Jardim tem um traçado de percursos rectilíneo e perpendicular. Estes percursos estão articulados aos percursos urbanos envolventes.

SISTEMA VEGETAL: É dominante, a associação dos diferentes estratos são geradores das sensações de privacidade e intimidade, contrastando ora pelo volume, ora pela textura, ora pela cor, com o volume dos edifícios envolventes.

- ARBÓREO: *Brachychiton populneum* (Schott & Endl.) R. Br – Braquiquiton; *Celtis australis* L. – Lodão; *Cupressus spp.*; *Pinus pinea* L. – Pinheiro-mansó; *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano; *Populus alba* L. var. *canescens* Aiton – Choupo-cinzento; *Populus nigra* L. – Choupo negro; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Hebe speciosa*; *Pittosporum undulatum* Vent. (espécie invasora). ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: Vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Manual.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Total.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos, papeleiras e candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este Jardim está associado ao conceito de Estrutura Verde Secundária semi-continua.

O Jardim do Mira Serra apresenta indicadores de um estado de degradação avançado e de uma manutenção pouco eficaz, como por exemplo, a sebe que limita todo o espaço encontra-se parcialmente seca; as podas mal conduzidas nos arbustos e árvores; e o relvado seco, com áreas sem relva, evidência a rega insuficiente.

Não obstante, o fechamento do espaço provocado pela vegetação e a fraca iluminação conduzem ao desconforto associado à insegurança.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Curto prazo.



Sistema de rega manual. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Percurso rectilíneo, em saibro, ensombrado e delimitado por sebe de pequeno porte. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Mobiliário urbano deteriorado, assim como o relvado seco. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão, Urbanização dos Falcões.



Imagem satélite da Praceta do Mestre André de Sousa e da sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta em análise está inserida numa área residencial, a Este do centro urbano, é caracterizada pelo edificado em altura correspondendo, a arquitectura, a unidades idênticas que se repetem ao longo e dos dois lados da unidade linear que é a rua (neste caso a Rua Escritor Ferreira de Castro).

Esta praceta é uma das cinco que surgem perpendicularmente à Rua Escritor Ferreira de Castro, pelas quais se processam as entradas para os edifícios da Urbanização.



Relação dos edifícios com a Praceta. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

ÁREA: 566m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Acesso aos prédios de habitação.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes das casas adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Declive suave, exposto a Nascente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço contido e delimitado pelos edifícios que definem a forma rectangular e uma estrutura linear concretizada pela organização linear da vegetação arbórea e por pequenos muros de suporte.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, constituído por dois alinhamentos arbóreos caducos de médio porte.

- ARBÓREO: *Tilia tomentosa* Moench – Tília. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existente.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A impermeabilização é total.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não existente.

- INERTE: calçada de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço aberto poderia integrar na Estrutura Verde descontínua.

Este lugar é um espaço com pouca actividade social, utilizado indevidamente como estacionamento para os carros.

É de referir que no que respeita à manutenção deste espaço, esta, é razoável, contudo, as caldeiras das árvores demasiado reduzidas provocam danos no pavimento envolvente causados pelas raízes.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão, Urbanização dos Falcões.



Imagem satélite da Foto aérea da Praceta do Mestre António de Sousa.
(Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta em análise encontra-se na Urbanização dos Falcões situada a Nascente do centro urbano. Esta área residencial é caracterizada pelo edificado em altura correspondendo, a arquitectura, a unidades idênticas que se repetem ao longo e dos dois lados da unidade linear que é a rua (neste caso a Rua Escritor Ferreira de Castro).

Esta praceta é uma das cinco que surgem perpendicularmente à Rua Escritor Ferreira de Castro, pelas quais se processam as entradas para os edifícios da Urbanização.



Pormenor do pavimento junto ao tronco da árvore. (Fonte: Ana P. Velinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

ÁREA: 573m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Acesso aos prédios de habitação.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes das casas adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Declive suave, exposto a Nascente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço contido e delimitado pelos edifícios que definem a forma rectangular e uma estrutura linear concretizada pela organização linear da vegetação arbórea e por pequenos muros de suporte.

SISTEMA DE PERCURSOS: Os percursos urbanos envolventes estão ligados a ruas e passeios que asseguram mobilidade e conexão a diferentes espaços e meios de deslocação.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, constituído por dois alinhamentos arbóreos caducos de médio porte, na época de folhagem as copas preenchem todo o espaço aberto.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não existente.

- HERBÁCEO: não existente.

SISTEMA DE REGA: Não existente

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A impermeabilização é total.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não existente.

- INERTE: lajes de betão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço aberto poderia integrar na Estrutura Verde descontínua.

Este lugar é um espaço monótono, com pouca actividade social, utilizado essencialmente pelos residentes. É de referir que no que respeita à manutenção deste espaço esta é razoável, contudo as caldeiras das árvores demasiado reduzidas provocam danos no pavimento envolvente causados pelas raízes.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão (Nascente), Urbanização dos Falcões.



Imagem satélite da Praceta do Mestre Joaquim da Mata e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta encontra-se na área residencial, caracterizada pelo edificado em altura correspondendo, a arquitectura, a unidades idênticas que se repetem ao longo e dos dois lados da unidade linear que é a rua (a Rua Escritor Ferreira de Castro). É uma das cinco que surgem perpendicularmente à Rua Escritor Ferreira de Castro, pelas quais se processam as entradas para os edifícios da Urbanização.



Vista geral da Praceta, a partir da Rua Escritor Ferreira de Castro. (Fonte: Ana P. Velinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004.

ÁREA: 490m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Acesso aos prédios e espaço de estadia.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes das casas adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Declive suave, exposto a Nascente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço está contido pelos prédios de habitação definindo a forma rectangular, a

abertura larga do limite aumenta a permeabilidade do espaço com o espaço contíguo. O desenho do plano horizontal e a distribuição equilibrada dos elementos em torno de um eixo conferem-lhe uma planta simétrica.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percurso rectilíneo articulado aos acessos dos prédios.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, composto por árvores e arbustos de folha persistente distribuídos equilibradamente no espaço permitindo a relação visual entre os edifícios e o espaço exterior.

- ARBÓREO: *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste; *Grevillea robusta* A. M. Cunn. ex R. Br. – Grevíia. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Nerium oleander* L. – Loendro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor e pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial. As áreas permeáveis correspondem aos canteiros revestidos com relva.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: Relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Bom.

- INERTE: Calçada irregular de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros; bancos em pedra. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço aberto poderia integrar na Estrutura Verde descontínua. Este espaço aberto poderia integrar na Estrutura Verde descontínua. Este lugar é um espaço aprazível contempla uma agradável zona de estadia, com uma imagem clara, cuidada e limpa, contudo, a área desocupada de acesso aos prédios é reduzida, o que para situações de emergência não é funcional.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão, Urbanização dos Falcões.



Imagem satélite da Praceta do Mestre António da Mata e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A área residencial onde está inserida a Praceta situa-se a Este do centro urbano. Esta área residencial é caracterizada pelo edificado em altura, correspondendo a unidades idênticas que se repetem ao longo e dos dois lados da unidade linear que é a rua. Esta praceta é uma das cinco que surgem perpendicularmente à Rua Escritor Ferreira de Castro.



Vista geral da Praceta, a partir da Rua Escritor Ferreira de Castro. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2008.

ÁREA: 492m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Acesso aos prédios de habitação.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes das casas adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Declive suave, exposto a Nascente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço está contido pelos prédios de habitação definindo a forma rectangular, a abertura larga do limite aumenta a permeabilidade do espaço com o espaço contíguo. O desenho do plano

horizontal e a distribuição equilibrada dos elementos em torno de um eixo conferem-lhe uma planta simétrica.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percurso rectilíneo articulado aos acessos dos prédios.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, composto por árvores e arbustos distribuídos isoladamente no espaço permitindo que haja relação visual entre os edifícios e o espaço exterior.

- ARBÓREO: *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias; *Prunus cerasifera* var. *pissardii* (Carrière)L.H. Bailey – Ameixeira-de-jardim. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: De folha persistente. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor e pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial. A área permeável corresponde à superfície relvada.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada irregular de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros; bancos em pedra. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço aberto poderia integrar na Estrutura Verde descontínua.

Este lugar tem uma imagem clara e cuidada, contudo, a área de acesso aos prédios é reduzida sendo agravada pela Palmeira plantada muito próxima da entrada do prédio, o que para situações de emergência não é funcional.

Relativamente à manutenção do espaço aberto, esta é boa, contudo, encontra-se uma árvore que deve ser retirada por se encontrar seca.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Palmeira plantada muito próxima da entrada do prédio. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Relação do espaço aberto com os prédios circundantes. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão, Urbanização dos Falcões.



Imagem satélite da Praça de Soror Mariana Alcoforado e a sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta encontra-se na Urbanização dos Falcões situada a Nascente do centro urbano. Esta área residencial é caracterizada pelo edificado em altura correspondendo, a arquitectura, a unidades idênticas que se repetem ao longo da rua. O acesso automóvel é feito pela Rua Escritor Ferreira de Castro.



Vista parcial, a Norte, da Praceta. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2008.

ÁREA: 492m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Acesso aos prédios de habitação e estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pela população residente nos prédios e área envolvente.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado na vertente exposta a Nascente, o declive apresenta-se suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço contido pelos prédios de habitação, cujos limites são permeáveis, com duas aberturas paralelas (a Oeste e a Este) que permitem a

circulação de pessoas e veículos atribuindo uma forma irregular ao espaço de organização linear.

SISTEMA DE PERCURSOS: Os percursos urbanos envolventes estão ligados a ruas e passeios que asseguram mobilidade e conexão a diferentes espaços e meios de deslocação.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, composto por alinhamentos de árvores caducifólias de médio porte.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão; *Cercis siliquastrum* L. – Olaia; *Melia azedarach* L. – Mélia; *Robinea spp.* (espécie invasora). ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: Não tem.

- HERBÁCEO: revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexiste, a superfície é impermeável.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: calçada de granito; lajes de betão; alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço aberto poderia integrar na Estrutura Verde descontínua.

A Praceta de Soror Mariana Alcoforado é um espaço de estacionamento automóvel, de apoio à Urbanização. No aspecto funcional este não está bem definido, estando as áreas de circulação para os peões e veículos difusas, assim como os acessos às entradas dos prédios.

Relativamente à gestão propõe-se maior atenção para o número de árvore em falta e para o pavimento danificado, para além do que anteriormente foi referido.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão (Nascente).



Imagem satélite da Praceta Francisco O'Neil e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta Francisco O'Neil localiza-se numa área residencial, na zona de expansão, a Nascente do centro do aglomerado urbano. A malha urbana está consolidada mas não compacta, definida pelo edificado de tipologia plurifamiliar. Os edifícios são constituídos por blocos semelhantes que se repetem ao longo do espaço canal, rua larga e arborizada, de dois sentidos e com lugares de estacionamento. O espaço aberto resulta da implantação dos prédios ao longo de duas ruas paralelas.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004.

ÁREA: 2520m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de estadia associado ao recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diário pelos residentes dos prédios e áreas circundantes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Situado na vertente exposta a Nascente, nesta zona o declive é acentuado, sendo colmatado por meio a escadarias, rampas e muros de suporte.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço está contido pelos prédios de habitação que constituem os limites permeáveis da Praceta. O desenho orgânico desenvolve-se a partir do relevo e é constituído pelos caminhos, escadas, rampas, anfiteatros e a vegetação ornamental que ladeia estas construções. O conjunto dos dois ringues polarizam este

espaço e funcionam como espaços de recreio e desporto livre.

SISTEMA DE PERCURSOS: Os percursos sinuosos ligam o interior da Praceta aos percursos urbanos envolventes.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, composto por vegetação arbórea, arbustiva e herbácea de folha persistente e caduca. A vegetação abriga e protege este espaço e os seus utentes das horas de maior insolação, bloqueando a comunicação visual com os edifícios circundantes. Das espécies presentes destacam-se as que mais predominam.

- ARBÓREO: *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Jacaranda mimosifolia* – Jacarandá; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Lantana camara* L. – Lantana; *Lantana montevidensis*; *Lavandula angustifolia* Mill. – Alfazema; *Nerium oleander* L. – Loendro; *Rosmarinus officinalis* L. – Alecrim. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial, a área impermeável corresponde às áreas de circulação como percursos, rampas e escadas para além de um dos anfiteatros ser impermeável, possibilitando uma maior diversidade de actividades, nomeadamente sobre rodas.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: pavimento betuminoso; pavés; saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros e papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A Praceta é um espaço multifuncional que promove a vivência social, o encontro e convívio entre as pessoas, sobretudo desfrutar do espaço

livre. Para além de contribuir e valorizar o ambiente estético e funcional desta área residencial.

Não obstante evidencia problemas na manutenção, nomeadamente:

- arbustos, herbáceas e relvados secos;
- muro de suporte de terra parcialmente destruído;
- infestantes no pavimento.

Propõem-se medidas que vão ao encontro das situações anteriormente nomeadas.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Relação do espaço aberto com os prédios circundantes. (Fonte: Ana P. Velhinho)



A rampa circular assegura a mobilidade dos utentes. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste).



Imagem satélite da Praceta Prof. Agostinho da Silva e a envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta Prof. Agostinho da Silva está inserida na zona de expansão na direcção Sudeste. Zona residencial, estruturada a partir das ruas largas e arborizadas, delimitadas pelos edifícios, predominantemente blocos de prédios em altura de tipologia plurifamiliar, definindo uma malha urbana consolidada e desafogada caracterizada pelo ritmo das fachadas e pela rede descontínua de espaços abertos adjacentes à habitação, as pracetas.



Vista geral, da Praceta, a partir do espaço exterior adjacente. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2001.

ÁREA: 1379m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de estadia e recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diário pelos residentes dos prédios adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia plana, com um declive muito suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Contido, forma quadrangular e limitado pelos prédios adjacentes. A planta geométrica é definida através dos canteiros onde está plantada a vegetação ornamental, o desenho em quadrícula do pavimento e pela distribuição do mobiliário urbano.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, composto por vegetação arbustiva e herbácea. A vegetação desempenha um papel estético, permitindo aos moradores a observação e contemplação do material vivo.

- ARBÓREO: não tem.

- ARBUSTIVO: *Lantana camara* L. – Lantana; *Nerium oleander* L. – Loendro; *Pistacia lentiscus* L. – Aroeira; *Rosmarinus officinalis* cv. Prostratus – Alecrim rastejante. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial, a área permeável corresponde aos canteiros revestidos por relva, onde está plantada a vegetação e uma pequena área revestida com gravilha.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: gravilha e calçada de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos, candeeiros, bebedouro e papeleira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O espaço analisado, integrado na rede edificada, poderia integrar na Estrutura Verde Secundária semi-continua. Relativamente à manutenção esta aparenta estar adequada às necessidades deste lugar.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Este).



Imagem satélite da Praceta João Villarett e da envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta está inserida na zona de expansão a Este do centro do aglomerado. Zona residencial, estruturada a partir das ruas largas e arborizadas e pelos edifícios, blocos de prédios em altura de tipologia plurifamiliar. A malha urbana consolidada e desafogada é caracterizada pelo ritmo das fachadas e pela rede semi-continua de espaços abertos adjacentes à habitação, as pracetas.



Praceta João Villarett.
(Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2006.

ÁREA: 1100m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de estadia associado ao recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diários para os residentes dos prédios adjacentes, contudo os seus utilizadores mais frequentes são as crianças.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia plana, com um declive suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço de forma regular está contido pelos limites permeáveis definidos pelos prédios. A planta geométrica organiza os elementos de forma agrupada.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, composto por vegetação arbórea e herbácea.

- ARBÓREO: *Grevillea robusta* A.M. Cunn. ex R. Br. – Grevíla; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: Não tem.

- HERBÁCEO: Vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Parcial, a área permeável corresponde aos canteiros revestidos por relva.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro e pavimento sintético em SBR. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Equipamento lúdico infantil; bancos em madeira; candeeiros; papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Espaço aberto associado à Estrutura Verde Secundária semi-continua. A Praceta João Villarett, possui equipamentos lúdicos que valorizam o convívio e interação com o espaço exterior junto às habitações. Contudo, a vegetação arbórea está plantada muito próxima dos edifícios, esta situação poderá de futuro gerar conflitos com a vizinhança, sendo necessário desde cedo proceder a podas de manutenção mais intensivas.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste).



Imagem satélite da Praceta nas traseiras da Rua Bernardo Santareno e área envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta está localizada a Sudeste do centro urbano, numa área habitacional servida de algum comércio e próxima da Escola Básica Mário Beirão (a Sul da Rua Cidade de São Paulo). Esta área habitacional é marcada pelo ritmo das fachadas dos prédios, semelhantes, de três a quatro andares que delimitam as ruas largas e arborizadas, constituindo uma rede semi-contínua de espaços abertos públicos ao longo desta área urbana consolidada e desafogada.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

ÁREA: 3320m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de estadia associado ao recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diário para os residentes dos prédios adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia relativamente plana, com um declive ligeiro.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: É um espaço contido, com planta e forma irregular definida através dos canteiros.

A área de estadia, pavimentada com calçada e ladeada por canteiros e bancos, localiza-se no centro da Praceta, no eixo de ligação das duas aberturas do espaço. A abertura dos limites proporciona a relação visual com a envolvente, facilitando o atravessamento e a sua ligação com o espaço envolvente.

O equipamento infantil implantado na extremidade Sul do espaço e na área mais sombria é o espaço de recreio dos mais novos.

SISTEMA DE PERCURSOS: É constituído por um traçado rectilíneo de ligação às ruas envolventes.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental com diversidade de espécies exóticas, composto por vegetação arbórea e herbácea. A vegetação domina neste espaço e é um elemento de valorização das características identitárias do lugar.

- ARBÓREO: *Brachychiton populneum* (Schott & Endl.) R. Br – Braquiquiton; *Celtis australis* L. – Lodão; *Grevillea robusta* A.M. Cunn. ex R. Br. – Grevíla; *Melia azedarach* L. – Mélia; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Hebe speciosa*; *Lantana camara* L. – Lantana; *Lantana montevidensis*; *Lavandula angustifolia* Mill. – Alfazema; *Nerium oleander* L. – Loendro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: Vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Dominante, a área permeável corresponde aos canteiros revestidos por relva, onde está plantada a vegetação, já a área impermeável corresponde às zonas de circulação, estadia, recreio e de acesso às garagens (em alcatrão) dos prédios adjacentes.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro, pavimento sintético em SBR e alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Equipamento lúdico infantil; bancos em pedra; candeeiros; papeleiras. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O espaço aberto público em estudo possui um valor identitário inerente às características formais criadas intencionalmente pelo Homem proporcionando espacialidades diferentes, correspondendo às necessidades do ambiente social envolvente.

É de valorizar a adaptabilidade, deste espaço, para usos e vivências diversas, como sejam esplanada e eventos culturais ocasionais, contribuindo positivamente para a dinâmica do lugar, assim como para o reconhecimento e segurança.

A manutenção do lugar é boa, aparenta uma imagem limpa e os elementos de composição encontram-se em bom estado de conservação.

Contudo o uso abusivo da relva, nos canteiros que não são usados pelos utilizadores, não garante a sustentabilidade deste lugar representando um impacte ambiental e económico menos positivo, pois aquando da estação seca, o relvado apresenta sinais de secura sendo necessário aumentar o período de rega. Sugere-se a atribuição de um nome à praça como reconhecimento do lugar.

Dada a sua localização e sua composição, este lugar poderia vir a integrar na Estrutura Verde Secundaria semi-continua.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Espaço central da Praceta. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Relvado apresenta sinais de secura. (Fonte: Ana P. Velhinho)



O limite permeável permite a mobilidade dos peões e o acesso de veículos motorizados às garagens dos prédios envolventes, a partir da Rua Isabel Covas Lima (Nascente). (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste), Urbanização do NERBE.



Imagem satélite da Praceta da Urbanização do NERBE. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta ocupa uma posição periférica relativamente ao aglomerado urbano.

Encontra-se envolvida por edifícios de arquitectura habitacional de tipologia plurifamiliar, cujos limites permeáveis permitem a comunicação visual com a praceta das traseiras da Rua Bernardo Santareno e com o Jardim do Mira Serra.

Na memória cultural, este lugar está associado a um troço da antiga estrada da Salvada (freguesia rural do concelho de Beja), em funcionamento até finais dos anos 80.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2009, Projecto da CMB.

ÁREA: 4011m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de recreio infanto-juvenil associado à estadia e convívio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diários para a população residente das habitações adjacentes da envolvente. É a população infanto-juvenil que utiliza intensivamente este lugar.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia plana, com um declive ligeiro.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Planta geométrica definida através da composição arquitectónica e vegetal, contemplando vários espaços com funções desportiva, recreativa e de lazer. O equipamento polidesportivo ocupa

a posição central e é o elemento motor do espaço. A Praceta contempla três zonas de estadia, duas das quais (a Norte e a Sul do polidesportivo) estão mais expostas e associadas à função de recreio, uma outra possui um carácter mais intimista e tranquilo envolvido por uma composição vegetal mais diversificada de herbáceas e árvores. O restante espaço dispõe de uma área livre em relvado e saibro e é atravessado por percurso que acompanha e liga trajectos frequentes.

SISTEMA DE PERCURSOS: Dispõe de percursos rectilíneos que se intersectam entre si. Os percursos estão ligados a passeios e ruas adjacentes assegurando a mobilidade e conexão a diferentes espaços e meios de deslocação.

SISTEMA VEGETAL: É constituído por vários elementos vegetais, tradicionais na paisagem portuguesa. Estes elementos naturais vivos atribuem frescura, cor e contraste com o material inerte. Das espécies presentes destacam-se as que mais predominam.

- ARBÓREO: *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Celtis australis* L. – Lodão; *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste; *Grevillea robusta* A.M.Cunn. ex R. Br – Grevília; *Jacaranda mimosifolia* – Jacarandá; *Melia azedarach* L. – Mélia; *Olea europaea* L. – Oliveira; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Lavandula angustifolia* Mill. – Alfazema; *Rosmarinus officinalis* L. – Alecrim. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: Vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Domina a superfície impermeável, revestida com vários materiais inertes.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: saibro, pavimento sintético em SBR, betão poroso, calçada de vidro e alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Polidesportivo; bancos em madeira; candeeiros; papeleiras; suporte de bicicletas; bebedouro.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A Praceta é um espaço de recreio e vivências sociais.

Encontra-se articulada com o espaço envolvente. Deste modo, integraria a Estrutura Verde Secundária semi-continua.

Possui uma imagem clara e limpa decorrente da manutenção contínua, à excepção do relvado que apresenta zonas secas, necessitando de períodos de rega mais intensivos.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Área de estadia de carácter mais intimista.
(Fonte: Ana P. Velhinho)



Praceta da Urbanização do NERBE. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Relação visual entre a Praceta e os edifícios adjacentes e vice-versa. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste).



Imagem satélite da Praceta Antunes da Silva e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Este espaço aberto está delimitado por blocos de prédios altos, tipologia de habitação e o seu comprimento encontra-se perpendicular ao espaço canal de grande movimento viário. Nesta direcção está localizada a escola básica Mário Beirão e o parque de feiras e exposições (mais a Sul).

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2003.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação e acesso pedonal e automóvel aos prédios circundantes.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diários para a população residente nas habitações adjacentes.

ÁREA: 1202m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia plana, com um declive suave.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço contido pelos prédios de habitação que delimitam a forma rectangular, a abertura larga do limite confere-lhe uma maior permeabilidade visual e física com os espaços contíguos. Apresenta uma planta onde os elementos estão agrupados no centro do espaço.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental. Estes elementos naturais vivos atribuem contraste com o material inerte e maciço do edificado, dominante no lugar.

- **ARBÓREO:** *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Ficus elastica* Roxb. – Borracheira; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- **ARBUSTIVO:** ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- **HERBÁCEO:** Revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É pouco significativa, corresponde á área do canteiro.

> **MATERIAL DE REVESTIMENTO:**

- **VIVO:** relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- **INERTE:** calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos em madeira; candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O valor da identidade deste lugar está inerente ao carácter contextual envolvente, manifestando-se no valor da pertença pelos utilizadores diários (os residentes) deste espaço.

Este espaço poderá integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura verde Secundária.

A Praceta estabelece uma clareza de delimitações e uma ligação fácil com o edificado adjacente, sendo a composição do espaço adequada às solicitações do uso. Apresenta uma imagem cuidada e limpa.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Praceta Antunes da Silva.
(Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste), situada nas traseiras das Pracetas Antunes da Silva e Prof. Montalvão Marques.



Imagem satélite da Praceta e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Este espaço aberto está delimitado por blocos de prédios altos, tipologia de habitação e o seu comprimento encontra-se perpendicular ao espaço canal de grande movimento viário. Nesta direcção está localizada a escola básica Mário Beirão e o parque de feiras e exposições (Sul).

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação, acesso pedonal e automóvel aos prédios circundantes. É também espaço de estadia associado ao recreio infantil.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diária para a população residente nas habitações adjacentes.

ÁREA: 4011m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia plana, com um declive ligeiro.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço aberto, rectangular com os limites em forma U.

No centro do espaço estão implantados o canteiro e o equipamento de recreio infantil.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, cria o contraste com o espaço construído, dominante no lugar.

- ARBÓREO: *Grevillea robusta* A.M.Cunn. ex R. Br – Grevília; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Lavandula angustifolia* Mill. – Alfazema; *Rosmarinus officinalis* L. – Alecrim. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: vivazes; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É pouco significativa.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro; pavimento sintético, SBR. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos em madeira; candeeiros; equipamento lúdico infantil. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço poderá integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura verde Secundária.

A Praceta estabelece uma clareza de delimitações e uma ligação fácil com o edificado adjacente, sendo a composição do espaço adequada às solicitações do uso. Apresenta uma imagem cuidada e limpa.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Praceta, vista geral.
(Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste), situada nas traseiras das Pracetas Antunes da Silva e Prof. Montalvão Marques.



Imagem satélite da Praceta Prof. Montalvão Marques e sua envolvente.
(Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Este espaço aberto está delimitado por blocos de prédios altos, tipologia de habitação e o seu comprimento encontra-se perpendicular ao espaço canal de grande movimento viário. Nesta direcção está localizado o parque de feiras e exposições.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação pedonal, estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diária para a população residente nas habitações adjacentes.

ÁREA: 1720m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta declive ligeiro.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço de planta linear é contido, com forma regular definida pelos limites permeáveis dos prédios de habitação.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental. A principal função, neste lugar é o ensombramento do estacionamento automóvel.

- ARBÓREO: *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze - Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Lavandula angustifolia* Mill. – Alfazema; *Rosmarinus officinalis* L. – Alecrim. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: calçada de vidro; alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço poderá integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura verde Secundária.

A Praceta estabelece uma clareza de delimitações e uma ligação fácil com o edificado adjacente, sendo a composição do espaço adequada às solicitações do uso. Apresenta uma imagem cuidada e limpa.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Praceta Montalvão Marques. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste).



Imagem satélite da Praceta Maria Judite de Carvalho e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta Maria Judite de Carvalho e a Praceta (não possui uma designação) localizada paralelamente a Sul da primeira constituem uma unidade, por serem semelhantes na tipologia, função e morfologia. Estes espaços abertos encontram-se separados e delimitados por blocos de prédios altos, tipologia de habitação e o seu comprimento encontra-se perpendicular ao espaço canal de grande movimento viário. Nesta direcção está localizado o parque de feiras e exposições.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004.

ÁREA: Praceta Maria Judite de Carvalho 1549m²; Praceta a Sul 1691m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação pedonal, estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Tem uma utilização diária pelos residentes das habitações adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: A sua localização está orientada a Sul, Apresenta declive ligeiro.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço aberto, rectangular, planta geométrica, os limites fechados pelos edifícios dão a forma de U, o limite aberto encontra-se a Sul, assim como a sua exposição solar.

A barreira central divide a Praceta e ordena o sentido do trânsito automóvel, assim como o estacionamento. Esta barreira é utilizada como caldeira linear sobrelevada onde estão plantados os elementos arbóreos.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, constituído por árvores exóticas, cuja principal função neste lugar é fazer sombra ao estacionamento automóvel.

- ARBÓREO: *Robinea pseudoacacia* L. – Robínea (espécie invasora). ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: calçada de vidro; alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço poderá integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura verde Secundária.

A Praceta estabelece uma clareza de delimitações e uma ligação fácil com o edificado adjacente, sendo a composição do espaço adequada às solicitações do uso. Apresenta uma imagem cuidada e limpa.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Praceta Maria Judite de Carvalho. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste), Urbanização da Frasac.



Imagem satélite da Praceta Carlos Oliveira e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta encontra-se inserida numa urbanização, cujos edifícios correspondem a unidades idênticas que se repetem ao longo do espaço canal, rua. A Praceta Carlos Oliveira é uma das três Pracetas entre quatro blocos perpendiculares à rua circundante. As outras duas Pracetas (não têm um nome próprio) encontram-se a Norte e a Sul da Praceta em análise e possuem um desenho semelhante.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

ÁREA: Praceta Carlos Oliveira 875m²; Praceta a Norte 674m²; Praceta a Sul 825 m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: A Praceta Carlos Oliveira serve de acesso aos prédios circundantes, as restantes duas têm uma função estética.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diária pelos residentes das habitações adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Relativamente plano.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço contido, rectangular, planta geométrica, os limites em forma de U, aberto a Poente. O centro da Praceta Carlos Oliveira é marcado por três canteiros (dois rectangulares e o do meio quadrado) circundado pela área pedonal em calçada. O desenho das restantes Pracetas é constituído por canteiro rectangular que cobre grande parte da superfície deste lugar.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, constituído por árvores exóticas, cuja principal função neste lugar é estético.

- ARBÓREO: *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Rosa spp.* ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Correspondem a áreas delimitadas, canteiros, sendo pouco significativa na Praceta Carlos Oliveira e com maior relevância nas restantes.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros; bancos. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço poderá integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura verde Secundária. O valor da identidade deste lugar está inerente ao espaço urbano onde se insere, à forma e desenho, assim como, à noção de pertença pelos utentes que são os mesmos que aqui vivem.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Conjunto das Pracetas da Urbanização da FRASAC. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (Sudeste).



Imagem satélite da Praceta da Rua Artur Semedo e sua envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta encontra-se numa área urbana residencial, com uma estrutura consolidada organizada através da disposição e volumetria dos edifícios de habitação envolvidos pelos espaços abertos, como ruas, pracetas e espaços de recreio (corte de ténis).

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004.

ÁREA: 2159m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação e acesso às garagens dos prédios adjacentes; estacionamento automóvel; estadia.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diária pelos residentes das habitações adjacentes.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Relativamente plano.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Contido pelos prédios, os limites em “U” dão a forma rectangular ao espaço estando o limite aberto no sentido poente. A composição arquitectónica e vegetal desenhada e definida de forma funcional contempla a área de circulação automóvel que delimita e envolve a zona de estadia. Este sub-espaço de estadia apresenta uma planta geométrica, em que os elementos se distribuem de forma simétrica.

SISTEMA DE PERCURSOS: Articulado a percurso de escala maior, de ligação entre habitação e equipamentos de utilização diária e colectiva.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, constituído por árvores exóticas, que amenizam o ambiente soalheiro e inerte.

- ARBÓREO: *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda; *Tipuana tipu* L. – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Lantana camara* L. – Lantana; *Lavandula angustifolia* Mill. – Alfazema; *Rosa spp.* ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É pouco significativa tendo em conta que a permeabilidade da superfície corresponde à revestida com relva, a restante área está pavimentada com diferentes materiais inertes que não favorecem a infiltração da água.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: calçada de vidro; calçada de granito; alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros; bancos. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Este espaço poderá integrar no sistema de espaços abertos descontínuos integrados na Estrutura verde Secundária. O valor da identidade deste lugar está inerente ao espaço urbano onde se insere, à forma e desenho, assim como, à noção de pertença pelos utentes que são os mesmos que aqui vivem. Este ordenamento urbano evidencia uma qualidade urbana assente na relação da volumetria dos edifícios com o espaço aberto envolvente e no tratamento dos mesmos, assim como pela ligação e continuidade a outros lugares e equipamentos.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Zona de estadia da Praceta. (Fonte: Ana P. Velinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (no sentido Sul).



Imagem satélite do Parque das Grevílias e o espaço urbano que o envolve. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Este lugar está inserido num conjunto urbano constituído por tipologias mistas de prédios e moradias articulados à estrutura urbana por uma rede de espaços abertos de tipologias diversificadas que se encontram adjacentes às habitações e na sua envolvente, como por exemplo o Estádio Municipal Flávio dos Santos.



Área de recreio, do Parque das Grevílias. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2008.

ÁREA: 3321m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Recreio; estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Diária pelos residentes das habitações adjacentes e da sua envolvente imediata.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta um declive médio, colmatado por meio a muretes, rampas e taludes.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: O espaço possui forma irregular, com o comprimento no sentido Norte-Sul, desenho geométrico, contido pelos seus limites permeáveis encontra-se dividido em dois sub-espacos por rua transversal as ruas envolventes. Estes sub-espacos têm funções diferentes, a Sul, a composição dos elementos destina-se à função de recreio com equipamentos lúdicos, desportivos e geriátricos, a Norte assume a função de parque de estacionamento.

SISTEMA DE PERCURSOS: o traçado dos percursos tem um traçado rectilíneo havendo o cruzamento entre si.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental, constituído por árvores exóticas, a vegetação ladeia e ensombra caminhos e zonas de estadia.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão; *Grevillea robusta* A.M.Cunn. ex R. Br – Grevília; *Phoenix canariensis* – Palmeira-das-Canárias; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda; *Washingtonia filifera* – Palmeira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Berberis thunbergii* DC. cv. Atropurpurea; *Rosmarinus officinalis* L. – Alecrim; *Santolina chamaecyparissus* L. – Santolina; *Teucrium fruticans* L. – Salvia amarga. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – aspersor; localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É parcial, contudo prevalece a superfície impermeável.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: placas SBR; pavimento em betão, pavês; alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Polidesportivo, lúdico infantil e geriátrico; bebedouro; papelreira; candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O valor da identidade deste lugar está inerente ao espaço urbano onde se insere, à forma e desenho, assim como, à noção de pertença pelos utentes, que são os mesmos que aqui vivem. É de valorizar a função deste espaço aberto que promove o convívio e interação entre as pessoas mas também a diversidade de equipamentos que incentivam a actividade física para todas as faixas etárias da população, contribuindo para o bem-estar físico e psicológico das pessoas.

As características deste espaço aberto podem associar-se à Estrutura verde Secundária descontinua.

Este ordenamento urbano, à escala do bairro, evidencia uma qualidade urbana assente na relação da volumetria dos edifícios com o espaço aberto envolvente e no tratamento dos mesmos, assim como pela ligação e continuidade a outros lugares e equipamentos.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Área de recreio, do Parque das Grevílias. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Estacionamento automóvel, na parte Norte da Praceta. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista, zona de expansão (no sentido Sul).



Imagem satélite da Praceta Al Mutamid e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Este lugar está inserido num conjunto urbano constituído por tipologias mistas de prédios e moradias articulados à estrutura urbana por uma rede de espaços abertos de tipologias diversificadas que se encontram adjacentes às habitações e na sua envolvente.



Praceta Al Mutamid. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

ÁREA: 3321m².

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia associada ao recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado semanal ou diariamente pelos residentes das habitações adjacentes e da sua envolvente imediata, ocasional para jovens que frequentam a escola situada nas imediações deste espaço.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia relativamente plana.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Estrutura ortogonal definida pelos canteiros, ladeando pequenos sub-espacos e

caminhos em labirinto causando a sensação de deambulação.

As sensações de contenção e privacidade são causadas pela existência dos limites edificados e pela vegetação existente. Do exterior a apreensão deste espaço não é imediata para quem percorre as ruas envolventes.

SISTEMA DE PERCURSOS: Os percursos pedonais têm um traçado reticulado, em labirinto.

SISTEMA VEGETAL: O elenco vegetal, constituído pelos três estratos, surge em canteiros geométricos de dimensões variadas e em caldeiras. Esta associação dos elementos vivos cria diferentes ambiências (umas mais intimistas outras mais expostas), gera contrastes cromáticos, fornece sombra e frescura ao espaço, tornando a sua estadia mais aprazível.

- ARBÓREO: *Ficus elastica* Roxb. - Borracheira; *Melia azedarach* L. - Mélia; *Pinus pinea* L. - Pinheiro-manso; *Plantanus hybrida* Brot. - Plátano; *Schinus molle* L. - Pimenteira-bastarda; *Tilia argentea* DC - Tília. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: *Euonymus japonicus* Thunb - Evônimo; *Rosmarinus officinalis* L. - Alecrim; *Ligustrum lucidum* L. - Ligustro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivazes; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão - pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É parcial, contudo prevalece a superfície impermeável. Os pavimentos são variados, contribuindo para a definição de áreas com diferentes funções: áreas de recreio, estadia e repouso.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: betão poroso e em blocos pavés; calçada de vidro, saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos; candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A Praceta Al Mutamid é um espaço à escala do bairro, ponto de convívio e estadia associada ao recreio livre. Encontra-se bem enquadrada no tecido urbano e articulada aos espaços envolventes. As características deste espaço aberto podem associar-se à Estrutura verde Secundária semi-continua.

Relativamente à manutenção há a apontar pormenores que podem por em causa a salvaguarda deste lugar e dos seus utilizadores, tais como: a relva apresenta zonas secas; o pavimento junto às árvores encontra-se danificado; há pavimento solto pela praceta; a área pavimentada com saibro possui infestantes e o saibro necessita de ser reforçado. Como tal, as propostas de intervenção vão no sentido de colmatar os pontos focados anteriormente, sugerindo a substituição da relva por outro elemento vegetal, como por exemplo, arbusto de pequeno porte. Não obstante, de um modo geral, a Praceta aparenta uma imagem limpa e segura.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Praceta Al Mutamid. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Entrada Sul da Praceta
Al Mutamid. (Fonte:
Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona de expansão (no sentido Poente).



Imagem satélite da Praceta Beja III e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Praceta Beja III localiza-se na zona de expansão no sentido poente, na Urbanização Beja III, nas imediações do Instituto Politécnico de Beja e do Hospital. Esta Urbanização é constituída por tipologias mistas de prédios e moradias articulados pelos espaços abertos adjacentes (ruas e pracetas) e envolventes (públicos e privados). O edificado envolvente contempla, na sua maioria, no rés-do-chão comércio e serviços. É uma parte do tecido urbano que tem desenvolvido uma dinâmica urbana associada às actividades existentes.



Praceta Beja III, a partir do exterior. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2007.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia associada ao recreio infantil.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado semanal ou diariamente pelos residentes das habitações adjacentes e da sua envolvente imediata ou pela população que trabalha ou estuda nas imediações deste espaço.

ÁREA: 2500m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: A topografia deste espaço apresenta uma inclinação, no sentido Sul, sendo resolvida por meio a patamares. Como resultado da sua localização e da morfologia do relevo o sistema ecológico correspondente é seco.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço limitado pelos prédios circundantes de forma quadrangular. Predomina a sensação de amplitude em relação à contenção, uma vez, que do seu interior o espaço é perceptível, encontra-se “limpo” de obstáculos visuais. O espaço organiza-se segundo a topografia, de planta radial, pequenos muros em semicircunferências delimitam os patamares e pelo pavimento com desenho igual à forma dos muros esta característica contribui para a definição de áreas com diferentes funções: áreas de circulação, estadia, esplanada e recreio.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não tem um sistema de percursos definido.

SISTEMA VEGETAL: Constituído por dois tipos de árvores diferentes plantadas em caldeiras.

- ARBÓREO: *Jacaranda mimosifolia* – Jacarandá; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: betuminoso; calçada de vidro; placas SBR; tijoleira. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Equipamento lúdico infantil; bebedouro; papeleiras; suporte de bicicletas; candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: É um espaço à escala do quarteirão, contemplando vários usos é atractivo para

diferentes pessoas. As características deste lugar podem associar-se à Estrutura verde Secundária ao sistema semi-contínuo de espaços abertos.

Transmite segurança e uma imagem limpa decorrente da boa manutenção e conservação deste lugar. Não obstante, até as árvores atingirem o porte normal este espaço carece de refúgio para protecção da exposição solar nas horas de maior calor durante época estival.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Praceta Beja III. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona de expansão (no sentido Poente).



Imagem satélite da Praceta Diário do Alentejo e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Localiza-se na zona de expansão no sentido poente, nas imediações do Instituto Politécnico de Beja e do Hospital. O edificado envolvente é de habitação e as ruas são à escala do Bairro e têm uma densidade de tráfego baixa, estas ruas articulam a Praceta Diário do Alentejo a outros espaços abertos, alguns com a mesma tipologia que se encontram muito próximos. Encontra-se inserida numa parte do tecido urbano que tem desenvolvido uma dinâmica urbana associada às actividades existentes.



Praceta Diário do Alentejo. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc.XX.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes das habitações adjacentes, pelo qual têm acesso às mesmas.

ÁREA: 1709m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma topografia plana, na relação com a envolvente Poente, este apresenta-se sobrelevado aproximadamente um metro e meio sendo esta diferença altimétrica resolvida por muros de contenção e o acesso efectuado por escadas e rampas.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: À medida que se desloca no tecido urbano não se tem a percepção da sua existência por se encontrar contido pelos edifícios de habitação. As sensações de contenção, sombrio/frescura, privacidade e intimidade são provocadas pela existência dos limites permeáveis do edificado (de três a quatro andares) imediatos e pela organização segundo canteiros geométricos revestidos por relvados, estruturam os caminhos estreitos “rendilhado” que percorrem todo o espaço.

SISTEMA DE PERCURSOS: O percurso pedonal tem um traçado reticulado, em labirinto.

SISTEMA VEGETAL: A vegetação homogénea surge em canteiros geométricos de dimensões variadas. Esta associação vegetal acentua o carácter privado e fresco ao espaço.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Hebe speciosa*; *Nerium oleander* L. – Loendro.

- HERBÁCEO: revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

SISTEMA DE REGA: Localizada – gota-a-gota.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Dominante. A área permeável está contida nos canteiros.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: lajes de betão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A Praceta Diário do Alentejo é um lugar que desempenha um papel na leitura deste conjunto urbano e possui um carácter residencial quase privado pois proporciona o convívio e a apropriação do espaço público pelos moradores dos prédios imediatamente adjacentes. Como tal, o raio de influência e de atracção é reduzida e a densidade de utilização é baixa. As características deste espaço aberto podem associar-se à Estrutura verde Secundária semi-contínuo.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Praceta Diário do Alentejo. (Fonte: Ana P. Velinho)



Praceta Diário do Alentejo. (Fonte: Ana P. Velinho)



Acesso para a Praceta. (Fonte: Ana P. Velinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona de expansão (no sentido Poente).



Imagem satélite da Praceta e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Localiza-se na zona de expansão no sentido poente, nas imediações do Hospital. O edificado envolvente é de habitação, de cariz social, as ruas circundantes articulam a Praceta a outros espaços abertos localizados nas imediações, alguns com a mesma tipologia.



Praceta, cuja utilização é de estacionamento automóvel. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc.XX.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estacionamento automóvel.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes das habitações adjacentes.

ÁREA: 4525m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta uma inclinação ligeira no sentido Poente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: À medida que se desloca no tecido urbano não se tem a percepção da sua existência por se encontrar contido pelos edifícios de habitação. Tem uma estrutura compartimentada por muros semi-circulares. Os

alinhamentos arbóreos seguem a mesma curvatura dos muros.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percurso rectilíneo que atravessa o espaço cruzando-se com outros percursos semi-circulares.

SISTEMA VEGETAL: Constituído por árvores plantadas em caldeiras.

- ARBÓREO: *Catalpa bignonioides* Walter – Catalpa. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Inexistente.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Candeeiros. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Da Praceta, com carácter residencial quase privado, percepção-se apropriação do espaço público pelos moradores dos prédios imediatamente adjacentes. Como tal, o raio de influência e de atracção é muito reduzida e a densidade de utilização é baixa. Assim, este lugar encontrar-se-ia associado à Estrutura Verde Secundário descontínua.

A composição do espaço está adequada às solicitações do uso.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, Bairro da Nossa Sr.ª da Conceição.



Imagem satélite da Praceta António Botto e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Localiza-se na zona de expansão na periferia da cidade (no sentido Nascente), ocupada com habitação unifamiliar, construção de qualidade, homogénea e replicativa nas formas arquitectónicas das moradias.

Na envolvente muito próxima (a Poente) encontra-se o Barranco do Poço dos Frangos, linha de água de regime torrencial, única a atravessar o perímetro urbano.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Estadia.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizada ocasionalmente pelos residentes das habitações adjacentes.

ÁREA: 897m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Numa situação de vale adjacente à linha de água, esta área tem uma forma plana larga que diferencia a área ecológica correspondente ao sistema húmido.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço de forma irregular definido pelos limites permeáveis formados pelas moradias unifamiliares de dois andares. A estrutura geométrica está definida pela sequência das formas similares dos elementos que se repetem a intervalos regulares que marcam um ritmo na composição, nomeadamente os bancos e as floreiras que constituem pequenos recantos de estadia.

A vegetação mais densa, extremidade a Norte do espaço, origina uma ambiência mais fresca tornando a sua estadia mais aprazível.

SISTEMA DE PERCURSOS: Tem um percurso que percorre todo o espaço.

SISTEMA VEGETAL: Construído por diversidade de elementos distribuídos isoladamente e em mancha nos limites da área da Praceta, a vegetação proporciona contraste cromático com os elementos de composição.

- ARBÓREO: *Melia azedarach* L. – Mélia; *Prunus cerasifera* var. *pissardii* – Ameixeira-de-jardim; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Berberis thunbergii* DC. cv. *Atropurpurea*; *Rosa spp.*; *Thuja orientalis* Linn. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Manual.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Total, à excepção da área pedonal adjacente às casas.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: saibro; lajes de betão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Esta Praceta, à escala do bairro, está localizada numa zona com valor ecológico potencial, uma vez, que está próximo de ocorrências naturais como a linha de água, numa zona de transição do meio rural para o urbano, contribuindo para a biodiversidade urbana. Contudo, este factor pouca influência parece ter na composição deste espaço aberto – Praceta António Botto. Começando pela sua localização que deveria ser contígua à margem do Barranco do Poço dos Frangos ao invés das moradias (construção que separa estes dois espaços abertos), condicionando o usufruto das sensações e

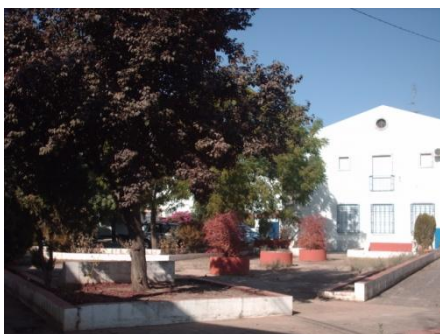
ambiências que esta linha de água poderia proporcionar podendo atrair uma população mais abrangente oriunda de outras zonas da cidade. Uma outra razão diz respeito as espécies plantadas, que deveriam estar associadas ao sistema húmido. Assim a Praceta António Botto estaria inserida no sistema semi-contínuo da Estrutura Verde Secundária.

O estado de manutenção e conservação evidencia algum “desleixo”, apresentando falhas nas podas mal conduzidas nos arbustos e árvores e na presença de infestantes no saibro. A intensidade de uso é muito baixa, podendo estar relacionada com o raio de influência e atracção reduzidos e pelo facto das pessoas que aqui residem terem o seu próprio espaço aberto (quintais e pequenos jardim).

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Relação da Praceta com as moradias adjacentes
(Fonte: Ana P. Velhinho)



A vegetação mais densa, na extremidade a Norte, origina uma ambiência mais fresca. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, Urbanização dos Moinhos.



Imagem satélite da Praceta e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Periurbano, surge na recente zona de expansão Norte, localizada na Urbanização dos Moinhos, essencialmente, destinada à habitação é constituída por edifícios em altura de tipologia plurifamiliar e por moradias unifamiliares.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 90, séc. XX.

TIPOLOGIA: Praceta.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Enquadramento.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Intensidade de utilização baixa sendo os utilizadores habituais os residentes das habitações adjacentes.

ÁREA: 1334m².

MORFOLOGIA DO RELEVO: Numa situação de encosta com exposição solar orientada a Norte correspondendo a área ecológica ao sistema seco.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: A Praceta tem uma planta rectangular, linear e estreita, no sentido Norte-Sul. As sensações de contenção são causadas pela existência de limites edificados altos. Este espaço é constituído pela sequência de vários canteiros rectangulares sobrelevados.

SISTEMA DE PERCURSOS: Percurso linear articulado às ruas envolventes.

SISTEMA VEGETAL: Ornamental.

- ARBÓREO: *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: revestimento.

SISTEMA DE REGA: Aspersão.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Pouco representativa, limitada à área dos canteiros.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: revestimento – relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Equipamento lúdico infantil. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: Esta Praceta insere-se na Estrutura Verde Secundária descontínua. Este lugar tem uma função de enquadramento urbano, é um espaço pouco vivido e com pouca afluência. A manutenção razoável de que é alvo preserva a imagem cuidada.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Extremidade Norte da Praceta. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Extremidade Sul da Praceta. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona histórica dentro e fora do perímetro das muralhas.



Imagem satélite do espaço envolvente ao Castelo de Beja e o espaço urbano envolvente. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O castelo, núcleo principal do conjunto fortificado, ocupa uma posição isolada e localiza-se no centro de Beja no topo da colina, cuja encosta se estende a malha urbana. O espaço aberto de valorização e protecção das muralhas encontra-se na encosta exposta a Norte adjacente às muralhas (num patamar inferior ao Castelo).

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 1960, projecto do Arqt.º Paisagista António Viana Barreto. (Os trabalhos de desobstrução junto às muralhas teve início em 1938).

ÁREA: 1,7ha.

TIPOLOGIA: Enquadramento e protecção das muralhas.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Enquadramento e recreio livre.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: O ritmo de utilização é variada pode ser diário, semanalmente ou ocasionalmente pela população do centro urbano e área de influência, assim como, por turistas.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Numa situação de encosta com exposição solar orientada a Norte, correspondendo a área ecológica ao sistema seco. O declive é acentuado e ligeiramente ondulado.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: De toda a área circundante percepçiona-se um espaço aberto de grandes dimensões, amplo, atravessado por percurso longitudinal contínuo entre os arcos das Portas de Évora e Aviz. A morfologia do relevo oferece pontos visuais dominantes. A vegetação

densa e variada constitui o principal elemento definidor de distintas ambiências e sensações, ora áreas resguardadas e intimistas ora áreas expostas, que este lugar cultural oferece. A área mais desocupada pode ser utilizada para recreio livre.

No mesmo plano de nível do Castelo e a Poente encontra-se outro espaço aberto de enquadramento e funciona como estacionamento automóvel. Daqui o observador pode debruçar-se sobre a muralha e ter uma larga vista e percepção do espaço envolvente a Norte.

SISTEMA DE PERCURSOS: Esta área é atravessada por um percurso longitudinal que continua pelas áreas envolventes.

SISTEMA VEGETAL: Há uma diversidade de elementos, destacando-se a presença de espécies arbóreas característicos da paisagem alentejana, e outras tradicionais na paisagem portuguesa. Entre as espécies presentes destacam-se:

- ARBÓREO: *Cedrus sp.* – Cedro; *Celtis australis* L. – Lodão; *Ceratonia siliqua* L. – Alfarrobeira; *Ficus carica* L. – Figueira; *Fraxinus angustifolia* Vahl – Freixo; *Ligustrum lucidum* L. – Ligustro; *Melia azedarach* L. – Mélia; *Morus sp.* – Amoreira; *Olea europaea* L. – Oliveira; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano; *Prunus cerasifera* var. *pissardii* – Ameixeira-do-jardim; *Prunus dulci* – Amendoeira; *Quercus rotundifolia* Lam – Azinheira; *Salix babylonica* L. – Salgueiro-chorão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Berberis thunbergii* DC. cv. *Atropurpurea*; *Crataegus monogyna* Jacq. – Pilriteiro; *Euonimus japonicus* Thunb. – Evonimo; *Heliotropium arborescens* – Baunilha de jardim; *Hibiscus syriacus* L. – Hibisco; *Lantana camara* L. – Lantana; *Ligustrum sinensis*; *Nerium oleander* L. – Loendro; *Pitosporum tobira* (Thunb.) W. T. Aiton – Pitósporo; *Punica granatum* var. *nana* – Romanzeira de jardim; *Ruscus aculeatus* L. – Gilbardeira; *Spiraea cantoniensis* Lour. – Sempre-noiva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivazes; revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Aspersão; localizada.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A área é totalmente permeável, permite a diminuição dos caudais de escorrência devido à infiltração da água.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: revestimento – relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: saibro; calçada irregular de granito. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Mesas e bancos. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: A singularidade deste lugar está associada a elementos monumentais, emblemáticos para a cidade, como o Castelo e a muralha, referências estruturantes da malha urbana de Beja. Lugar cultural com sinais de memória compreensíveis valoriza o património histórico mas também reforça a biodiversidade e a ecológica urbana, associada à Estrutura Verde Secundária semi-continua.

É um lugar atractivo que projecta boa imagem, tem vistas para contemplar, com vários motivos para fotografar, os peões dominam no uso do espaço, e possui qualidade funcional para caminhar e praticar desporto livre. A boa imagem também se deve à manutenção periódica das equipas de manutenção da divisão de espaços verdes da CMB.

Contudo os aspectos menos positivos relacionam-se com a segurança e a fraca iluminação do espaço, assim como, os sinais de vandalismo de que é alvo (danos no sistema de rega e candeeiros, por exemplo). Outro aspecto é a carência de lugares para sentar.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Arco da Porta de Évora, junto à muralha, a poente, do Castelo. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Espaço envolvente do Castelo e muralhas. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Relevo ondulado, com declive acentuado. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Caminho longitudinal que percorre todo este espaço. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Espaço que se encontra no mesmo nível da entrada do Castelo, utilizado como parque de estacionamento. (Fonte: Ana P. Velhinho)



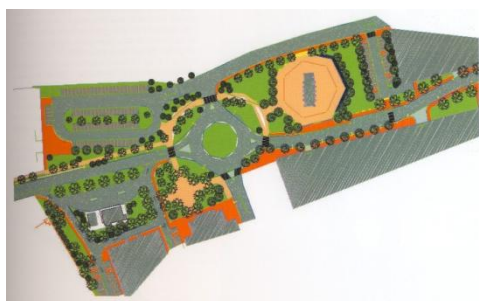
Vista ampla, a partir do espaço utilizado como parque de estacionamento. (Fonte: Ana P. Velhinho,)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona periférica.



Ermida de Santo André e da sua envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Ermida de Santo André, arquitectura religiosa do séc. XII, foi erguida isoladamente no campo, hoje está inserida no contexto urbano numa zona periférica próxima do espaço rural e junto a outros lugares de culto como o Cemitério e o Convento do Carmelo. O espaço aberto de enquadramento da Ermida está integrado na estrutura ecológica encontra-se ligado a um conjunto de espaços abertos associados ao recreio e desporto, a equipamentos e a espaços memória (Cemitério).



Planta geral do projecto de intervenção do espaço envolvente da Ermida de Santo André e áreas circundantes. (Foto: Polis)

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004, projecto da autoria do Arqt.º Paisagista Júlio Moreira, no âmbito do Programa Polis.

ÁREA: 6905m².

TIPOLOGIA: Enquadramento e protecção à Ermida de Santo André.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de recreio e convívio social.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado diariamente pelos residentes seniores da área envolvente, que

aproveitam as características do espaço para jogarem à malha, conviverem e interagirem com outras pessoas. É visitado por turistas que caminham pela cidade e com interesse pelo património local.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta um declive suave no sentido Poente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: É um lugar facilmente apreendido por todos os que se deslocam na área circundante, encontra-se isolado e limites abertos. De planta radial/centralizada a Ermida destaca-se no centro da composição, num terreiro plano, servindo de cenário ao pequeno anfiteatro implantado a Nascente desta. É no espaço octogonal ensaibrado junto à Ermida que os utentes convivem e praticam o jogo da malha. A demais área está coberta de relva e vegetação densa tornando o ambiente mais fresco.

SISTEMA DE PERCURSOS: Este espaço encontra-se associado a percursos que acompanham o espaço com trajectos diversificados podendo o caminhante usufruir de uma alquimia de sensações.

SISTEMA VEGETAL: Está presente uma diversidade de espécies, umas tradicionais na paisagem portuguesa e simbologia associada ao culto religioso, outras espécies presentes estão associadas a ambientes exóticos mas tradicionais na paisagem urbana. Entre as espécies presentes destacam-se:

- **ARBÓREO:** *Brachychiton populneum* – Braquiquiton; *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Celtis australis* L. – Lodão; *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste; *Olea europaea* L. – Oliveira; *Sophora japonica* L. – Sofora-do-Japão. **ESTADO DE CONSERVAÇÃO:** razoável.

- **ARBUSTIVO:** *Nerium oleander* L. – Loendro; *Thuja sp.*, entre outros. **ESTADO DE CONSERVAÇÃO:** bom.

- **HERBÁCEO:** revestimento. **ESTADO DE CONSERVAÇÃO:** razoável.

SISTEMA DE REGA: Aspersão; localizada.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A área é totalmente permeável, permite a diminuição da escorrência e o aumento da infiltração da água.

> **MATERIAL DE REVESTIMENTO:**

- VIVO: revestimento – relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: É um lugar cultural de memórias e de valorização da Ermida de Santo André, património arquitectónico e cultural. O espaço de enquadramento à Ermida integra-a no tecido urbano e funciona com espaço de desafogo que garante o equilíbrio da sua envolvente. Estabelece ligação de forma semi-continua com outros espaços abertos, devendo por isso integrar na estrutura Verde Secundária.

O lugar projecta boa imagem com uma boa manutenção e conservação dos elementos constituintes. Os residentes poderão encontrar um espaço de lazer e convívio que contribuirá para a melhoria da sua qualidade de vida.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Espaço de enquadramento à Ermida. (Fonte: Ana P. Velinho)



Ermida de Santo André. (Fonte: Ana P. Velinho)



Espaço de enquadramento à Ermida. (Fonte: Ana P. Velinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia do Salvador, zona de expansão (junto ao Seminário).



Foto aérea do Jardim do Mercado. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Designado popularmente por Jardim do Mercado devido à proximidade ao Mercado Municipal, este lugar tem uma localização urbana periférica relativamente ao centro histórico, já inserido na zona de expansão (Este) com uma malha urbana contínua e consolidada. Contíguo ao muro do Seminário, os outros limites são definidos pelas ruas circundantes.

Isoladamente, este espaço constitui uma pequena mancha permeável e “verde”, contudo encontra-se nas proximidades de dois importantes espaços abertos permeáveis – o Jardim Público e o Seminário – e na intersecção de duas ruas arborizadas. Como tal, do ponto de vista do sistema urbano, o Jardim do Mercado constitui um corredor verde integrado na Estrutura Ecológica da cidade.



Vista geral do Jardim do Mercado. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não foi identificada.

ÁREA: 668m².

TIPOLOGIA: Jardim/Espaço de enquadramento.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Circulação e estadia.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilização diária por um grupo variado de pessoas.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Apresenta um declive suave exposto a Sul.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço aberto, forma irregular definida pelos limites contidos. O maciço arbóreo tornando-o sombrio pela absorção da luz solar.

SISTEMA DE PERCURSOS: Atravessado por percurso linear, que assegura a permeabilidade e conexão a diferentes ruas.

SISTEMA VEGETAL: É dominante, cobrindo todo o espaço, composto pelos três estratos vegetais.

- ARBÓREO: *Celtis australis* L. – Lodão; *Pinus pinea* L. – Pinheiro-mansó; *Schinus molle* L. – Pimenteira-bastarda. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: *Ligustrum lucidum* L. – Ligustro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: vivaz; revestimento - relva. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Automática: aspersão – pulverizador.

SISTEMA DE ÁGUA: Não existente.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É dominante, só o percurso que atravessa o espaço é impermeável.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- INERTE: calçada de vidro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Bancos em pedra. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não foram identificadas.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: É um espaço associado ao movimento e à continuidade do tecido urbano. Este espaço integraria na Estrutura Verde Secundária semi-continua. Aparece uma manutenção cuidada.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona periférica.



Foto aérea do Parque da Cidade e da sua envolvente urbana.
(Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O Parque da Cidade, à escala da cidade, ocupa uma posição periférica na zona de expansão Poente estruturada em função do espaço residencial, de serviços e lazer/desportiva. O Parque encontra-se limitado a Poente pelo IP2 (que também marca o limite do perímetro urbano), a Norte pela Rua de Lisboa, a Nascente pelo Bairro residencial Santo André (tipologia mista de prédios e moradias) e pela Escola Básica de Santiago Maior, a Sul a Mata dá continuidade ao espaço aberto (Parque).

O Parque integra na estrutura ecológica urbana e está ligado e contíguo a outros importantes espaços abertos, esta continuidade constitui uma cintura “verde” predominantemente permeável, com equipamentos direccionados para as actividades desportivas e recreativas ao ar livre, proporcionado ao habitante urbano desfrutar dos elementos naturais, interagir com outras pessoas e praticar exercício, para além de equilibrar o ambiente e a biodiversidade do sistema urbano.

DATA DE CONSTRUÇÃO: 2004, projecto executado pelo atelier ARPA, no âmbito da BejaPolis.

TIPOLOGIA: Parque urbano.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de lazer, recreio e convívio social.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: A área de influência abrange toda a população urbana e eventualmente a população da região. Tem uma utilização intensiva durante a semana, e muito intensiva no fim-de-semana.

ÁREA: 9ha.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na base da encosta, o Parque apresenta um declive suave exposto a Poente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Para quem se desloca na área circundante ao Parque, este é um lugar facilmente apreendido, amplo e de limites abertos.

O Parque possui uma arquitectura recreativa e uma planta geométrica, apresentando o seu maior comprimento na direcção Norte-Sul, cujo desenho contempla diversas funções, estadia, contemplação, recreio e passeio/circulação.

O lago rectangular de grandes dimensões ocupa o centro do espaço e é um elemento marcante deste lugar, este tanque abastece todos os outros tanques e canais de água situados a Poente (a cota inferior). Aos canais de água estão associadas espécies vegetais características de ambientes ribeirinhos.

A Norte do lago grande encontra-se o restaurante, onde é possível subir ao topo e desfrutar da paisagem e de onde desce a cascata para o lago. Ainda junto a este espelho de água está implantado um café esplanada.

O Parque dispõe de vários sub-espacos de estadia, de recreio, com equipamentos desportivos e lúdicos e de estacionamento automóvel.

SISTEMA DE PERCURSOS: O Parque dispõe de caminhos de trajecto rectilíneo interceptados por outros ortogonais que os ligam a percursos periféricos ao Parque.

SISTEMA VEGETAL: Domina a diversidade de espécies vegetais de diferentes estratos, associados a vários ambientes ecológicos. Estão presentes espécies características da paisagem alentejana, como os sobreiros, os pinheiros, medronheiro e o prado, outros elementos tradicionais como figueiras e nespereiras, espécies dos sistemas húmidos como os salgueiros, choupo e a vegetação ribeirinha, etc. Contudo, também está presente elementos de carácter mais urbano como os relvados, reservados para as áreas de desporto livre. Entre as espécies presentes destacam-se:

- ARBÓREO: *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Celtis australis* L. – Lodão; *Pinus pinea* L. – Pinheiro-manso; *Platanus hybrida* Brot. – Plátano; *Quercus suber* L. – Sobreiro; *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze – Tipuana. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- ARBUSTIVO: várias espécies de sistema seco e húmido.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- HERBÁCEO: várias espécies de sistemas seco e húmido.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Aspersão.

SISTEMA DE ÁGUA: Lagos, cascata e canais de água.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A área é totalmente permeável, permite a diminuição dos caudais de escorrência devido à infiltração da água.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: revestimento – relvado e prado de sequeiro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável (relvado), bom (prado).

- INERTE: saibro, gravilha e seixo. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Restaurante, café/esplanada, bancos, candeeiros, papeleiras e equipamento lúdico infantil. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE/PROPOSTAS: O Parque da Cidade está bem articulado e relacionado com o tecido urbano envolvente de forma a ser parte integrante de um conjunto de expansão em consolidação. Dispõe de uma polivalência funcional com a existência de vários sub-espacos que adquirem ambiências e funcionalidades distintas articuladas entre si, e é um lugar promotor do bem-estar físico e mental da população, assim como, do equilíbrio ecológico urbano e da biodiversidade, daí o seu valor sócio-cultural e paisagístico ser elevado. Nesta sequência, integraria o Parque na Estrutura Verde Principal.

Contudo, não está isento de alguns aspectos menos positivos. Se por um lado este espaço contribui para o equilíbrio ecológico, por outro a sua sustentabilidade não é viável, uma vez que os tanques e a rega são abastecidos através da rede pública, apresentando custos económicos e ambientais elevados. (Quando projectado, o abastecimento de água para os tanques e rega era feito a partir da estação de tratamento de águas residuais, situada a Sudoeste do Parque, ligação que nunca se concretizou). Aquando da construção do Parque o plano de plantação não foi respeitado e foram plantadas espécies que não correspondiam às indicadas e depois da obra houve a

necessidade de substituir árvores, que morreram e mais uma vez, o plano de plantação não foi respeitado. Se de futuro, caso seja necessário plantar alguma espécie ou fazer alguma alteração na estrutura do Parque seria positivo consultar o coordenador e autor do projecto inicial.

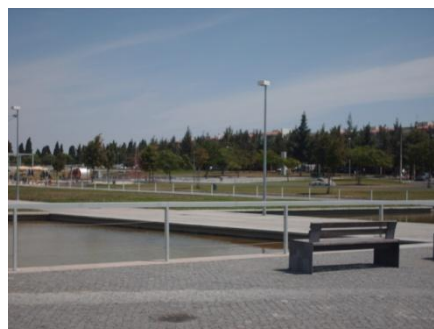
PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.



Parque da Cidade, vista para Sul a partir do topo do restaurante. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Vegetação de sistema húmido associada a canais de água. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Parque da cidade. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Caminho rectilíneo de ligação ao percurso periférico e ciclovia. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Ligação à mata (espaço contíguo), mal concluída. (Fonte: Ana P. Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona periférica.



Imagem satélite do Parque da Cidade e da sua envolvente urbana.
(Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Mata, à escala da cidade, ocupa uma posição periférica na zona de expansão Poente estruturada em função do espaço lazer/desportiva. A Mata encontra-se limitada a Poente pelo IP2 (que também marca o limite do perímetro urbano), a Norte pelo Parque da Cidade, a Nascente pelo Bairro residencial Santo André (tipologia mista de prédios e moradias) e pela Escola Básica de Santiago Maior, a Sul pelo estádio municipal Fernando Mamede.

A Mata pertence à estrutura ecológica urbana e está ligado e contíguo a outros importantes espaços abertos esta continuidade constitui uma “cintura verde” predominantemente permeável, com equipamentos direccionados para as actividades desportivas e recreativas ao ar livre, proporcionado ao habitante urbano desfrutar dos elementos naturais para praticar exercício, para além de equilibrar o ambiente do sistema urbano.



Mata. (Fonte: Ana P. Velhinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não foi identificado.

TIPOLOGIA: Parque de merendas, circuito de manutenção.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço desportivo, de lazer, recreio e convívio social.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: A área de influência abrange toda a população urbana, que usa intensivamente este espaço para práticas associadas ao desporto.

ÁREA: 7,4ha.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Localizado na base da encosta, a Mata apresenta um declive suave exposto a Poente.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Para quem se desloca na área circundante, este é um lugar facilmente apreendido. É um espaço fechado pelo maciço arbóreo e encontra-se dividido, pelas ruas que o atravessam, em três parcelas uma funciona como parque de merendas, nas outras duas está implantado o circuito de manutenção com estações equipadas com aparelhos geriátrico. O Parque de estacionamento encontra-se no cruzamento das duas ruas e serve de apoio aos utilizadores que se deslocam de automóvel.

SISTEMA DE PERCURSOS: A mata suporta uma rede de percursos contínua para peões e ciclistas.

SISTEMA VEGETAL: É monoespecífico, dominam uma espécie arbórea de origem exótica.

- ARBÓREO: *Acacia spp.*(espécie invasora); *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Eucalyptus globulus* Labill (espécie invasora). ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Domina a permeabilidade do solo.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Restaurante, café/esplanada, bancos, candeeiros, papeleiras e equipamento lúdico infantil. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE: Apresenta um valor sócio-cultural elevado não só pela localização perto de outros espaços abertos, bem como pela diversidade de infra-estruturas que permitem o seu desfrutar pela população.

A Mata integraria na Estrutura Verde Principal.

Em termos ecológicos não contribui para a diversidade, uma vez que predomina a plantação da espécie dos eucaliptos. Nos últimos anos a área da Mata tem vindo a ser reduzida devido à pressão da construção.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Circuito de manutenção passando por uma estação com aparelhos geriátricos. (Fonte: Ana P. Velhinho)



Parque de merendas equipado com casas de banhos, lava loiças e barbecue. (Fonte: Ana P. Velhinho)



O Parque de merendas é muito utilizado para piqueniques e por pessoas que fazem uma pausa na viagem. (Fonte: Ana P. Velhinho)

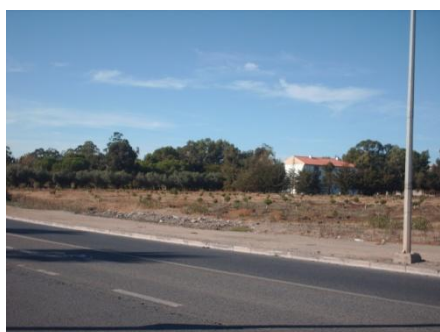
LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, Bairro dos Alemães.



Imagem satélite da Mata dos Alemães e da sua envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Mata dos Alemães está inserida no Bairro do Alemães, na zona de expansão Sul. É um bairro residencial construído na década de 60 (séc. XX) para acolher uma população nova que veio trabalhar na Base Aérea. Este conjunto urbano marcou o urbanismo da cidade, pela implantação da ocupação e disposição dos edifícios, pela tipologia construtiva de volumetria considerável, pela evidência de uma qualidade urbana no que diz respeito ao dimensionamento dos espaços abertos e a qualidade do seu tratamento.

Na vizinhança desenvolveu-se o Bairro do Ultramar (Norte-Poente), o Bairro Social do Texas e uma unidade industrial de lacticínios (Poente), o limite Sul da Mata corresponde à Rua Zeca Afonso (variante à cidade, de grande tráfego) que o separa do terreno expectante actualmente com uso agrícola.



Mata dos Alemães, com nova plantação de Pinheiros. (Fonte: Ana P. Velinho)

DATA DE CONSTRUÇÃO: Na década de 1960.

ÁREA: 6ha.

TIPOLOGIA: Mata.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço desportivo, de lazer e recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: A área de influência abrange toda a população urbana, contudo são os residentes da envolvente imediata que usam intensivamente este espaço para práticas associadas ao desporto e lazer.

MORFOLOGIA DO RELEVO: O relevo é plano com um declive muito suave exposto a Sul, correspondente ao sistema seco.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: É um espaço facilmente apreendido por quem se desloca na envolvente. As sensações de contenção e fechamento são causadas pelo maciço arbóreo de onde se abre uma clareira, nesta área está desenhado informalmente um campo de jogos, o percurso orgânico percorre toda área. Os limites da Mata a Norte são difusos, pois a vegetação dilui-se pelo espaço construído do Bairro, nas outras direcções os limites estão definidos pelos espaços canais, ruas e avenida circundantes.

SISTEMA DE PERCURSOS: A mata suporta uma rede de percursos contínua para peões e ciclistas.

SISTEMA VEGETAL: É denso e variado e é o principal elemento definidor da forma e das ambiências da Mata, constituído, essencialmente, pelo estrato arbóreo organizado em maciço. Das espécies presentes destacam-se as que mais predominam.

- ARBÓREO: *Acacia spp.* (espécie invasora); *Casuarina equisetifolia* L. – Casuarina; *Cedrus spp.*; *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste; *Eucalyptus globulus* Labill (espécie invasora); *Olea europaea* L. – Oliveira; *Pinus pinea* L. – Pinheiro-manso. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Total.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Não tem.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE: A Mata dos Alemães encontra-se bem integrada e contribui para o equilíbrio no tecido urbano. A Mata estabelece uma relação continua a outros espaços abertos predominantemente “verdes” e permeáveis constituindo um sistema de espaços abertos a integrar na Estrutura Verde Principal.

É um lugar de encontro e de lazer para os cidadãos, de atractibilidade ao nível ambiental.

A Mata dos Alemães projecta boa imagem, limpa e uma manutenção razoável. Identificou-se a necessidade de substituir algumas árvores que necessitam de ser substituídas, por apresentarem sinais de envelhecimento.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Médio prazo.



Mata dos Alemães,
espaço fechado pela
vegetação densa.
(Fonte: Ana P.
Velhinho)



Percurso de ligação
ao Bairro dos
Alemães,
atravessando a
Mata. (Fonte: Ana P.
Velhinho)

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Santiago Maior, zona periférica.



Foto aérea 49 – Foto aérea da Mata dos Alemães e da sua envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O Estádio ocupa uma posição periférica na zona de expansão Poente estruturada em função do espaço lazer/desportiva. Enquadrado pelo IP2 e pela Mata. Com uma área permeável considerável está integrado na Estrutura Ecológica Urbana, associado na categoria “sistemas associados a equipamentos”. Está contíguo a outros importantes espaços abertos esta continuidade constitui uma cintura “verde” predominantemente permeável, com equipamentos direccionados para as actividades desportivas e recreativas ao ar livre, proporcionado ao habitante urbano desfrutar dos elementos naturais para praticar exercício, para além de equilibrar o ambiente do sistema urbano.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não foi definido.

ÁREA: 1,5ha.

TIPOLOGIA: Estádio Municipal.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço desportivo, com actividades de competição.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado por atletas de competição de várias modalidades desportivas. O seu ritmo de utilização é dependente do período das actividades desportivas, competição e treinos.

MORFOLOGIA DO RELEVO: O relevo é plano com um declive muito suave, correspondente ao sistema seco.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço fechado pelos limites constituídos por gradeamento, fechado visualmente por

sebe. Espaço amplo, constituído por campo desportivo, pista de atletismo. A Poente do campo relvado, encontra-se implantado o edifício, com os balneários, que suporta as bancas.

SISTEMA DE PERCURSOS: Os percursos rectilíneos desenvolvem-se à volta das bancadas e do campo de futebol.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante, contudo gera um impacto visual de contraste, pela cor e textura.

- ARBÓREO: *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste; *Eucalyptus globulus* Labill (espécie invasora); *Melia azedarach* L. - Mélia; *Pinus pinea* L. – Pinheiro-manso. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: tem.

- HERBÁCEO: tem.

SISTEMA DE REGA: Automática - aspersão.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É dominante relativamente à área total

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: saibro; lajes de betão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Não tem.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE: Apresenta um valor sócio-cultural elevado devido à sua função, desportiva. Apresenta boas condições para esta prática.

O espaço está bem integrado no tecido urbano, ligado a outros espaços de recreio, com bons percursos de acesso que permitem diferentes mobilidades, a pé, bicicleta, carro e rede transportes colectivos, para além de integrado na Estrutura Ecológica Urbana, na proposta de revisão do PDM, também se propõe a sua integração na Estrutura Verde Secundária semi-continua.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista.



Imagem satélite do Estádio Flávio dos Santos e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: O Estádio encontra-se muito próximo do núcleo central da cidade, enquadrado pelas piscinas municipais descobertas, parque de campismo e cortes de ténis, estes conjuntos constituem uma unidade na malha urbana. Associada aos sistemas de recreio esta área considerável, onde domina a permeabilidade do solo, contribui para uma Estrutura Ecológica mais coerente no sistema urbano.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 1940.

ÁREA: 2ha.

TIPOLOGIA: Estádio Municipal.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Actualmente é um espaço expectante.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Actualmente não está a ser utilizado.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Encontra-se na encosta, ligeira orientada a sul, no entanto o estádio está assente num terreno praticamente plano.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço fechado pelos limites constituídos por muro alto. Espaço amplo, no centro do espaço está desenhado o campo de jogo, limitado a poente pelos balneários onde assentam as bancadas.

SISTEMA DE PERCURSOS: Não se encontra definido.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante, organizada linearmente no contorno dos limites do Estádio gera um impacto visual marcante identificável a partir do espaço

exterior.

- ARBÓREO: *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste. *Cedrus sp.* ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: É total em todo o espaço aberto.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: saibro. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: Não tem.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não se verificou.

DIAGNOSE: Apresenta um valor sócio-cultural muito elevado pois é um espaço de triunfos e derrotas na memória dos bejenses.

Tem um valor paisagístico elevado, desde a sua construção resistiu ao desenvolvimento urbano que crescia nas suas imediações. É um espaço aberto permeável de grandes dimensões, inserido na malha urbana e associado ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana (proposta na revisão do PDM), para além desta associação, também integraria na Estrutura Verde Secundária semi-continua, e enquanto espaço aberto predominantemente permeável interessa salvaguardar.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista.



Imagem satélite da Piscina e envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: A Piscina encontra-se muito próximo do núcleo central da cidade, enquadrado pelo Estádio Flávio dos Santos, parque de campismo e cortes de ténis, estes conjuntos constituem uma unidade na malha urbana. Associada aos sistemas de recreio esta área considerável, onde domina a permeabilidade do solo, contribui para uma Estrutura Ecológica mais coerente no sistema urbano.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Década de 1966, autor do projecto Arqt.º Lourenço Silva e do Arqt.º Paisagista G. Ribeiro Telles.

ÁREA: 1,1ha.

TIPOLOGIA: Piscina Municipal.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado por todas as camadas etárias e sociais, à excepção das pessoas portadoras de deficiência motora (não têm acessos adaptados), contudo são os jovens que mais frequentam a piscina. É uma utilização intensiva durante o Verão (período em que está aberta ao público).

MORFOLOGIA DO RELEVO: Encontra-se na encosta, ligeira orientada a sul, no entanto o espaço do complexo da piscina tem dois planos de nível.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço fechado pelos limites constituídos por muro alto, tem uma forma irregular. Espaço amplo, constituído por dois planos, no superior, a entrada dá acesso à varanda que se debruça sobre o plano inferior onde estão as piscinas. Os dois patamares estão

ligados, no espaço exterior, por escadas dirigidas à área de esplanada. No plano de nível inferior os elementos de composição distribuído de forma mista tirando partido da proximidade, destes elementos destaca-se o tanque maior de forma irregular.

SISTEMA DE PERCURSOS: Tem um percurso linear que percorre toda a área em volta da piscina.

SISTEMA VEGETAL: Não é dominante, organizada de modo a criar zonas de sombra e outras de maior exposição solar. Das espécies presentes destacam-se

- ARBÓREO: *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste. *Platanus hybrida* Brot. – Plátano. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: tem. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- HERBÁCEO: revestimento. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

SISTEMA DE REGA: Aspersão – aspersores.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A área da superfície pavimentada em relação à área permeável prevalece, pois a primeira cobre as áreas de circulação de maior intensidade, já a superfície relvada está associada aos utilizadores da piscina.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: relvado. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

- INERTE: tijoleira; calçada de calcário. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: bom.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: bar/esplanada; pranchas.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Em 2009, requalificação dos tanques, nomeadamente alteração na localização, assim como, da forma, do tanque destinado às crianças.

DIAGNOSE: Apresenta um valor sócio-cultural muito elevado, é um lugar de recreio, um ponto de convívio ao ar livre e principalmente um refúgio do calor estival alentejano. E porque o processo que deu origem à sua construção surgiu da vontade manifestada da população,

junto ao município, em ter um espaço de recreio com esta tipologia.

Tem um valor paisagístico elevado, é um lugar que marca a estrutura urbana e o seu desenvolvimento. E por estar associado ao conceito de Estrutura Verde Secundaria semi-continua.

Contudo as instalações de apoio à piscina estão a necessitar de uma requalificação, pois já apresentam sinais evidentes de degradação, desvalorizando este lugar de recreio.

Um aspecto muito importante é o da acessibilidade que não é cumprida, as ligações entre os dois espaços (entrada e o de lazer) só é assegurada por meio de escadas. Este facto representa uma lacuna gravíssima da entidade responsável, neste caso é a Câmara Municipal de Beja pela gestão deste espaço, de utilização pública e único com estas características na cidade. É urgente esta intervenção na adaptação dos acessos.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Urgente.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista.



Imagem satélite da Parque de campismo e envolvente urbana.
(Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Outrora localizado na periferia isolado (mas associado ao complexo do Estádio Fernando Mamede), o Parque de Campismo hoje, o enquadramento é urbano, numa malha em consolidação. Enquadrado pelo Estádio Flávio dos Santos, parque de campismo e cortes de ténis, estes conjuntos constituem uma unidade na malha urbana. Tem bons acessos, ligação à variante que liga ao IP2, ligação pedonal fácil ao centro da cidade e a espaços comerciais.

Associada aos sistemas de recreio esta área considerável, onde domina a permeabilidade do solo, contribui para uma Estrutura Ecológica mais coerente no sistema urbano.

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não foi definida.

ÁREA: 1,1ha.

TIPOLOGIA: Parque de campismo.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Espaço de recreio.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilizado principalmente por turistas estrangeiros que permanece durante uma temporada outros de passagem.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Encontra-se na encosta, ligeira orientada a sul, o espaço ocupado pelo parque apresenta uma topografia plana.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço fechado e limitado por muros altos e por um alinhamento de ciprestes. Espaço livre a vegetação encontra-se distribuída pelo espaço

usando uma distribuição mista. O edifício de apoio está implantado junto ao limite norte.

SISTEMA DE PERCURSOS: Tem um percurso rectilíneo junto às áreas de serviço, o restante espaço é livre.

SISTEMA VEGETAL: É o elemento de organização do espaço.

- ARBÓREO: *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste. *Cedrus spp.*; *Eucalyptus globulus* Labill (espécie invasora). ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: A área é totalmente permeável.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: terra batida. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: equipamento de apoio – casas de banho; lava-loiças; tanques.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não teve.

DIAGNOSE: É um lugar de repouso e estadia para os visitantes da cidade. O seu interesse turístico é elevado.

Tem um valor paisagístico elevado, é um lugar de estadia permanente construído para receber a população visitante da cidade que nutre um gosto pelo espaço ao ar livre. É um espaço associado ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana e Estrutura Verde Secundária semi-continua.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de São João Batista.



Imagem satélite do cemitério e sua envolvente urbana. (Fonte: Google earth)

ENQUADRAMENTO: Localizado na periferia da cidade, ocupa uma posição isolada, articulada no tecido urbano através da ligação ao espaço de enquadramento à Ermida de Santo André e da Rua de Lisboa (pelo troço arborizado).

DATA DE CONSTRUÇÃO: Não foi definida.

ÁREA: 2,6ha.

TIPOLOGIA: Cemitério.

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Cemitério.

UTENTES E RITMO DE UTILIZAÇÃO: Utilização diária. Utilizado por todas as camadas etárias e sociais.

MORFOLOGIA DO RELEVO: Encontra-se na encosta, ligeira orientada a poente, o espaço ocupado pelo cemitério apresenta um declive ligeiro.

MORFOLOGIA DO ESPAÇO: Espaço fechado e limitado por muros altos. O cemitério tem forma irregular e planta geométrica, compartimentada pelas ruas ladeadas por alinhamentos de ciprestes constituindo planos verticais.

SISTEMA DE PERCURSOS: O cemitério tem um sistema de arruamentos ortogonais.

SISTEMA VEGETAL: A vegetação utilizada tem um carácter simbólico (ascensão), e uma organização linear ao longo das ruas.

- ARBÓREO: *Cupressus sempervirens* L. – Cipreste. *Cedrus spp.*; *Eucalyptus spp.* ESTADO DE CONSERVAÇÃO: razoável.

- ARBUSTIVO: não tem.

- HERBÁCEO: não tem.

SISTEMA DE REGA: Não tem.

SISTEMA DE ÁGUA: Não tem.

PERMEABILIDADE DO SOLO: Domina a área impermeável.

> MATERIAL DE REVESTIMENTO:

- VIVO: não tem.

- INERTE: alcatrão. ESTADO DE CONSERVAÇÃO: mau.

MOBILIÁRIO URBANO E EQUIPAMENTOS: capela e bicas de água.

ACESSIBILIDADES: Cumpre.

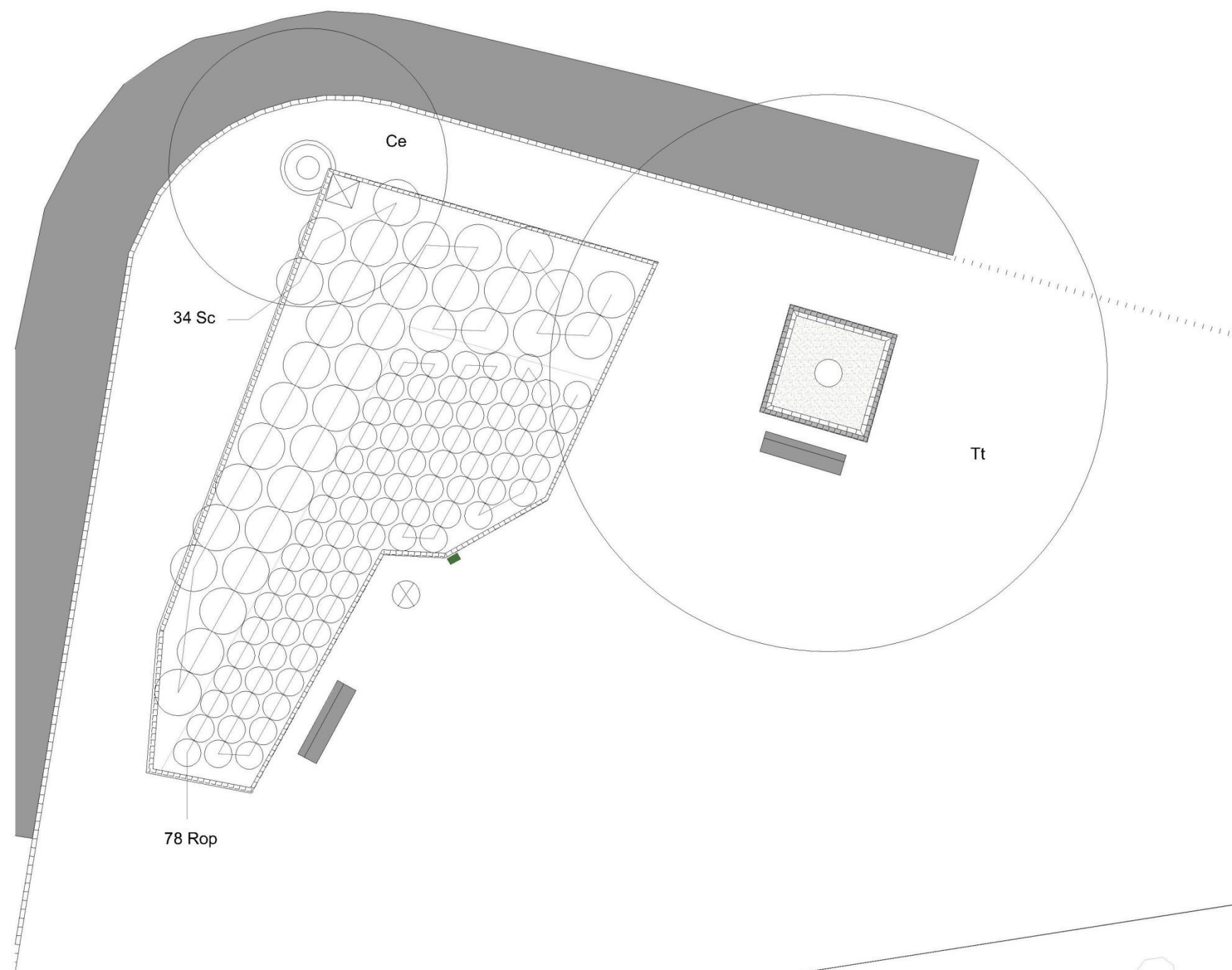
INTERVENÇÕES REALIZADAS: Não teve.

DIAGNOSE: O cemitério é um espaço de memória e contemplação, portanto de elevado valor sócio-cultural. Integrado nos sistemas associados a equipamentos na Estrutura Ecológica Urbana e a integrar na Estrutura Verde Secundária semi-continua.

PRIORIDADE DE INTERVENÇÃO: Longo prazo.

7.2 Anexos 3 – Proposta do Plano de Plantação para o espaço exterior da Urbanização do Seminário

7.2 Anexos 4 – Proposta do Plano de Plantação para o canteiro na Rua Ramalho de Ortigão



Vegetação Existente			
Árvore	Nome científico	Nome comum	Nº de plantas
Ce	<i>Casuarina equisetifolia</i>	Casuarina	1
Tt	<i>Tipuana tipu</i>	Tipuana	1
Vegetação Proposta			
Arbusto	Nome científico	Nome comum	Nº de plantas
Rop	<i>Rosmarinus officinalis prostratus</i>	Alecrim rastejante	78
Sc	<i>Santolina chamaecyparissus</i>	Santolina	34

Projectou:	Estagiária Ana Paula Velhinho	CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA			
Desenhou:	Estagiária Ana Paula Velhinho				
Verificou:		Local: Rua Ramalho de Ortigão		Ficheiro:	
Levantou:		Assunto: Requalificação de canteiro			
Data:	Ano de 2010			Desenho nº	01
Escalas:	1:100	Desenhos: Planta - Plano de Plantação Proposto		N	

